

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL – MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Gisele Padilha Simão

AS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DE MIGRANTES INTERNACIONAIS
RECENTES NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL – RS/BRASIL

Santa Cruz do Sul
2019

Gisele Padilha Simão

AS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DE MIGRANTES INTERNACIONAIS RECENTES NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL – RS/BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, linha de Pesquisa: Território, Planejamento e Sustentabilidade da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientadora: Profa. Dra. Grazielle Betina Brandt.

Santa Cruz do Sul
2019

Gisele Padilha Simão

AS TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS DE MIGRANTES INTERNACIONAIS RECENTES NO MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL – RS/BRASIL

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, linha de Pesquisa: Território, planejamento e sustentabilidade da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Dra. Grazielle Betina Brandt
Professora orientadora – UNISC

Dra. Cláudia Tirelli
Professora examinadora – UNISC

Dra. Mônica Elisa Dias Pons
Professora examinadora – UFSM

Santa Cruz do Sul
2019

*Atenção, as pessoas não precisam ser iguais às outras
Aceite ou não, mas você é única no mundo assim
Uns são mais coordenados, determinados, obcecados
E outros atrás vão levando a vida
E quem ousa dizer que é pior?
Há quem construa aviões, escreva as revistas
E outros dedilham violões
Eu digo: Hei!
Você que sabe tudo, me diga como perguntar
Se eu não sei, você que pensa em tudo
Me mostre o quanto pode amar.*

Duca Leindecker.

RESUMO

A proposta do presente trabalho é analisar as construções sociais e econômicas de migrantes na cidade média de Santa Cruz do Sul-RS, a partir de suas trajetórias individuais. De forma específica, busca analisar como ocorrem as trajetórias individuais de migrantes internacionais em uma cidade média como Santa Cruz do Sul, identificar a origem, as condições socioeconômicas e as vivências desses migrantes, bem como elucidar as diferentes etapas que marcam as trajetórias individuais e as narrativas desses sujeitos pesquisados. Para tanto, foram realizados estudos teóricos sobre migração e sua relação com o território, bem como foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, que posteriormente foi relacionada com a Teoria da Estruturação. A pesquisa, focada nas diversas etapas do processo migratório – período antecedente ao deslocamento das localidades de origem, partida e instalação no município de Santa Cruz do Sul, o estágio da vida no município e projeções para o futuro –, se constituiu de coleta de dados, por meio de entrevistas semiestruturadas individuais e em profundidade. Dentre os critérios de seleção, estavam aspectos como idade, gênero, escolaridade, especialização do trabalho, renda e local de moradia. Com isso, percebe-se que as dificuldades na trajetória dos migrantes, bem como o sentimento de pertença e as possibilidades de retorno se manifestam de maneiras distintas entre os entrevistados, evidenciando que tanto o processo de migração direta quanto o projeto migratório podem variar de acordo com as características individuais de cada migrante. Também, a análise sugere que as razões para a saída do país de origem são semelhantes, mas que as possibilidades de retorno são diferenciadas, evidenciando a subjetividade de tais movimentos migratórios. Há preocupações sobre a situação econômica, mas também há a busca por melhor qualidade de vida, tranquilidade e proximidade com a família. Outro ponto identificado na pesquisa diz respeito às mulheres migrantes, que enfrentam um contexto de maior fragilidade instabilidade, enfrentando incertezas sobre o futuro profissional. Assim, neste trabalho, foi possível observar pontos de convergência e divergência entre os migrantes, sendo a maioria desses pontos estudada à luz das trajetórias individuais e dependendo das condições estruturais que enfrentavam. A abordagem territorial e a consideração da diversidade de situações evidenciam a necessidade de dar lugar adequado à migração, tendo em vista a importância desses migrantes no desenvolvimento socioeconômico e seu papel decisivo para o futuro dos territórios.

Palavras-chave: Migração. Migração e território. Migração em cidades médias. Santa Cruz do Sul.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the social and economic constructions of migrants in the medium size city of Santa Cruz do Sul-RS, from their individual paths. Specifically, it seeks to analyze how the individual paths of international migrants occur in a medium-sized city such as Santa Cruz do Sul, to identify the origin, socioeconomic conditions and experiences of these migrants, as well as to elucidate the different stages that mark the individual trajectories and narratives of these research subjects. Therefore, theoretical studies on migration and its relationship with the territory were conducted, as well as a qualitative research, using the Structural Theory as a method of approach. The research, focused on the various stages of the migratory process – period prior to the displacement of the localities of origin, departure and installation in the city of Santa Cruz do Sul, the stage of life in the city and projections for the future – consisted of data collection, through individual and in-depth semi-structured interviews. Among the selection criteria were aspects such as age, gender, education, job specialization, income and place of residence. Thus, it is clear that the difficulties in the migrants' trajectory, as well as the sense of belonging and the possibilities of returning manifest themselves in different ways among the interviewees, showing that both the direct migration process and the migratory project may vary according to the individual characteristics of each migrant. Also, the analysis suggests that the reasons for leaving the country of origin are similar, but that the possibilities of returning are different, showing the subjectivity of such migratory movements. There are concerns about the economic situation, but there is also the search for a better quality of life, tranquility and closeness to the family. Another point identified in the research concerns migrant women, who face a context of greater instability fragility, facing uncertainties about the professional future. Thus, in this work, it was possible to observe points of convergence and divergence among migrants, most of these points being studied in the light of individual trajectories and depending on the structural conditions they faced. The territorial approach and consideration of the diversity of situations highlight the need to give adequate place to migration, given the importance of these migrants in socioeconomic development and their decisive role for the future of the territories.

Keywords: Migration. Migration and territory. Migration in medium cities. Santa Cruz do Sul.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização de Santa Cruz do Sul – RS.....	13
FIGURA 2 – Síntese do modelo de Lee.....	28
FIGURA 3 – Modelo de estratificação da ação	54
FIGURA 4 – Mapa de origem dos entrevistados.....	67
FIGURA 5 – Locais percorridos pelos migrantes	93

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Estrutura(s) e sistema(s) sociais	50
---	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 MIGRAÇÃO, SOCIEDADE E TERRITÓRIO	19
2.1 As migrações recentes: reflexões teóricas e suas relações com o território ...	19
2.2 A dimensão social nas migrações internacionais	30
2.2.1 A dimensão econômica nas migrações internacionais.....	35
2.3 A liberdade como desenvolvimento para a segurança ontológica dos migrantes	37
2.4 Migrantes internacionais na cidade de Santa Cruz do Sul.....	40
2.5 A Teoria da Estruturação como abordagem metodológica da migração internacional na cidade de Santa Cruz do Sul	45
2.5.1 Teoria no âmbito das percepções ontológicas	47
2.5.2 Ação e estrutura constitutivas: o teorema da dualidade de Giddens	53
2.5.3 A teoria de estruturação no campo das migrações	57
2.5.4 A relevância do agente sobre a ação	59
3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA TRAJETÓRIA DE IMIGRANTES EM SANTA CRUZ DO SUL	63
3.1 Procedimentos de coleta e análise dos dados	63
3.2 Características e situação pessoal dos migrantes	65
3.3 Um olhar sobre o passado: a situação dos imigrantes antes da migração	68
3.4 As percepções dos migrantes internacionais em Santa Cruz do Sul.....	70
3.5 Análise do processo de integração: comparação de estratégias econômicas e sociais na integração dos migrantes	77
3.6 Os "projetos de vida" dos migrantes: formas de pertencimento e dinâmica territorial	85
3.7 Entre partidas e chegadas: o lugar de convergência entre as aspirações pessoal e social.....	91

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	100
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturado.....	107
APÊNDICE B – Termo de concessão de informações	110

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe uma análise sobre as experiências de migrantes internacionais em cidades médias, especialmente os que fixaram residência nos últimos dez anos no município de Santa Cruz do Sul-RS¹, procurando entender como ocorrem as trajetórias desses indivíduos em direção a esta cidade, localizada na região do Vale do Rio Pardo, no Estado do Rio Grande do Sul.

O interesse pelo assunto decorre do fato de que as migrações estão relacionadas ao deslocamento de pessoas, sendo, dessa forma, interpretadas por diversas teorias sociais e econômicas. Nessa perspectiva, é importante procurar compreender esse fenômeno migratório para além da sua mera descrição, buscando entendê-lo como processo social, econômico e político, e com repercussões no contexto do desenvolvimento regional.

Ao analisar a migração e sua relação com os territórios, torna-se *mister* considerar não somente os fatores estruturais, mas também as variáveis e os condicionantes do ponto de vista político, econômico e social que influenciam na intensidade e na direção dos movimentos migratórios para distintos territórios, uma vez que, com a globalização, esses fluxos de pessoas vêm sofrendo alterações. Um aspecto relevante quanto à questão das migrações está relacionado aos efeitos da flexibilidade nas relações de trabalho, na automação e no uso das tecnologias, pois esses elementos estruturais afetam diretamente e diferencialmente a população migrante.

Presume-se, ainda, que as migrações ocorrem em âmbito territorial, porém, são motivadas por interesses distintos, como questões econômicas, sociais ou políticas, sendo predominantemente a busca por melhores remunerações e qualidade de vida. Além do mais, as dificuldades no mercado de trabalho e facilidades proporcionadas pela evolução tecnológica fazem com que aumente constantemente o número de pessoas que deixam para trás os seus países e regiões de origem. Nesse sentido a redução dos custos de transporte e a comunicação são fatores esses que reduzem as barreiras entre localidades e facilitam a integração (SCHMITZ, 2015).

¹ Santa Cruz do Sul é a quinta economia do Estado e uma das dez maiores cidades do Rio Grande do Sul. Com mais de 126 mil habitantes, segundo estimativa do IBGE/2010, o município está localizado no Vale do Rio Pardo, na região central do Rio Grande do Sul, a 155 quilômetros de Porto Alegre (MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL, *on-line*, 2018).

Importante ressaltar que muitos dos estudos e análises que perpassam o tema das migrações tomam como ponto de partida a migração Sul/Norte como caso ou objeto de análise (UNRIC, 2017; PATARRA, BAENINGER, 2004). Nesse sentido, o aspecto Sul/Sul das migrações internacionais, bem como as migrações para países em desenvolvimento (mais especificamente para cidades médias), torna-se relevante, no sentido de avaliar o desenvolvimento social e econômico tanto do local de origem quanto do local de destino, em especial pela natureza distinta dos impactos em ambas as sociedades (SCHMITZ, 2015).

Assim sendo, durante a trajetória dos estudos migratórios, faz-se interessante compreender os fatores de atração-repulsão (*push-pull*) que levam as pessoas a se deslocarem de seus territórios de origem. Sobre esse tema, ainda no século XIX, destacam-se os trabalhos pioneiros de Ravenstein e seus estudos sobre os fluxos migratórios internos na Europa, criando a base para compreensão das chamadas “leis das migrações” (RAVENSTEIN, 1885; 1889). Ainda hoje, o pensamento do autor está presente nos modelos contemporâneos de análise *push-pull*, ou seja, de atração-repulsão, que são utilizados para compreender o fenômeno migratório. Na perspectiva de Ravenstein (1885), no centro do processo migratório encontra-se um ator racional que, ao comparar as características das regiões A e B, considerando sua situação atual e a do seu grupo, conscientemente decide pela permanência ou pela migração. Essa decisão demonstraria, segundo o modelo *push-pull*, que a existência de regiões (ou países) com características econômicas desiguais leva à migração (PEIXOTO, 2004).

Com o passar dos anos, passa-se a considerar que o estudo de Ravenstein (1885) exige uma visão interdisciplinar sobre a problemática. Nesse sentido, as principais bibliografias sobre migrações partilham referências múltiplas, tanto as que provêm de diferentes disciplinas do campo social como as que envolvem os próprios debates internos da sociologia (PEIXOTO, 2004). Por essa razão as migrações se constituem em um tema comum que pode ser abordado através de diferentes perspectivas na área das ciências humanas. No âmbito do planejamento urbano e regional, cabe mencionar que compreender os processos migratórios pode colaborar para o entendimento das dinâmicas que envolvem a formação e o desenvolvimento de uma região.

O Brasil se encontra em um novo momento no que diz respeito às migrações internacionais. No início deste século, a entrada de estrangeiros no país voltou a se

configurar como um movimento crescente, com grupos advindos tanto de países desenvolvidos quanto de países pobres, principalmente da América Latina. A imagem do Brasil no exterior, ligada às crescentes restrições à entrada de imigrantes na Europa e nos Estados Unidos, causou uma diversificação nos grupos de estrangeiros que têm optado por viver em terras brasileiras, além de atrair cada vez mais imigrantes de países vizinhos que fogem de crises econômicas e conflitos políticos. Assim, observa-se também um aumento expressivo na chegada de imigrantes e refugiados de nacionalidades que tradicionalmente não migravam para o país (BÓGUS; FABIANO, 2016).

Esses migrantes provêm tanto de países próximos, como a Bolívia e o Haiti, como também de localidades mais distantes, como a China. Segundo dados do Censo de 2010, entre 1995 e 2000 o Brasil contava com 143 mil imigrantes. Já entre 2005 e 2010 esse número subiu para 268 mil, havendo, portanto, um crescimento significativo da imigração internacional para o Brasil, girando em torno de 53% (IBGE, 2012)².

Ainda nessa perspectiva, segundo o Relatório Anual 2017 do Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração, sobre a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, de 2010 a 2016 os fluxos migratórios para o Brasil vêm crescendo e são cada vez mais diversificados, incluindo migrantes do Sul global. Como principais características das migrações no Brasil nos últimos anos estão: os novos fluxos migratórios para o Brasil na sua maioria formado por homens. O setor que mais empregou imigrantes no Brasil foi o grupo ocupacional da produção de bens e serviços industriais, especialmente as ocupações relacionadas com o final da cadeia produtiva do agronegócio e, por fim, os imigrantes estão concentrados nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul (CAVALCANTI; OLIVEIRA; ARAUJO; TONHATI, 2017).

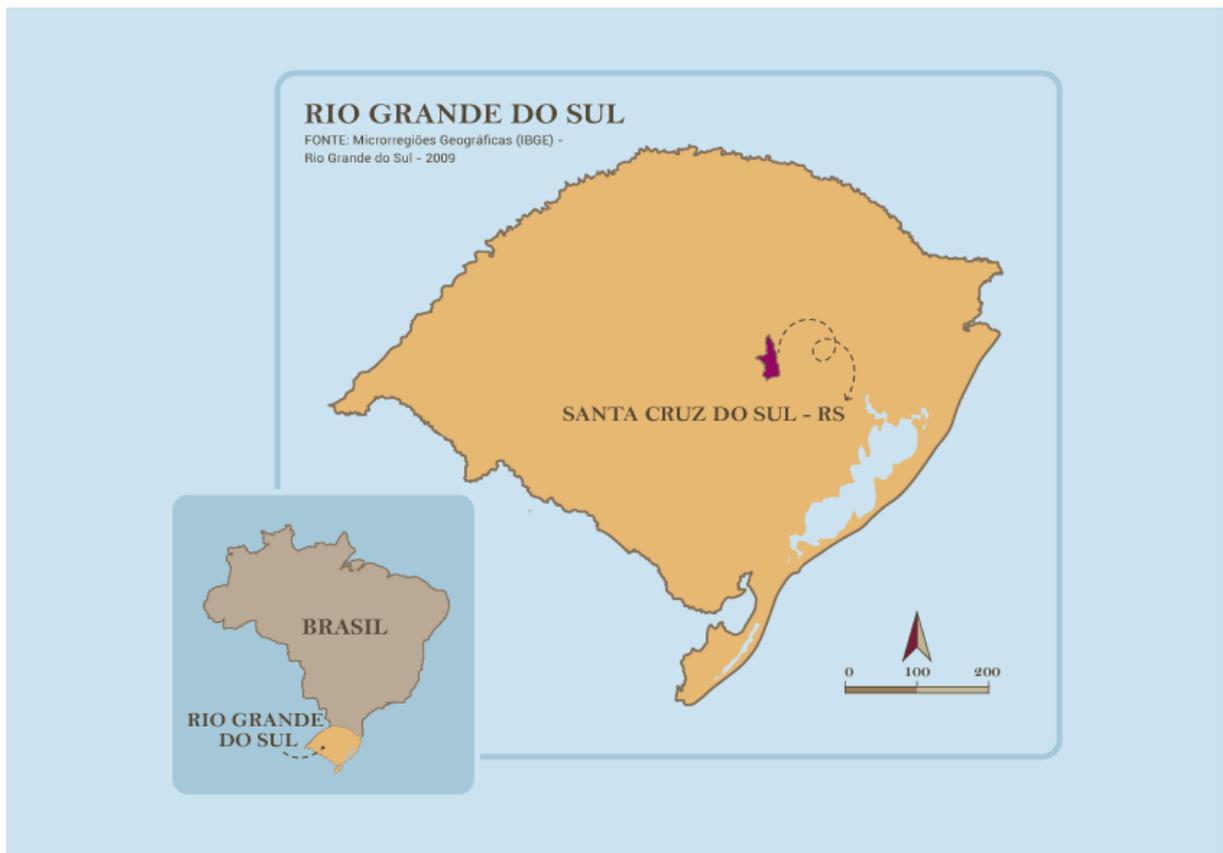
No contexto do Vale do Rio Pardo³, reduto da realização da presente pesquisa, o número de estrangeiros que não moravam na região em 2005 e que ali residiam em 2010 é relevante e merece ser aprofundado com estudos acadêmicos. Nos municípios de Candelária, Rio Pardo, Vale Verde e Vera Cruz, cada um deles

² Esses dados se referem tanto aos imigrantes de origem internacional quanto aos de origem brasileira - ou seja, imigrantes de retorno. Portanto, considera também os brasileiros que, tendo residido fora do país, retornaram para seu país de origem.

³ Região localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul, constituída de 23 municípios.

recebeu um migrante neste período. General Câmara e Mato Leitão recebeu cada um deles dois migrantes. Já Boqueirão do Leão e Ibarama receberam três migrantes por município, enquanto Sobradinho e Venâncio Aires receberam quatro migrantes cada. Já Santa Cruz do Sul abrigou 43 migrantes neste período, fato que corrobora a escolha do município para a realização dessa pesquisa. São estrangeiros que vieram de diversos continentes, entre eles: América do Sul (Argentina, Colômbia, Paraguai, Peru e Uruguai); América do Norte (Canadá e Estados Unidos); Ásia (Índia, Indonésia, Malásia e Turquia); África (África do Sul); Europa (Alemanha, Espanha, França, Portugal, Reino Unido e Suíça); e Oceania (Nova Zelândia) – (IBGE, 2012). Essa diversidade na procedência justifica a escolha do município para uma pesquisa sobre migrações internacionais.

FIGURA 1 – Localização de Santa Cruz do Sul – RS



Fonte: Elaboração própria.

A região do Vale do Rio Pardo, mais especificamente sua cidade polo, Santa Cruz do Sul, tem historicamente se apresentado como uma região de atração de migrantes. Primeiramente, essa atração se deu em seu processo de colonização,

com a chegada dos europeus, em especial os alemães. De acordo com Vogt (1997, p. 57), a Colônia de Santa Cruz, a primeira fundada e gerida pela Província de São Pedro, “[...] recebeu seus primeiros colonizadores alemães, num total de 12 pessoas, em 19 de dezembro de 1849”. Quando os imigrantes chegavam à colônia, então parte integrante do município de Rio Pardo, cada família recebia um lote colonial. Neste, deveria ser edificada a residência do colono e ser efetuada a derrubada da mata e o cultivo num prazo não superior a dois anos, sob pena de a terra reverter ao domínio do poder público. Conforme leis, os contemplados estavam proibidos de se valer da força de trabalho escrava, razão pela qual empregavam intensivamente a mão-de-obra do grupo familiar. Na Colônia, praticamente inexisteram atividades artesanais durante os primeiros anos, em virtude de todos, impreterivelmente, se dedicarem à agricultura (VOGT, 1997).

Decorrente disso, a migração foi ganhando novos contornos nas últimas décadas, especialmente pela atração da região e da cidade de Santa Cruz do Sul por pessoas de cidades vizinhas e de regiões rurais, ou seja, sendo evidenciado o fenômeno da migração interna nessa região. Isso se deu especialmente pela industrialização e pela internacionalização do setor agrofumageiro, grande motor da economia regional (SILVEIRA, 2003).

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE de 2010, há 249 estrangeiros que residem em Santa Cruz do Sul, sendo 30 naturalizados brasileiros. A região do Vale do Rio Pardo, por sua vez, segundo o mesmo levantamento, possui um total de 459 estrangeiros, enquanto que, no Estado, esses somam 34.244 pessoas. A partir dos dados censitários de 2010, é possível observar que a cidade escolhida para esse estudo recebe 60,78% dessa população cujo destino é a região e 08,81% do total estadual, em números reais, são 249 em Santa Cruz do Sul, 459 no Vale do Rio Pardo e 34.244 no Rio Grande do Sul (IBGE, 2010). Outro destaque é que a grande maioria desses imigrantes reside na área urbana, sendo essa “nova migração” um movimento recente, mas com potencial para causar modificações econômicas, étnicas e culturais nos municípios do interior do estado do Rio Grande do Sul.

Como fonte de informações, também foi usado o Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (SINCRE), que se configura em um registro administrativo do Departamento de Polícia Federal, sendo seu conteúdo referente aos estrangeiros que entraram com pedido de cadastro para a emissão do Registro Nacional de Estrangeiros (RNE). As variáveis presentes nessa base de

dados possibilitam estabelecer o perfil do estrangeiro, incluindo sexo, país de nascimento e unidade da federação de residência, além da desagregação por nível municipal. Os dados obtidos pelo OBMigra⁴ apontam uma série de características sobre temática migratória a serem observadas:

O Brasil registrou, entre 2011 e 2018, 774,2 mil imigrantes, sendo a maioria deles jovens, do sexo masculino, com nível de escolaridade médio e superior e provenientes de países em desenvolvimento – também conhecidos como Sul Global. Esses dados e o perfil médio do imigrante no Brasil foram traçados a partir da análise de dados inéditos sobre migração e refúgio feita pelo OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais), extraídos a partir do cruzamento e harmonização de diferentes bases de dados do governo federal. Protagonistas dos principais fluxos migratórios em direção ao Brasil na década, haitianos e venezuelanos são as nacionalidades mais presentes no país atualmente. Do total de registros computados a partir da série história iniciada em 2011, 492,7 mil imigrantes são considerados de longo termo – que permanecem no país por um tempo superior a um ano. Desses, 106,1 mil (21,5% do total) são haitianos. Ao mesmo tempo, os venezuelanos – cujo fluxo é o principal desafio migratório atual no país – ficaram com 68% das carteiras de trabalho emitidas para imigrantes em 2018, contra 19,1% para haitianos e 4,8% para cubanos. Os dados do OBMigra também indicam que imigrantes em pessoa física investiram cerca de R\$ 186 milhões no Brasil somente em 2018 – especialmente cidadãos da China e da Itália (DELFIM, *on-line*⁵, 2019).

Dessa forma, de fato, percebe-se que as atuais pesquisas no Brasil demonstram que as preocupações têm se concentrado nos espaços metropolitanos. Entretanto, também nas urbes de menor porte a influência dos movimentos migratórios pode ser verificada. Então, é nesse sentido que se busca compreender e tem como objetivo principal analisar as construções sociais e econômicas de migrantes na cidade média de Santa Cruz do Sul a partir de suas trajetórias individuais.

A pesquisa está focada nas várias etapas do processo migratório: o período que antecede o deslocamento das localidades de origem; partida e instalação em

⁴ O OBMigra foi instituído a partir de um termo de cooperação entre o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e a Universidade de Brasília (UnB), por meio do ELA (Departamento de Estudos Latino-Americanos - subunidade acadêmica da Universidade de Brasília - UnB). O Observatório tem como meta ampliar o conhecimento sobre os fluxos migratórios internacionais no Brasil, mediante estudos teóricos e empíricos, e apontar estratégias para a inovação social de políticas públicas dirigidas às migrações internacionais. Para realizar essa tarefa propõe-se analisar os três cenários que afetam o Brasil na atualidade: a imigração internacional; a emigração brasileira para outros países e os projetos migratórios de retorno dos emigrantes brasileiros. O OBMigra está sob a coordenação científica do Professor Leonardo Cavalcanti e conta com uma ampla equipe de pesquisadores em diferentes níveis, pós-doutorado, doutorado, mestrado e graduação. (ELA, *on-line*, 2019).

⁵ Disponível em: <<https://migramundo.com/relatorio-e-nova-plataforma-revelam-nuances-e-desafios-das-migracoes-no-brasil/>>. Acesso em: 31/08/19.

Santa Cruz do Sul; o estágio da vida na Cidade; e, finalmente, projeções para o futuro. Esses estágios são a fonte de múltiplas trajetórias e alimentam uma série de representações territoriais que orientam o discurso e o comportamento dos migrantes entrevistados.

Assim, neste trabalho, buscamos descobrir o papel dos migrantes como atores que participam da construção de seus marcos espaciais e temporais nessa jornada que os leva de suas regiões de origem à Santa Cruz do Sul. A análise da migração passa por um esclarecimento das condições em que ocorrem as diferentes etapas do processo migratório e a comparação das trajetórias migratórias de migrantes permite apreender as semelhanças e distinguir as especificidades do movimento migratório para Santa Cruz do Sul com condições socioeconômicas muito diferentes.

Ocorre que a migração, em outras palavras, consiste essencialmente num processo em que um indivíduo se desterritorializa e procura se reterritorializar em outra localidade (HAESBAERT, 2012). Assim, o conceito de territorialidade se torna extremamente útil para compreender as relações que se estabelecem com os territórios de destino e para identificar como a questão territorial interfere na lógica da interculturalidade e da formação de identidades regionais.

Todavia, no âmbito do desenvolvimento regional, a questão da migração está intrinsicamente relacionada à distribuição espacial de migrantes no território. Nesse contexto, observa-se como essencial que se conheça as trajetórias dos migrantes estrangeiros rumo à Santa Cruz do Sul, objeto de estudo, tanto no que tange ao momento anterior, quanto ao posterior do processo migratório. Decorre que, para que se possa pensar o desenvolvimento de uma região é preciso pensar também nas origens e influências que ajudam a construir as territorialidades desses agentes no município, considerando suas influências sobre aspectos sociais, políticos e econômicos.

Nesse sentido, de acordo com a UNESCO (2009), a cultura influencia fortemente todos os aspectos da vida em sociedade, pois está relacionada aos processos de decisões políticos e econômicos, às mídias e à educação, sendo seus impactos visíveis nas relações sociais. Diante disso, com base na problemática dessa pesquisa, surgem questões norteadoras, como, por exemplo, quais são as relações sociais e econômicas estabelecidas pelos migrantes no território e como se

dá a experiência e vivência dos migrantes internacionais em Santa Cruz do Sul, a partir da sua identidade territorial?

Nessa perspectiva, buscou-se analisar como ocorrem as trajetórias individuais de migrantes internacionais em uma cidade como Santa Cruz do Sul-RS. Buscou-se, além disso, identificar as origens, as condições socioeconômicas, as vivências, os itinerários pessoais e trajetórias sociais desses migrantes, bem como analisar o que eles pensam em situações temporais concretas, para identificar as especificidades dos diferentes momentos constitutivos da trajetória migratória, sempre visando relatar o vínculo existente entre seus planos de vida e as dinâmicas territoriais que influenciam a realização desses projetos.

Para se alcançar os objetivos propostos, foi utilizada a Teoria da Estruturação, teoria social que trata da tentativa de articulação entre as duas concepções – ação e estrutura – destas, derivam praticamente todas as conceituações que embasam a unidade teórica (GIDDENS, 1989). De forma muito sucinta, trata-se de uma tentativa de unir as teorias sociais: agência/estrutura, subjetivo/objetivo e micro/macro perspectivas. Esta abordagem não se concentra na individualidade e sim em propor um equilíbrio na tentativa de tratar das influências da estrutura, entre elas a cultura.

O sociólogo britânico, Anthony Giddens é o grande responsável pela Teoria da Estruturação, proposta primeiramente em seu livro "A Constituição da Sociedade", de 1989. Esta teoria é reconhecida como estratégia metodológica especialmente por permitir interpretações das consequências da ação dos agentes através da reflexão da estrutura. Assim, proporciona recursos para análises amplas ao mesmo tempo em que permite avaliações de ambientes microssociais.

Sendo uma pesquisa de caráter qualitativo, a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas individuais e em profundidade (DUARTE, 2006). Como critérios de seleção dos entrevistados, foram considerados aspectos como: idade, gênero, escolaridade, especialização do trabalho, renda e local de moradia. A abordagem levou em consideração uma variedade de perfis que permitiu com que fossem comparados ou contrastados.

A presente dissertação está dividida em quatro capítulos. No capítulo 1 temos a Introdução, onde são apresentados os principais temas dessa dissertação. No segundo capítulo, os temas abordados são a migração, a sociedade e o território. Tratando das migrações recentes, suas reflexões teóricas e relações com o território,

abordando também a dimensão social e econômica nas migrações internacionais e a liberdade como desenvolvimento para a segurança ontológica dos migrantes. O segundo capítulo fala ainda dos migrantes internacionais na cidade média de Santa Cruz do Sul e da Teoria da Estruturação, teoria social empregada como estratégia metodológica no estudo.

No capítulo 3, são descritos os procedimentos de coleta e análise dos dados. Seguidamente temos o perfil social e econômico dos migrantes e suas características e situação pessoal. Nele também foram analisados os dados coletados, traçando a construção social da trajetória de imigrantes na cidade de Santa Cruz do Sul. Falando sobre a situação dos imigrantes antes da migração, as percepções dos migrantes internacionais em Santa Cruz do Sul, fazendo uma análise do processo de integração, observando os "projetos de vida" dos migrantes e o lugar de convergência entre as aspirações pessoal e social dos entrevistados. Por fim, no capítulo 4 temos as considerações finais.

2 MIGRAÇÃO, SOCIEDADE E TERRITÓRIO

Este capítulo irá tratar primeiramente das migrações recentes, fazendo uma reflexão teórica sobre a sua relação com o território. Os conceitos de espaço e território são trazidos à tona e fazem compreender as redes migratórias e a migração como uma potencial área de estudo.

A dimensão social e a dimensão econômica nas migrações internacionais são abordadas nos dois subcapítulos seguintes onde são compreendidos fatores de atração e repulsão tão significantes nas migrações. A relação entre a disponibilidade de recursos e o nível de crescimento econômico também é discutida dentro deste item. Por fim, a questão da liberdade como desenvolvimento para a segurança ontológica é tratada através dos autores Amartya Sen e Anthony Giddens.

2.1 As migrações recentes: reflexões teóricas e suas relações com o território

O território apresenta-se como um conceito múltiplo, com diversos significados segundo a vertente utilizada. Entretanto, a ideia de território aparece frequentemente ligada à construção e à transformação do espaço geográfico. Tradicionalmente, o termo e seus derivados – como o de territorialidade – pertencem ao campo da Geografia, posto que falam da espacialidade humana. Entretanto, outras áreas desenvolveram sobre ele outras perspectivas, dentre as quais se pode citar a sociologia, a ciência política, a economia e a psicologia (HAESBAERT, 2012).

Nessa perspectiva, Haesbaert (1997) observa que o território deve ser compreendido a partir de uma noção integradora. Com isso, quer dizer que o território é compreendido tanto como um domínio politicamente estruturado quanto uma apropriação simbólica, sendo dotado de uma identidade que é inerente à dada classe social. Para além das estruturas, é importante verificar que o espaço apropriado envolve a questão cultural, em seu nível simbólico, ou seja, inclui a identidade do espaço que lhe é atribuída pelos próprios atores que dele se apropriam. Entretanto, não nega a questão estrutural, ou seja, o território é também o controle político-disciplinar de um espaço e dos indivíduos que ali vivem sua territorialidade (HAESBAERT, 1997).

Para Raffestin (1993) é essencial compreender que o espaço é anterior ao território. Como afirma o autor, é a partir do espaço que se dará a construção do território, ou seja, a partir da ação humana sobre determinado recorte geográfico. Essa ação é feita a partir de um ator que realiza um prospecto – ou ator sintagmático, nas palavras do autor – ou seja, que tem alguma intenção a partir dessa ação. A apropriação desse espaço pode se dar em nível concreto – pela ocupação do espaço em si – ou de forma abstrata, ou seja, simbólica, como, por exemplo, pela representação. A partir dessa perspectiva, o ator territorializa o que antes era apenas um recorte espacial.

Ainda segundo Raffestin (1993), o território é, portanto, um espaço no qual foi projetada certa intenção – ou certo trabalho. Esse pode ser tanto a energia despendida em sua ocupação ou a informação que transforma seu caráter simbólico. Assim sendo, as relações que se estabelecem serão marcadas por hierarquias e desigualdades, constituindo-se em relações de poder. Para o autor, a representação de um espaço é já uma apropriação que demanda trabalho e revela uma busca por um controle, estabelecendo-se no campo de um conhecimento (RAFFESTIN, 1993).

Santos (1994, p. 16) defende que “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Ou seja, o território se configura como o espaço delimitado pelo uso de fronteiras, não necessariamente visíveis, que se consolida a partir de uma expressão de poder. Assim, foge-se da ideia do território apenas como a divisão nacional de um espaço, como era interpretado na Geografia clássica, e parte-se para a ideia de um território perpassado por formas de expressão de poder e de cultura (RAFFESTIN, 1993).

Quando apropriado, o espaço se torna uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local, assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo presente. Dá-se destaque, assim, para o novo funcionamento do território através de horizontalidades – lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial –, e de verticalidades – formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais (SANTOS, 1994).

Ao buscar construir uma síntese das várias noções de território, Haesbaert (2012) agrupa as concepções em três vertentes básicas: 1) política: a mais difundida, na qual o território é visto como um espaço delimitado e controlado,

através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes relacionado ao poder político do Estado; 2) cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto como produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido; 3) econômica: enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, tendo o território como fonte de recursos. Dentre as três dimensões, neste trabalho será valorizada especialmente a segunda, que foca na vertente cultural.

Haesbaert (2012) defende a existência de “territórios-rede”, articulações em redes que são, também, imateriais e simbólicas. São diversas manifestações locais e globais que se entrelaçam, necessitando uma visão integradora que enfatize os aspectos políticos, econômicos e simbólicos para compreensão da dimensão territorial dos processos sociais. Para ele, o conceito de território ancora-se na noção de multiterritorialidade.

Em se tratando de migrações, na medida em que os indivíduos passam a pertencer a dois mundos e ao mesmo tempo, eles procuram manter suas raízes ao mesmo tempo que buscam se adaptar aos locais de destino. Assim, esses migrantes são motivados pela necessidade de adaptação às novas culturas com as quais passam a ter contatos cotidianos. Para Sasaki e Assis (2000) os migrantes não são indivíduos que agem desconectados de relações sociais. É possível perceber que as redes migratórias são capazes de fornecer não somente apoio psicológico e material necessário aos migrantes, mas referenciais de local de destino, acomodações iniciais e inserção no mercado de trabalho. Segundo Sasaki e Assis (2000, p. 10),

As redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem e específicos pontos de destinos nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não migrantes em uma complexa teia de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas.

Massey, define redes migratórias como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade” (1988, p. 396). A territorialidade, por sua vez, adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ pelos membros de uma coletividade. Os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio

de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo de coisas. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores (RAFFESTIN, 1993).

O território se manifesta em múltiplas escalas, entre elas a global. No mundo da globalização, o espaço geográfico ganha novos contornos, novas características, novas definições e, também, uma nova importância. Isso porque a eficácia das ações está estreitamente relacionada com a localização, ou seja, os atores mais poderosos se reservam os melhores pedaços do território e deixam o restante para os demais (SANTOS, 2004).

Para Harvey (2004), a globalização contemporânea pode ser vista como um processo, como uma condição ou como um tipo específico de ideação política. Nesse sentido, o território designa uma nova fase da produção capitalista do espaço. Ela pode ser precedida de outros momentos históricos por seu intenso foco na redução dos custos e do tempo de deslocamento espacial, marcado pelos constantes investimentos em inovação tecnológica. Além disso, há a necessidade presente de construção de infraestruturas físicas que facilitem esses deslocamentos e apoiem a produção, gerando alterações na paisagem geográfica. Nesse contexto, a organização de um território se dá pela capacidade do poder estatal de regular o dinheiro, a lei e a política (HARVEY, 2004).

Em relação ao território e à produção capitalista, Santos (2004) define que a totalidade da superfície da Terra é compartimentada não apenas pela ação direta do homem, mas também pela sua presença política. Nenhuma fração do planeta escapa a essa influência. Com a globalização, todo e qualquer espaço da superfície da Terra se torna funcional à necessidade, usos e apetites de Estados e empresas. O uso das técnicas disponíveis permite a instalação do dinheiro fluido, relativamente invisível, praticamente abstrato. Com a proeminência dos sistemas técnicos e da informação, subverte-se o antigo jogo da evolução territorial e impõe-se novas lógicas. Mas o território não é um dado neutro nem um ator passivo. O espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica aos seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente (SANTOS, 2004).

O fenômeno da globalização envolve múltiplas esferas da vida humana. Pode ser política, econômica, tecnológica, comunicacional, sociocultural, entre tantas outras. Assim, buscar uma simplificação desse termo é uma atitude irresponsável, pois seria transformar um fenômeno complexo em uma afirmação vaga e

totalizadora que não explicaria muitas das realidades que esse processo envolve ou suas influências na realidade mundial (CANCLINI, 2005). É ainda um processo que torna os territórios mais próximos, encurta distâncias e facilita as migrações. Essas são grandemente motivadas pelas melhores condições de vida esperadas em outros países. Já a internet e outras tecnologias de comunicação aumentam a capacidade do migrante de se informar sobre o país de destino, assim como permitem manter laços com o local de origem.

Segundo Sasaki e Assis (2000), o tema da migração não era uma questão relevante para os estudos sociológicos da virada do século XIX para XX. Os autores clássicos, como Malthus, Marx, Durkheim e Weber, mostraram algum interesse na temática, mas somente enquanto consequência do desenvolvimento da industrialização e do capitalismo – ou seja, as pessoas se locomoviam para as cidades em busca de empregos e em função dos fatores econômicos. Como é sabido, isso levou à crescente urbanização, causando o esvaziamento das áreas rurais. Ao aglomerar diferentes pessoas, que traziam consigo diferentes culturas, as cidades criaram sua própria identidade cosmopolita, formada a partir das múltiplas influências que receberam (RICHMOND, 1988).

É a partir do início do século XX que as migrações passam a ser vistas como problemáticas sociais e como áreas potenciais de estudo, especialmente entre os sociólogos norte-americanos. Isso se dá posto que há uma crescente parcela populacional migrando da Europa para as Américas, em especial para os Estados Unidos. O livro *The polish peasant in Europe and America (O camponês polonês na Europa e na América, tradução nossa)*, de Thomas e Znaniecki (1918) foi o pioneiro dentro dessa abordagem, influenciando muitos dos estudos que se seguiram sobre a temática (SASAKI; ASSIS, 2000).

As considerações desses autores foram desenvolvidas pela Escola de Chicago e tomaram diversos rumos. Passou-se a analisar as migrações a partir dos processos de adaptação, aculturação e assimilação dessas pessoas na sociedade norte-americana. Com o pós-Guerra, em especial na década de 1950, vê-se uma transformação no perfil dos imigrantes que se destinaram aos Estados Unidos. Esses passam a ser, agora, advindos de regiões pouco desenvolvidas, como a América Latina, a Ásia e a África. Nesse processo, transformam-se as formas como se dão as assimilações deles no espaço estadunidense (SASAKI; ASSIS, 2000).

Como mencionado anteriormente, o processo migratório pode ser visto sob diferentes perspectivas. A Economia Neoclássica afirma que elas são causadas por trabalhadores em busca de melhores salários. Entretanto, como afirma Portes (1995), é preciso considerar também outras questões, como os grupos étnicos e redes de relações sociais a que pertencem, além do capital social envolvido no processo migratório. Sua análise amplia o escopo de categorias a serem consideradas ao pensar a migração e fornece um importante adendo às teorias então vigentes, aprofundando-as para que considerem fatores além dos econômicos.

Já de acordo com Boyd (1989), a análise das redes sociais nas quais estão envolvidos os migrantes não é novidade nessa temática de pesquisa. Afirma a autora que já nos anos 1970 havia estudiosos interessados nas redes de migração e em como a decisão de migrar era influenciada por parentes e amigos que haviam passado por esse processo. Isso porque esses compartilhavam informações e forneciam auxílio aos futuros migrantes. Para Massey et al. (1990), essas redes compõem um conjunto de laços sociais responsáveis por manter o contato entre as comunidades de origem e os possíveis pontos de destino nas sociedades receptoras.

Tilly (1990) observa que as redes são conjuntos de pessoas ligadas por laços de parentesco, amizade ou experiência de trabalho que se influenciam mutuamente na decisão pela migração ou permanência. Ao buscar entender a complexidade desses novos fluxos migratórios, Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) adotam a possibilidade da transnacionalização como um novo campo analítico, a partir da análise de caribenhos, filipinos e haitianos que migraram para os EUA. Assim, um transmigrante seria aquele que desenvolve e mantém relações múltiplas – econômicas, sociais, familiares, organizacionais, religiosas e políticas tanto com sua origem quanto com seu destino. Esse conceito serviria como uma forma de ampliar as interrelações e a compreensão entre o global e o local (GLICK-SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1992). Sob esse ponto de vista, a migração cria um processo social que não se atém as fronteiras, sejam elas geográficas, culturais ou políticas.

Como afirma Schmitz (2015), no caso brasileiro as imigrações também têm mudado de perfil, causando um novo regime demográfico, ocasionado por mudanças econômicas e sociais. Isso se dá porque a população nacional tem vivido

mais e as taxas de natalidade têm diminuído. Com isso, estima-se que em 2035 a força de trabalho ativa será reduzida consideravelmente. Demograficamente tem-se considerado, portanto, os diversos fatores que podem influenciar nos novos fluxos migratórios de mão de obra, como a baixa mortalidade, o envelhecimento da população, a baixa fecundidade e, como consequência, o declínio populacional economicamente ativo (SCHMITZ, 2015).

Assim, é possível identificar duas fases do pensamento científico sobre migrações. No primeiro, com o paradigma neoclássico, têm-se a perspectiva do desenvolvimento, fundamentalmente otimista, que durou até o início da década de 1970. Nesse momento, a migração era vista como algo que poderia beneficiar tanto o imigrante, ao dar-lhe melhores condições de vida, como a sua região de origem, reduzindo a população em situação de miséria e pobreza. Além disso, traria benefícios ao local de destino, posto que esse receberia a mão de obra e o capital humano necessário ao seu desenvolvimento (SCHMITZ, 2015).

A seguir entra-se na fase pessimista, de caráter histórico-estruturalista. Criticando a argumentação neoclássica, o paradigma histórico-estruturalista trouxe argumentos sobre as restrições à livre escolha dos indivíduos. Assim, falava-se de uma migração não espontânea, forçada pelas condições socioeconômicas impostas pela ordem econômica global (SCHMITZ, 2015). Assim,

[...] além das críticas provenientes da perspectiva histórico-estruturalista, a teoria neoclássica também teve suas premissas questionadas por outros autores que discordavam da visão de que os fatores determinantes para a migração estavam meramente associados a fatores relacionados com a região de origem e de destino e os obstáculos intervenientes (como distância, barreiras físicas, leis migratórias, entre outros) (SCHMITZ, 2015, p. 91).

Uma abordagem de caráter mais normativo sobre as questões referentes à migração internacional vai considerar as normas nacionais de imigração e transferência de remessas. Segundo Schmitz (1995), desde a década de 1990 essa perspectiva vem mostrando a necessidade de haver mais coerência entre as iniciativas das políticas públicas nacionais e uma perspectiva mais ampla, que pense tanto no bem-estar dos migrantes quanto no desenvolvimento social e econômico dos territórios de migração.

Acerca da crescente relevância que é direcionada ao aspecto relacionado às migrações internacionais no contexto da globalização, Patarra (2006) afirma que

esse tema tem sido objeto de um número bastante expressivo de contribuições significantes, sejam elas de caráter teórico ou empírico. Entretanto, assegura que elas atestam para sua diversidade, para seus significados e para suas implicações.

Parte significativa desse arsenal de contribuições se volta à reflexão das grandes transformações econômicas, sociais, políticas, demográficas e culturais em andamento no âmbito internacional, especialmente a partir dos anos 1980. Como eixo de reflexão, situam-se as mudanças advindas do processo de reestruturação da produção, o que implica novas modalidades de mobilidade do capital e da população em diferentes partes do mundo (PATARRA, 2006, p. 7).

Através dessa lógica, assevera que o entendimento sobre os processos sociais envolvendo pessoas entre continentes passa pelo reconhecimento de que, sob a chancela da migração internacional, existem outros fenômenos, tais como grupos sociais e implicações diversas. Assim sendo, a referida autora destaca que, nos fóruns internacionais e nacionais, se de uma perspectiva interessa reter esse termo como forma de legitimar e garantir a visibilidade do assunto, de outro está o desafio de concretizar, em termos teórico-conceituais, as diversas e complexas interligações que englobam os movimentos de pessoas que cruzam fronteiras de Estados-nação.

Já na década de 1990, o então comitê de migração internacional da IUSSP elaborou cuidadoso documento de revisão e avaliação das teorias de migração internacional; os autores buscaram explicar as principais teorias clarificando pressupostos e proposições-chave a elas subjacentes, buscando modelos que descreveriam o início do movimento internacional contemporâneo – identificado com o desenvolvimento da sociedade urbano industrial moderna – e, em seguida, teorias que se referem à continuidade ou persistência, no tempo e no espaço, dos fluxos migratórios (PATARRA, 2006, p. 90).

É diante desse pressuposto que Massey et al. (1993a) consideraram a macro e a microteoria neoclássica como a chamada nova economia da migração, em que a teoria do mercado se associa à conjuntura do sistema mundial. Além do mais, revelam que devido aos movimentos migratórios, também podem ser inseridas nesse procedimento as teorias de redes, institucional e da causalção acumulativa.

No âmbito dos emergentes processos de migrações internas e internacionais em diferentes partes do mundo, Simmons (1987) ressalta que há um sistema de reestruturação produtiva e de uma etapa de acumulação. Diante disso, menciona as vinculações existentes entre as principais dimensões da teoria da regulação sobre esse fenômeno. Para tanto, aborda a questão da reprodução temporal e espacial de

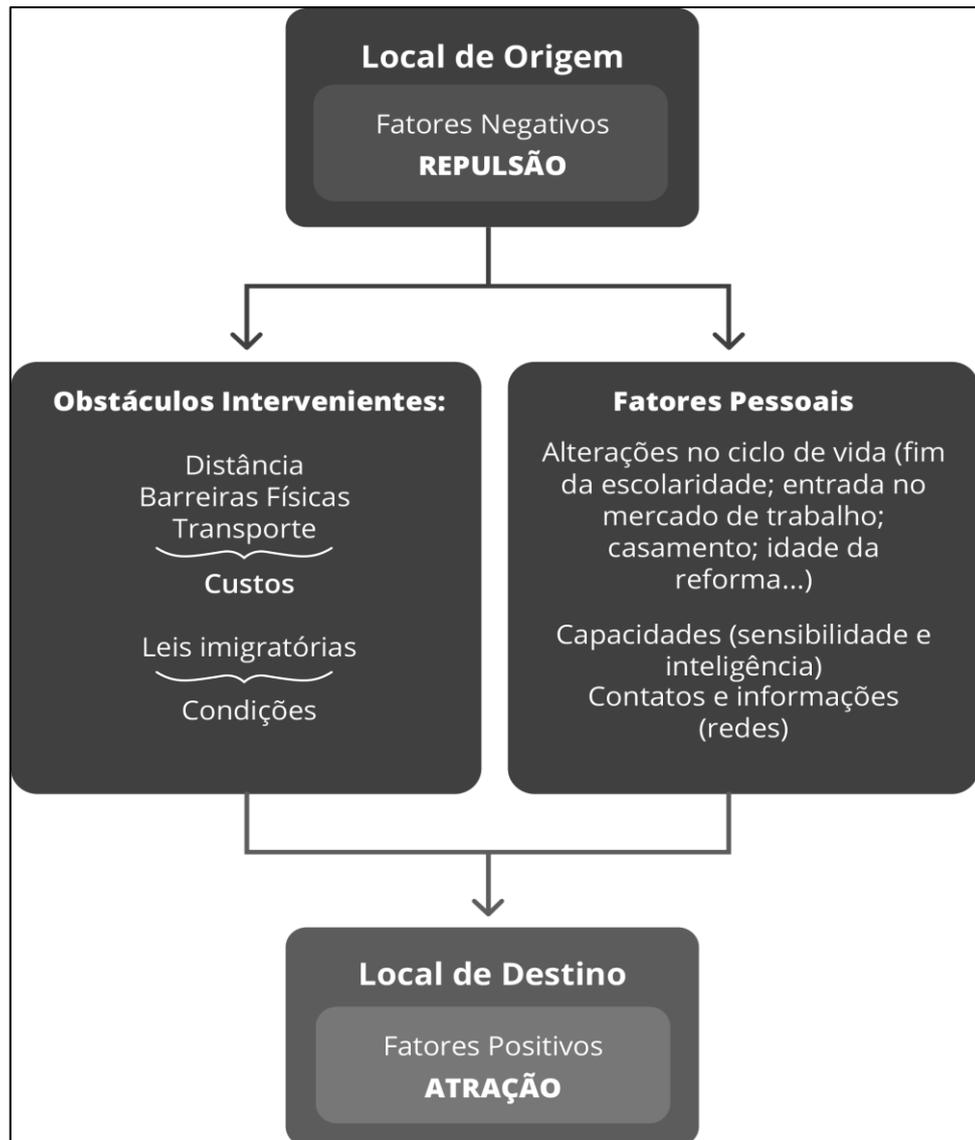
trabalho na sociedade capitalista, onde cada regime de acumulação corresponde, de modo genérico, a um regime demográfico a ele relacionado.

Dessa forma, considera a transição como o processo de uma nova estrutura de oportunidades econômicas, sendo que sua instabilidade acaba emergindo através da acumulação flexível. Nesse contexto, a migração decorre de forma descentralizada, temporária, circular, responsiva, de riscos calculados, geradora de conflitos, global e regulada (SIMMONS, 1987).

De sua parte, ao analisar as diásporas na era da globalização, Cohen (1999) destaca alguns aspectos relevantes, tais como: as mudanças rápidas e densas no mundo econômico e sua relação com subsetores (comunicação, transporte, divisão internacional do trabalho, corporações internacionais, comércio liberal e fluxos de capital), que se vinculam às formas de migração internacional pelas relações de permanência, temporariedade e cidadania; o desenvolvimento das “cidades globais”, que, em consequência, altera as transações, interações e a concentração de determinados segmentos do mundo econômico em algumas cidades; o cosmopolitanismo e o localismo; a criação e promoção de culturas locais ampliadas como cultura cosmopolita; e a desterritorialização da identidade social, como desafio à hegemonia do Estado-nação, transformando o antigo *focus* de submissão e fidelidade em favor da sobreposição, permeabilidade e formas múltiplas de identificação.

Nesse cenário envolvendo os princípios associados às migrações, Velez de Castro (2009) traz para o debate o modelo denominado de repulsão-atração, instituído em 1969 pelo demógrafo americano Everett Lee, tendo como base o protótipo de Ravenstein (FIGURA 2). Por meio do modelo, esclarecia que, embora considerasse as migrações como um processo impulsionado por fatores atrativos e repulsivos, entendia que também precisava ser levado em consideração a existência de obstáculos intervenientes e fatores pessoais que interferem na decisão de migrar.

FIGURA 2 – Síntese do modelo de Lee



Fonte: Adaptado de Velez de Castro (2009). Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/cegot/pdfs/fatima5>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

De acordo com Velez de Castro (2009), pela proposta de Lee, as migrações podem resultar do jogo da comparação entre a situação do migrante e o montante (fatores negativos) e a jusante (fatores positivos) e o processo migratório, tendo em atenção os obstáculos que podem interferir na migração, especialmente de natureza económica e/ou legislativa, inibindo ou facilitando a mesma. Além do mais, destaca que a racionalidade das decisões do *homo economicus* de Ravenstein é repensada por Lee, isso ao considerar que o migrante é influenciado por fatores pessoais de índole psicológica e circunstancial, capazes de se sobreporem a simples equações de custos e benefícios na decisão de migrar.

Baseando-se nas propostas de Lee e Ravenstein, Rocha-Trindade (1995) explica que, na realidade, tais estudos buscam propor uma resposta ao volume das migrações, ao estabelecimento de correntes e contracorrentes, bem como para as próprias características dos migrantes. Além do mais, revela que o modelo procura compreender os efeitos das migrações nas áreas emissoras e receptoras.

Desse modo, Velez de Castro (2009) assegura que Lee realça não apenas os territórios de origem, o destino das migrações e as condições que estes oferecem aos migrantes, mas também a percepção que os indivíduos possuem sobre eles próprios. Além disso, salienta que esse pressuposto colabora para equacionar uma resposta para uma das lacunas que o modelo inicial apresentava, o qual não explicava porque é que indivíduos com características similares, a conviver no mesmo território, tinham respostas diferentes perante a possibilidade de efetuarem uma migração. Nesse caso, completa que a racionalidade se alia à inteligência, sensibilidade e visões perante as fases da vida, que faz com que, perante cenários idênticos, seja possível estabelecer uma multiplicidade de opções.

Em uma das situações, Velez de Castro (2009) ressalta que as migrações são explicadas pela diferença de salários entre regiões. Nesse panorama, são os ganhos econômicos que regem as decisões, em uma linha clássica em que o indivíduo se assume como um *homo economicus*. Nessa teoria, defende-se que as migrações ocorrem porque no local de chegada há a necessidade de trabalhadores imigrantes para determinados setores laborais.

Em um segundo momento, a gênese e a manutenção das migrações possuem um caráter mais social. Nesse contexto, a teoria das causas cumulativas revela que a própria dinâmica migratória, ou seja, a entrada e o efeito (positivo) dos migrantes no local de chegada acabam por atrair mais migrantes, perpetuando a migração. Dessa perspectiva, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) salientam que se trata de uma circunstância que enfrentam tanto os migrantes temporários quanto os que fixam residência com a intenção de começar uma nova fase da vida. Essa rede de relacionamentos, muitas vezes, segundo os referidos autores, é constituída pela rede migratória que influenciou em sua decisão quanto ao lugar de destino.

Ainda nesse contexto, Velez de Castro (2009) também ressalta a teoria do capital social, que evidencia a tônica das migrações na necessidade que alguns indivíduos sentem em se valorizar do ponto de vista acadêmico/formação em um país que não seja o seu. Sendo assim, buscam no país receptor uma formação

adequada, com o objetivo de atingirem um perfil profissional que lhes permita ascender para um melhor patamar de vida.

Não obstante, acrescenta a referida autora, o objetivo comum das migrações está centrado na busca de um melhor nível de vida para o migrante e para a sua família. Tal conceito é possível ser traduzido na aspiração pelo desenvolvimento, procurando por locais onde aparentemente poderá ser mais fácil a realização dessas mesmas aspirações. Contudo, explica Velez de Castro (2009), surge nesse contexto o fato de tentar perceber o que é o desenvolvimento e quais as dimensões que lhe estão adjacentes, uma vez que, a partir daí, será mais fácil entender o que realmente está em jogo quando um indivíduo ou um grupo decidem deixar o seu local de origem.

2.2 A dimensão social nas migrações internacionais

Muitos são os fatores que podem levar uma pessoa a deixar o seu país de origem. Além da busca por melhor qualidade de vida, pode-se citar questões como guerras, perseguições políticas ou culturais, além de desastres ambientais. Segundo Marinucci e Milesi (2009), dentre esses fatores continua predominando o econômico, que leva as pessoas a procurarem emprego e melhores condições de sobrevivência fora de seus locais de origem.

Nem sempre o território onde se vive é aquele onde se pode gerar o desenvolvimento, até porque pode haver um déficit dessa mesma liberdade. Por isso os indivíduos optam muitas vezes por deixar o local de origem, “escolhendo” outros locais onde podem usufruir de uma maior “liberdade relativa”, com o objetivo de procurarem esse desenvolvimento para si e para a sua família, seja nesse local de chegada, seja inclusive no território de origem (através de investimentos ou do envio de remessas, por exemplo) (VELEZ DE CASTRO, 2009, p. 20).

É nesse sentido que o Relatório de Desenvolvimento Humano, realizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2009), mostra que cerca de 195 milhões de pessoas residiam, em 2009, fora de seus países de origem. Isso equivale a 3% da população mundial. Dessas, cerca de 60% migraram para países considerados desenvolvidos. Entretanto, considerando a estagnação econômica que atingiu especialmente esses países, o PNUD (2009) estimou que no ano seguinte (2010) esse número se invertesse, fazendo com que 60% dos migrantes mundiais optassem por países em desenvolvimento.

Para além dos dados, vale ressaltar que, para compreender os movimentos migratórios, é possível partir de duas abordagens: a micro, que pensa a migração a partir do indivíduo, considerando sua trajetória e características pessoais; e a macro, que pensa esse processo a partir dos condicionantes histórico-estruturais, pensando-os enquanto grupos sociais. Esses indivíduos podem fazer parte de diversas categorias agrupadas – ou não. É possível abordar a temática a partir do gênero, da etnicidade, da idade ou da classe social. É admissível pensar esse grupo de pessoas a partir da razão, da natureza ou da forma de migração ou, ainda, por suas influências na economia global (GONÇALVES, 2009).

Considerando as características do mundo globalizado, com facilidades de transporte e tecnologias de comunicação e informação, não é difícil pensar porque a migração ganha importância nos estudos e se torna um fator de transformação e desenvolvimento nos países ou regiões envolvidas. Segundo Gonçalves (2009), os estudos contemporâneos têm feito um esforço para descrever e explicar os movimentos migratórios sobre múltiplas perspectivas. Consideram as variáveis demográficas, econômicas e sociais tanto do local de origem quanto no de destino. Enquanto os economistas buscam explicá-lo a partir do modelo *push-pull*, os sociólogos e geógrafos focam na importância que as redes sociais e o transnacionalismo possuem nesse processo (GONÇALVES, 2009).

Para Raffestin (1993) a mobilidade é autônoma quando resulta de uma escolha deliberada. Se for forçada, entretanto, categoriza-se como heteronômica. Não escapa ao autor que essa conceituação, no entanto, é uma simplificação problemática, havendo também casos-limite. Pode ser considerado autônomo o deslocamento de quem deve optar entre migrar ou morrer? Como pode ser considerada a situação dos refugiados? Moreira (2010) explica que esses são forçados a fugir de seus países de origem em decorrência de conflitos intra ou interestatais, por motivos étnicos, religiosos, políticos, regimes repressivos e outras situações de violência e violações de direitos humanos. Essas pessoas cruzam as fronteiras em busca da proteção de outro Estado, com o objetivo primordial de resguardar suas vidas, liberdades e seguranças.

Pode ser considerada forçada a migração dos refugiados - posto que não possuem efetivamente uma liberdade de escolha - e considerada autônoma a de um haitiano cujo país, devastado por desastres naturais, não fornece os meios necessários para a sua sobrevivência e de sua família? Ou seja, a racionalidade na

escolha entre migrar ou não é bastante relativa e muitos fatores devem ser considerados ao se analisar esse processo. Compreende-se aqui, portanto, que o modelo *push-pull*, explicação essencialmente econômica desse processo, é insuficiente para abarcar a complexidade da questão.

Tampouco se pode desconsiderar a situação em que vivem os imigrantes em seu território de chegada. Essas são muitas vezes precárias e difíceis, como é o caso dos bolivianos no Brasil. O debate internacional atual parece sugerir que haja um maior diálogo entre as políticas públicas de desenvolvimento e a questão da migração internacional, questionando a governabilidade dos movimentos migratórios. Assim, têm-se incentivado os países centrais a promoverem uma migração com circularidade e temporalidade, buscando fluxos temporários com retorno (PATARRA; BAENINGER; SPRANDEL, 2012).

De acordo com Villarreal (*on-line*⁶, 2018),

Em relação aos efeitos das migrações sobre o desenvolvimento existem duas correntes de pensamento majoritárias: otimistas e pessimistas. Os que defendem a primeira acreditam que os países de origem podem se beneficiar das remessas enviadas pelos migrantes, ao passo que podem obter vantagens como contatos, investimentos e projetos de cooperação promovidos pelas comunidades de emigrantes e seus descendentes, também conhecidas como diásporas. Outras potencialidades das migrações, especialmente se constituídas por migrantes qualificados, são as redes de cooperação científica, as contribuições dos retornados e os projetos de co-desenvolvimento. Estes últimos são normalmente programas de cooperação locais nos quais participam associações de imigrantes, promovendo a participação social, uma melhor integração nas sociedades de acolhida e, contemporaneamente, maiores níveis de bem-estar em suas comunidades de origem.

A autora ainda defende que, se até períodos recentes a crença que as migrações podem produzir benefícios se aplicava majoritariamente aos países de origem, hoje, com a globalização dos fluxos, se estende também aos países de recepção e se considera válida em todas as direções das migrações: Sul-Norte; Sul-Sul; Norte-Sul e Norte-Norte. Ou seja, os otimistas acreditam que os fluxos migratórios sejam benéficos para os países de recepção e que os imigrantes possam contribuir com seus saberes, trabalho e outros recursos ao desenvolvimento destas sociedades (VILLARREAL, 2018).

⁶ Disponível em: <<https://migramundo.com/velhos-e-novos-olhares-sobre-migracoes-internacionais-e-desenvolvimento/>>. Acesso em: 31/08/19.

Nota-se que cabe aos próprios migrantes encontrarem espaços em que possam se encaixar, especialmente quando essa adaptação inclui dificuldades quanto à língua ou quando eles não possuem qualificação profissional. Portanto, no caso do Brasil, esses buscam construir seus lugares e suas redes de relacionamentos. Essas geralmente incluem espaços específicos, onde podem se sentir seguros e, como consequência, desenvolver um enraizamento. Desta maneira,

a evidência empírica sugere que o grau de sucesso da relação entre migração e desenvolvimento recai, sobretudo, na trajetória pessoal dos imigrantes, embora este fato seja por vezes subestimado no monitoramento e planejamento das políticas nacionais voltadas à questão migratória. Neste sentido, é mister assinalar a essencialidade de políticas públicas direcionadas à recepção de imigrantes para facilitar e estimular seu processo de empoderamento político e social e melhoria de qualidade de vida, de modo que o planejamento, o monitoramento e a avaliação destas políticas devem ser realizados também sob a ótica do desenvolvimento humano (SCHMITZ, 2015, p. 95).

Segundo relatam Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), essa é uma situação que enfrentam tanto os migrantes temporários quanto os que fixam residência com a intenção de começar uma nova fase da vida. Essa rede de relacionamentos, muitas vezes, é constituída pela rede migratória que influenciou em sua decisão quanto ao lugar de destino.

Nessa mesma linha de raciocínio, a teoria das redes acaba por desenvolver a ideia da existência de um grupo de imigrantes já estabelecidos no local de destino, que ajuda a que outros migrantes conterrâneos tomem a decisão de para ali migrar, seja porque podem se beneficiar do apoio do ponto de vista material (passagens, habitação, trabalho, escola), seja do ponto de vista imaterial, como a estabilidade emocional do próprio migrante e a manutenção da identidade, por exemplo (VELEZ DE CASTRO, 2009).

Em decorrência disso, Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) consideram que compreender essas relações em rede se faz fundamental para um entendimento do processo migratório. Isso porque, de acordo como os referidos autores, influenciam nos destinos e nos fluxos migratórios.

O estabelecimento de laços e a sensação de pertencimento ocorrem em um lugar cujas características sociais, culturais e a organização espacial não sejam de todo desconhecidas. É o chamado *place attachment* (envolvimento com o lugar), que é um dos aspectos dos efeitos de lugar, ou

senso de lugar (LOW; ALTMAN, 1992). Para a psicologia ambiental, o processo de envolvimento com o lugar implica pelo menos mais dois aspectos: a dependência do lugar (place dependence), que se refere às vantagens comparativas do lugar (o que tem ali que não tem em outros lugares); e a identidade com o lugar (place identity), que expressa as características do lugar com as quais a pessoa se identifica, vendo-se nele (HERNÁNDEZ et al., 2007; LEWICKA, 2008). Estes fatores operam como fundamentos da identidade territorial, ajudando a promover a fixação, sendo para isso o aspecto mais importante o envolvimento (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010, p. 411).

Dessa forma, percebe-se que é a partir da maneira como se relacionam os migrantes com suas redes e com os espaços que ocupam que se pode compreender a identidade e as territorialidades criadas com esses na contemporaneidade. Na interpretação dessa realidade, podem ser acionados diferentes conceitos, como a multiterritorialidade, a interterritorialidade ou o transnacionalismo. Todos esses vêm designar que as transformações sociais agora se dão de forma diferente da verificada na modernidade, marcada pela migração campo-cidade (MARANDOLA JR.; DAL GALLO, 2010).

Desse ponto de vista, considera-se atualmente que a organização da sociedade se dá de uma forma muito mais fluida, mais móvel e a nível global. Com esse processo, as fronteiras estatais previamente definidas perdem força e se constroem deslocamentos de forma mais aleatória, descontínua e dispersa. O migrante constrói múltiplas territorialidades nesse contexto, mas essa realidade não é restrita a ele. Como afirmam Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), assim como Haesbaert (2012), todos vivem em vários territórios simultaneamente. Como esse é produzido através de processos de desterritorialização e de reterritorialização, dá-se origem aos territórios-rede. Assim sendo, é possível para um mesmo sujeito identificar-se e apropriar-se de múltiplos territórios, enquanto transita por suas diversas territorialidades.

Nessa nova realidade, acontece a interação de diversas culturas, criando a possibilidade da interculturalidade. Isso pode favorecer a convivência e reforçar as culturas de origem, com suas tradições, línguas, costumes e etnicidades. Apesar de existirem inúmeros choques culturais, acredita-se que, quando a interculturalidade efetivamente acontece, deve-se primar pelo respeito à diversidade. Como coloca Canclini (2005), o problema é que a diversidade se manifesta, muitas vezes, como desigualdade socioeconômica. Além disso, assegura que também as diferentes

línguas, costumes e processos históricos vivenciados causam uma diferenciação entre os migrantes e os nativos do país.

2.2.1 A dimensão econômica nas migrações internacionais

Quanto ao aspecto que trata dos primeiros contributos teóricos para explicar as iniquidades regionais, Velez de Castro (2009) revela que o processo teve no seu cerne a desigual distribuição geográfica dos recursos. Tal fato era justificado através do estabelecimento de uma relação direta entre a quantidade e a disponibilidade dos recursos, bem como do nível de crescimento econômico. Desse modo, tais elementos de desenvolvimento territorial eram explicados através da dinâmica do próprio sistema produtivo e das relações sociais.

Nesse sentido, Armstrong e Taylor (2000) salientam que o crescimento econômico é o fator considerado fundamental para se atingir o desenvolvimento de um território, sendo que, por meio do modelo neoclássico, são colocados em evidência três elementos essenciais para promover o aumento do produto/rendimento: o estoque de capitais, a força de trabalho e a tecnologia. Embora refiram que todos sejam fatores significantes, os referidos autores destacam que a tecnologia exerce um papel fundamental, pois é de certo modo a responsável pela aceleração do crescimento econômico praticamente desde a Revolução Industrial.

Um outro elemento de relevância apontado está incluído na força de trabalho por meio das migrações. De acordo com esse modelo, o capital e o trabalho possuem tendência para se deslocar tanto para regiões onde os lucros sejam maiores (no caso do capital), como para onde existam mais dividendos (no caso do trabalho). Assim sendo, as disparidades regionais verificadas entre si ocorrem não apenas pelos diferentes valores de capital disponíveis, mas também devido às migrações inter-regionais (ARMSTRONG; TAYLOR, 2000).

Nessa perspectiva, a abordagem teórica da Escola Neoclássica referente às migrações está intimamente ligada com o princípio do modelo de crescimento econômico, ao assumir que a saída de um migrante da região de origem (ou de um lugar para onde tenha migrado) para outra região é, em parte, influenciada pelo mercado de trabalho, não somente em termos de ganhos, mas também em termos de ascensão profissional.

Todavia há que ter em atenção a influência de outros fatores, não só no local de partida (insegurança física e laboral, más condições de acesso a serviços – nomeadamente de educação para os filhos ou para o próprio - familiares e dependentes a cargo...), durante a migração (riscos - custos da viagem, forma de realização da mesma, instalação no local de chegada, custo de vida...) e no local de chegada (fatores positivos - emprego estável, salário mais elevado, mas também segurança, habitação, acesso aos serviços de saúde, educação, justiça...). Por outro lado, também se tem de ter em conta os constrangimentos burocráticos e legais nas fronteiras (daí a crescente vaga de migrações ilegais) (VELEZ DE CASTRO, 2009, p. 11).

Por outro enfoque, Armstrong e Taylor (2000, p. 85-86) apresentam pontos fortes e fracos no modelo. Para os autores, por um lado está o papel da tecnologia como motor fundamental para o crescimento das regiões, bem como a importância do capital humano por duas razões principais: “[...] é o estoque de capital humano de uma região que vai absorver e usar as tecnologias, assim como também pode ser ele próprio o criador de tecnologia”. De outra parte, salientam que a capacidade que uma região tem de absorver e produzir capital está relacionada com as condições institucionais de que dispõe, não no sentido meramente estatal, mas no que diz respeito ao conjunto de meios, políticas, medidas e de protocolos estabelecidos com várias entidades, de onde se destaca a formação dos recursos humanos.

Ainda em relação à questão da importância do capital no modelo de crescimento económico regional, Aydalot (1985) esclarece que a teoria neoclássica de convergência destaca nos fatores de produção a relevância do capital humano como elemento primordial de promoção do crescimento da região. Para tanto, apresenta George Borts e Jerome Stein (1964) como precursores dessa teoria, os quais defendiam que o crescimento de uma região está relacionado com o seu capital humano, nomeadamente com a transformação da população agrícola (com poucos recursos) em urbana ou industrializada, e com a mobilidade exterior (imigrantes).

Em decorrência disso, explica Aydalot (1985), assume-se que o crescimento de uma região depende da própria mobilidade do capital humano ao nível interno (de um setor para outro onde os salários são mais elevados) e externo (a população migra para a região onde os salários são mais elevados). Em outras palavras, o referido autor quer dizer que a oferta de trabalho não agrícola, associado à procura externa do próprio mercado, contribuiria para o processo de desenvolvimento regional.

Nesse sentido, é preciso destacar que já existem abordagens mais complexas que ultrapassam a perspectiva econômica, como por exemplo, a Teoria da Estruturação (GIDDENS, 1989), com ancoragem baseada no autor, na tentativa de articulação entre as duas concepções: ação e estrutura.

2.3 A liberdade como desenvolvimento para a segurança ontológica dos migrantes

Ao mencionar a expressão liberdade como desenvolvimento para a segurança ontológica, é interessante frisar a definição atribuída ao processo por Giddens (1991), quando se refere à segurança ontológica como sendo um estado mental estável, baseado num sentido de ordem e de continuidade, o qual evita situações de ansiedade e caos, fomentando o desenvolvimento de sensações positivas. Tal situação, segundo o referido autor, é promovida por experiências benéficas que o indivíduo procura voluntariamente ou à qual é submetido por outras formas, das quais resulta um bem-estar real. Significa dizer que o desenvolvimento acaba por ser materializado se o indivíduo tiver acesso a um conjunto de liberdades, as quais irão fornecer instrumentos para que consiga concretizar os seus objetivos, deixando-o mais seguro do ponto de vista físico e emocional (material e imaterial).

Assim, outro autor que desenvolve sobre a temática é Amartya Kumar Sen, nascido na Índia em 1933, conhecido por ter sido o primeiro acadêmico de um dos países não desenvolvidos a ganhar o Prêmio Nobel de Economia. O indiano foi um dos fundadores do Instituto Mundial de Pesquisa em Economia do Desenvolvimento, responsável pela criação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH): uma nova maneira de medir o desenvolvimento dos países, considerando não apenas os fatores econômicos, mas também os sociais (DANA, 2017).

De acordo com o pensamento de Sen (2003), as escolhas que os migrantes fazem não são somente influenciadas pela procura da maximização do rendimento, mas também pelas várias circunstâncias individuais, tais como idade, saúde, sexo, maternidade e aptidões. Além do mais, segundo o autor mencionado, as escolhas ocorrem por outras influências, estabelecidas por meio das disparidades nos contextos social e natural, entre elas a poluição, o ambiente e a criminalidade.

Nesse contexto, Fernandes (2004, p. 57) assegura que o que realmente interessa ao bem-estar do indivíduo migrante não está muito relacionado ao que ele

possui, mas, sim, aquilo que ele consegue realizar com o que possui, “[...] tendo a ver com a própria realização do ser humano”. Isto é, para o autor, assume-se, dessa forma, a necessidade de se encarar o desenvolvimento com base numa abordagem multidisciplinar em várias escalas, em que o desenvolvimento não é somente uma questão econômica, mas também sociológica, antropológica e psicológica.

Diante disso, o desenvolvimento pode ser visualizado como um processo de alargamento das liberdades reais de que um indivíduo goza. Então, não se trata apenas das liberdades humanas em si, “[...] pois tal é tão restritivo como considerar o PIB, o nível de industrialização ou tecnologia como fatores primordiais do desenvolvimento” (SEN, 2003, p. 21).

Todavia, na visão de Sen (2003), a liberdade como base do desenvolvimento está diante de duas possibilidades: a de escolha e a de acesso, sendo que uma complementa a outra. Isso porque, segundo o autor, quando existe a oportunidade de escolha é pelo fato de se ter acesso livre para concretizar a opção. Entretanto, explica que se há acesso é porque estão instaurados os instrumentos que possibilitam a escolha proporcionada pela liberdade.

Desse ponto de vista, apresenta três áreas primordiais, sendo elas: a) Dispositivos sociais e econômicos (ex.: acesso a serviços de educação, cuidados de saúde); b) Direitos políticos e cívicos (ex.: liberdade de participar no debate público ou no escrutínio eleitoral); e c) Eliminação das fontes de restrição (ex.: possibilidade de fuga à pobreza, à tirania, à míngua de oportunidades econômicas, à incúria dos serviços públicos, à prepotência dos Estados repressivos - em contrapartida o acesso à alimentação, ao vestuário, a medicamentos, à habitação, à paz, à educação e à saúde) (SEN, 2003).

Entendendo que as liberdades são os meios e o fim do desenvolvimento, Sen (2003) identifica, ainda, cinco espécies de liberdade sob o enfoque instrumental, sendo que esses elementos estabelecem relações entre si: a) Liberdades políticas, em que os direitos cívicos, sob a forma de livre expressão e de eleições, ajudam a promover a segurança econômica e social; b) Disponibilidades econômicas que ocorrem sob a forma de oportunidade de participar no comércio e na produção (consumo, troca, venda), que podem ajudar tanto a criar riqueza pessoal como a gerar recursos públicos destinados a serviços sociais; c) Oportunidades sociais, que se estabelecem sob a forma de serviços de educação e de saúde e facilitam a participação econômica; d) Garantias de transparência, que defende o direito à

clareza e ao esclarecimento, bem como à lisura, evitando situações de corrupção, gestão irresponsável e arranjos subterrâneos; e e) Proteção da segurança, em que se advoga a necessidade da existência de uma rede de proteção social, onde a população em certos casos, com desemprego e doença, por exemplo, tenha um fundo (subsídio de desemprego) de manobra, evitando que passe para uma situação de miséria.

Nesse sentido, a relação entre Amartya Sen e Anthony Giddens, se dá pelo fato de o ator ser protagonista da sua história, ou seja, por este ponto de vista, a estrutura e a individualidade se confrontam. De acordo com Lima (2006, p. 123),

a teoria de Sen se apoia em uma noção de agente competente, para pensar e agir reflexiva e cooperativamente, porque capaz de sensibilizar-se com realidades para além da esfera dos interesses materiais imediatos. Esse agente competente coaduna-se com as demandas de um agir político com vistas a padrões sustentáveis de vida, porque movido pela consideração dos interesses e bem-estar dos outros. Uma consequência das premissas anteriores é a postulação da responsabilidade do agir humano, não somente em termos de ideais inspiradores da ação, mas em bases objetivas, pela própria condição de interação dos atores sociais, mergulhados nos acontecimentos que são de interesse de um espectro maior de indivíduos (e que requerem de cada indivíduo não só uma reação egoísta), evocativa de uma atitude envolvente com relação ao conjunto, uma vez que mesmo o interesse mais egoísta, nesse caso, não pode ser entendido fora de situação em relação aos outros.

Assim, Lima (2006, p. 127) também destaca que Giddens

pondera a necessidade da restauração das solidariedades danificadas, reinvenção institucional desde o nível das ações individuais até aquele que as liga aos sistemas mais globalizados. Nesse sentido, torna-se inadiável repensar o individualismo em sua função neoliberal, quando é enfatizado o comportamento interesseiro e voltado somente à maximização de lucros no mercado. Em um ambiente marcado pelo aumento da reflexividade social, torna-se necessário à adaptação individual o desenvolvimento de certo grau de autonomia de ação que implica reciprocidade e interdependência, inclusive em domínio econômico.

Segundo o mesmo autor, (2006, p. 131), “da ciência econômica (Amartya Sen) à ciência sociológica (Anthony Giddens) são lançadas críticas com respeito a um estatuto da natureza humana com base na ação instrumental e auto-interessada”. Para ele, toda a perspectiva trabalhada pelos autores não seria produtiva se eles não se debruçassem por entre as bases racionais da ação, incluindo os limites do agir racional e de suas inconsistências (LIMA, 2006).

2.4 Migrantes internacionais na cidade Média de Santa Cruz do Sul

A cidade de Santa Cruz do Sul integra a região do Vale do Rio Pardo, localizada na área centro-oriental do Estado do Rio Grande do Sul. De acordo com Silveira (2003), o núcleo colonial de Santa Cruz do Sul foi criado durante o governo provincial, em 1849, em um contexto de mudanças estruturais. Isso se deu, em parte, por questões referentes à escravatura de africanos que, em desacordo com as políticas inglesas, levou os governos imperial e provincial a adotarem certas mudanças no uso dessa mão de obra. Com essas mudanças, buscava-se desenvolver a agricultura, empregando trabalhadores rurais de regiões da Europa que passavam, então, por dificuldades financeiras. Além disso, buscava-se ocupar efetivamente as terras pouco exploradas do território gaúcho. Assim como em outras regiões brasileiras, a organização espacial da colônia de Santa Cruz seguiu o modelo de distribuição de lotes.

Neste, deveria ser edificada a residência do colono e ser efetuada a derrubada da mata e o cultivo num prazo não superior a dois anos, sob pena de a terra reverter ao domínio do poder público. Conforme a Lei 514, de 1848, e 304, de 1854, os contemplados com um prazo colonial estavam proibidos de se valer da força de trabalho escrava, razão pela qual empregavam intensivamente a mão-de-obra do grupo familiar. Em decorrência, praticamente inexistiram atividades artesanais durante os primeiros anos, na Colônia, em virtude de todos, impreterivelmente, se dedicarem à agricultura (VOGT, 1997).

Esse modelo já havia sido empregado em 1824 em São Leopoldo, berço da colonização alemã no Rio Grande do Sul e tornou-se a forma mais comum de distribuição para os migrantes alemães no sul do Brasil (SILVEIRA, 2003).

Vogt (1997) observa que no Brasil meridional, diferentemente daquilo que ocorreu nas áreas dominadas pelas oligarquias canavieira e cafeeira, o processo imigratório objetivou fixar diretamente à terra os elementos vindos da Europa, com a consequente criação de colônias de pequenos produtores rurais. E, devido às peculiaridades da economia gaúcha, já então integrada à economia nacional de forma subsidiária conforme os ciclos econômicos, a elite dominante local não esboçou uma resistência tenaz e contundente contra o projeto colonizatório.

Já a inserção da economia de Santa Cruz do Sul no mercado capitalista inicia-se, de acordo com Godinho et al. (1980), a partir de 1860. Corroborando essa

informação, Vogt (1997, p. 78), afirma que “foi a partir da safra 1865/66 que Santa Cruz se especializou na produção de fumo em folha. O tabaco alavancou o processo de desenvolvimento da Colônia”. Estabelece-se então a diversificação da agricultura colonial e dá-se início a estruturação de outros setores econômicos, como o artesanato e o comércio. Com as demais localidades, a troca comercial se restringia aos excedentes agrícolas – em especial o milho, o feijão, a erva-mate e o fumo - por produtos manufaturados vindos de São Paulo, do Rio de Janeiro ou importados do exterior. Com o passar do tempo, a agricultura colonial passou a definir o fumo como o carro-chefe da produção, por seu relativamente elevado valor comercial (SILVEIRA, 2003). Nesse sentido,

[...] o início da industrialização em Santa Cruz do Sul esteve intimamente vinculado ao sucesso de sua agricultura, direcionada para a exportação, que, simultaneamente, possibilitou o estímulo ao desenvolvimento das atividades de beneficiamento de produtos primários e permitiu que o acúmulo de capital realizado pelos comerciantes e, ao mesmo tempo, exportadores locais, tornasse possível a instalação de novas unidades de produção a partir da utilização de tecnologias mais avançadas (SILVEIRA, 2003, p. 65).

Foi a partir da década de 1960 que aconteceu um processo que mudaria a realidade da cidade: a internacionalização das indústrias de fumo, vendidas para empresas estrangeiras. Isso deu um novo impulso à dinâmica industrial local, que, atraindo um número maior de trabalhadores, levou à rápida urbanização. Assim, a cidade, no decorrer da década de 1970, começou a ser repensada e seus espaços sofreram transformações. Também, é nessa década que a atividade agroindustrial fumageira consolida-se como a grande força da economia local e onde as relações de produção capitalistas ganham maior profundidade (SILVEIRA, 2003). Nessa perspectiva,

[...] a microrregião fumulora de Santa Cruz do Sul, em especial, o município de Santa Cruz, já era conhecida dessas empresas, por já apresentar uma significativa produção de fumo baseada na utilização de mão-de-obra familiar e, também, por já possuir uma estrutura mínima de beneficiamento e de comercialização do fumo. Essas características tornavam a região uma alternativa viável para assegurar a reprodução do capital monopolista. A combinação dessas variáveis possibilitou, então, as condições ideais à intensificação, a partir desse período, da transnacionalização da indústria fumageira local (SILVEIRA, 2003, p. 82).

Muitas foram as transformações que se deram nas propriedades rurais a partir da internacionalização da produção de fumo. Os processos produtivos foram modernizados, visando o menor desperdício; foram ampliadas as áreas produtivas, até então baseadas em pequenos lotes familiares; e o beneficiamento do produto passou a ser feito de forma industrial. Assim, criou-se uma lógica de desenvolvimento urbano e rural na região, com alterações na forma como era empregada a força de trabalho (SILVEIRA, 2003).

Com o aumento da necessidade de mão de obra, surge um intenso processo migratório na cidade de Santa Cruz do Sul, contribuindo em muito para o aumento da população urbana municipal. Esse se deu especialmente pela instalação, no perímetro urbano, de trabalhadores de municípios vizinhos e áreas rurais, buscando empregos na indústria. Sobre a época, entretanto, possui-se poucos registros dessas migrações, tanto no que se refere ao seu montante, quanto à sua procedência. Entretanto, como afirma Silveira (2003), dados gerais podem ser obtidos em outros indicadores, como os fornecidos pelo SINE – Sistema Nacional de Empregos (SILVEIRA, 2003).

A partir das interpretações de Silveira (2003), percebe-se que foi decisivo o papel que a internacionalização do ramo fumageiro local desempenhou na aceleração do processo de urbanização da cidade. Isso porque trouxe reflexos para a reestruturação do setor, alterando as relações de trabalho e atraindo uma considerável mão de obra para a cidade. Nesse processo, alterou-se profundamente a dinâmica de (re)produção do espaço urbano santa-cruzense (SILVEIRA, 2003).

Assim, a partir de sua constituição histórica, Santa Cruz do Sul veio a tornar-se uma urbe de importância regional. Por servir de centro de prestação de serviços e constituir um nó na rede de urbana regional, é considerada uma cidade média. Mais do que o número de sua população, é a sua capacidade de interligar a região e prestar funções que determina essa categorização. Como observam os pesquisadores do Grupo de Investigación de Ciudades Intermedias (2012, p. 20),

En el marco de la nueva geografía económica global, compuesta por regiones urbanas conectadas por complejas redes de interacción, las ciudades constituyen los nodos del espacio de flujos y la ubicación estratégica para los diversos circuitos globales.

Nesse sentido, com as facilidades comunicacionais e de transporte, fortalecem-se economicamente as cidades médias, que passam a exercer influência em suas regiões. O Grupo de Investigación de Ciudades Intermedias (2012, p. 21) assim enumera as características necessárias para que uma cidade se inclua nessa categoria; elas devem:

- estar ubicadas en puntos estratégicos de la red urbana,
- poseer importantes condiciones en materia de redes de transporte y Comunicación,
- ejercer una centralidad en nivel interurbano sobre determinada contigüidad territorial, y, por último,
- detentar las ventajas derivadas de la urbanización sin sufrir las consecuencias negativas de las grandes dimensiones.

Esses são, portanto, pontos de encontro entre o global e o local, facilitando as dinâmicas entre as esferas de ação dos fenômenos. Como pode-se perceber a partir da retomada histórica feita anteriormente, o processo de internacionalização da produção do tabaco foi fundamental para que Santa Cruz do Sul pudesse ser considerada esse ponto de encontro. Entre as funções que aqui se exercem, pode-se citar a provisão de bens e serviços, a concentração de alguns órgãos públicos de importância regional, uma produção industrializada superior à das cidades vizinhas, uma influência nas dinâmicas agrícolas do entorno, inúmeros objetos e sistemas técnicos (terminais de carga e descarga, hotéis, aeroporto, linhas rodoviárias, etc.) e a capacidade de reter imigrantes em seu mercado de trabalho (SILVEIRA, 2006; CAMPOS, SILVEIRA, 2014).

Para os investigadores do Grupo de Investigación de Ciudades Intermedias (2012, p. 21),

[...] las ciudades de tamaño medio no solo actúan como nexo entre los niveles urbanos superiores e inferiores de la jerarquía urbana, sino que se vinculan con otras ciudades/territorios del mismo nivel jerárquico, que desarrollan funciones complementarias o similares en el espacio nacional e internacional, articulándose en diferentes redes [...].

Para Diez e Emiliozzi (2012), as funções das cidades médias se transformam com o passar dos tempos. Assim, transformam-se também as características identitárias de seus territórios. Pode-se afirmar que o mesmo aconteceu com a Santa Cruz do Sul que, apesar de ainda fortemente marcada por sua colonização germânica e pela produção do tabaco, desenvolve hoje uma quantidade vasta de serviços úteis à região. Conforme os autores, “estas urbes están adquiriendo

preponderancia como componentes destacados de las políticas de desarrollo regional, incorporándose como actores clave en las posibilidades de despegue industrial de territorios periféricos” (DIEZ; EMILIOZZI, 2012, p. 177). É crescente o interesse das pesquisas sobre o desenvolvimento territorial e o papel das cidades médias nesse contexto. Esse se dá

por la necesidad de consolidar estructuras urbanas más equilibradas frente al creciente proceso de concentración espacial y la conformación de una economía global comandada por un archipiélago metropolitano (Veltz, 1999) y, por otra parte, el advenimiento, en ese contexto, de un nuevo modelo de Estado y de los procesos de re-escalamiento y redefinición de las competencias políticas de cada uno de sus niveles – nacional, regional, local – asociados al mismo (MICHELINI; DAVIES, 2009, p. 4).

Assim, é a partir da grande concentração demográfica metropolitana – e os diversos problemas a ela associados – que se passa a pensar nas cidades médias como uma forma de distribuir melhor a população e a riqueza no espaço. Simultaneamente, como também marcam os autores (MICHELINI; DAVIES, 2009), são sentidos os efeitos dos processos de desconcentração dos serviços públicos. Sposito et al. (2007) vêm ainda evidenciar que, atualmente, as cidades médias possuem duas características marcantes: a contiguidade e a conectividade.

Assim, se antes era a localização geográfica (importante para o escoamento da produção) que marcava as cidades médias, hoje deve-se considerar também os fluxos imateriais que as perpassam. Ramos, Matos e Garcia (2011), após discorrerem brevemente sobre a trajetória de valorização das cidades médias, afirmam que

sobretudo nos países que experimentam profundas reestruturações internas de seu espaço territorial, elas podem favorecer/potencializar a diminuição de disparidades regionais, contribuindo para a formação de um sistema urbano mais equilibrado, além de oferecerem qualidade de vida a seus habitantes (RAMOS; MATOS; GARCIA, 2011, p. 45).

Na análise desses autores (RAMOS; MATOS; GARCIA, 2011), as cidades médias possuem, ainda, uma maior capacidade de reter a população, não só por apresentarem maiores índices de emprego, mas por apresentarem uma melhor qualidade de vida. Assim, as cidades atraem a população rural, mas também a metropolitana, oferecendo menores índices de criminalidade, reduzidos custos de

vida (com aluguel e alimentação, por exemplo) e ofertando os serviços básicos necessários à população.

De acordo com Sposito (2007), para entender como uma cidade se organiza é preciso verificar como se relacionam os movimentos de vários atores. Nesse sentido, existe a necessidade de articulação entre dois movimentos: os dos atores locais, residentes e atuantes em cidades médias, e o dos atores externos às cidades médias.

A partir disso, considera-se importante compreender como a cidade média de Santa Cruz do Sul tem participado dos processos migratórios recentes, como tem se transformado com esses novos fluxos. Assim, a vinda e permanência de migrantes internacionais para essa urbe, pode evidenciar como ocorrem os processos de desenvolvimento territorial a partir das experiências desses migrantes no território santa-cruzense, para este objetivo a análise desta pesquisa tem seus fundamentos ancorados na teoria da Estruturação, de Antony Giddens.

2.5 A teoria da estruturação como abordagem metodológica da migração internacional na cidade de Santa Cruz do Sul

A Teoria da Estruturação é uma teoria social que pode ser empregada como estratégia metodológica por inúmeros fatores, primeiramente por permitir interpretações das consequências da ação dos agentes através da reflexão da estrutura. Assim, proporciona recursos para análises amplas, ao mesmo tempo em que permite avaliações de ambientes microssociais. Entender o agente através do seu discurso e de sua prática e observar outras influências dos sistemas sociais que atuem sobre as circunstâncias da ação permite uma maior reflexividade dos atores sobre sua prática.

Decorre que, segundo Peters (2009), o conceito estruturacionista de sistemas sociais sugere a existência de redes de integração ou interdependência das ações desempenhadas pelos indivíduos e grupos que as compõem. Desse ponto de vista, revela que as noções de integração e interdependência devem ser entendidas não como sinônimas de cooperação ou coesão normativa, embora existam possibilidades, porém como referentes a quaisquer relacionamentos de influência causal recíproca.

Nesse contexto, o sociólogo britânico Anthony Giddens é o grande responsável pela Teoria da Estruturação, proposta primeiramente no livro *A Constituição da Sociedade*, de 1989. Segundo explica Casali (2007), a teoria da estruturação enfatiza a importância da comunicação como elemento da interação social na dualidade da estrutura, bem como elemento essencial na produção e na reprodução da realidade social.

Nessa dimensão da significação, Giddens (1989) reinterpreta conceitos sociológicos e inspira leituras inovadoras sobre o fenômeno comunicacional. O referido autor sempre teve seu interesse centrado em reformular a teoria social e reexaminar a compreensão do desenvolvimento e da modernidade. Ele, que foi um dos primeiros autores a trabalhar o conceito de globalização, tem em sua obra reflexões sobre diversas temáticas, entre elas a estrutura de classes, a história do pensamento social, o impacto dos conflitos internacionais nas relações sociais, questões de identidade pessoal e social, entre outros.

Além disso, também contribuiu com a interpretação da teoria sociológica clássica e desenvolveu críticas ao que classificou como limitações teóricas do materialismo histórico.

Giddens é um autor emblemático no que se refere à valorização do diálogo interdisciplinar no campo científico. Tendo sido influenciado por diferentes correntes sociológicas, filosóficas, e mesmo pela geografia humana, construiu uma das mais complexas e comentadas teorias sobre a vida social no mundo contemporâneo, enfatizando a integração entre agência e estrutura, ou indivíduo e sociedade, como tema central. A análise das dimensões do tempo e o espaço, enquanto dimensões onde o agente se situa no processo de interação com os outros, e cujo resultado são as estruturas sociais que emergem dessa interação, mostra-se relevante para ajudar interpretar o poderio analítico da teoria da estruturação (MONT'ALVÃO; NEUBERT; SOUZA, 2011, p. 187).

A Teoria da Estruturação trata da tentativa de articulação entre as duas concepções: ação e estrutura, sendo que destas derivam praticamente todas as conceituações que embasam a unidade teórica (GIDDENS, 1989). De forma muito sucinta, trata-se de uma tentativa de unir as teorias sociais: agência/estrutura, subjetivo/objetivo e micro/macro perspectivas. Essa abordagem não se concentra na individualidade, e sim em propor um equilíbrio na tentativa de tratar das influências da estrutura, entre elas a cultura.

A teoria da estruturação de Giddens pode ser definida, de maneira sintetizada, como um esforço em integrar a ação à estrutura. Giddens, inicialmente, identifica as divisões que apartam as grandes correntes teóricas no campo das ciências sociais, tais como o funcionalismo (incluindo a teoria dos sistemas) e o estruturalismo, de um lado, e a hermenêutica e outras formas de “sociologia interpretativa”, de outro lado. Ainda que por caminhos diferentes, tanto o estruturalismo quanto o funcionalismo enfatizam a preponderância do todo social sobre suas partes individuais (os atores, sujeitos humanos). O pensamento hermenêutico, por sua vez, realça ainda mais o abismo entre sujeito e objeto social (MONT’ALVÃO; NEUBERT; SOUZA, 2011, p. 188).

Impossível explanar sobre a Teoria da Estruturação sem antes ter uma compreensão sobre a perspectiva da reflexividade, por conta das relações existente entre ação e estrutura e sua apropriação reflexiva do conhecimento na sociedade.

Constata-se, aqui, que a noção de estrutura é fundamentalmente processual, dizendo respeito a práticas padronizadas e recorrentes, que se encontram situadas no tempo e no espaço. Neste sentido, os indivíduos vivem e se organizam através de processos dinâmicos de interação social, ou seja, todos os homens têm potenciais que são desenvolvidos ao longo da sua vida. Entretanto, muito embora haja na conduta humana uma dimensão subjetiva considerável, também há um certo limite à autonomia de ação do indivíduo: a regularidade da conduta. Logo, a conduta não é nem mecânica e nem aleatória, pois há o elemento que conduz à sua padronização no tempo e no espaço; e também não é rígida, pois há um limiar de autonomia nas ações (ASENSI, 2006, p. 3).

Dessa forma, de acordo com Rodrigues (2008), a Teoria da Estruturação se propõe a estudar organizações como um dos lugares essenciais, no qual a sociedade é gerada e regenerada. Assim sendo, salienta que a organização está condicionada por seu ambiente, em que as grandes estratificações, a cultura, o mercado de trabalho e o sistema educativo são exemplos de realidades sociais sobre as quais organizações se apoiam para se constituir. Em decorrência disso, a referida autora afirma que o ambiente também é formado, criado e modificado, sendo que essa dualidade é que consiste na ideia central da teoria da estruturação.

2.5.1 Teoria no âmbito das percepções ontológicas

Ao mencionar a teoria e a pesquisa que captam os contornos das coletividades, Cohen (1999) dialoga com o dizer de Marx (1963, p. 15), quando afirmou que “[...] os homens fazem sua história, mas não em circunstâncias de sua própria escolha”. Sendo assim, salienta que existe um aforismo que parece ser mais

convincente no prefácio do que nas conclusões da maioria das obras sobre teoria social.

Para tanto, Cohen (1999) revela que essas perspectivas têm sido alguns objetivos fundamentais da ciência social desde o seu início. Entretanto, destaca que, tipicamente, as explicações da ação social incorporadas nesses trabalhos visam ressaltar a intrusão de circunstâncias estruturais ou sistêmicas na consciência dos atores ou nos domínios em que ocorre a atividade, enquanto que as práticas através das quais ocorre a produção da vida social permanecem inabordadas.

Dessa forma, para o referido autor, atribuir prioridade *ab initio* (desde o início) à estrutura ou à ação parece errado e enganoso quando se reconhece que as duas estão entrelaçadas sempre que os seres humanos fazem a sua própria história.

Uma das contribuições mais significativas da teoria da estruturação, para além da reconciliação entre ação e coletividades, é a de desembaraçar a teoria social dos dilemas que são inerentes tanto ao positivismo quanto às teorias da ação social que têm absorvido a atenção dos estudiosos, sem jamais serem resolvidos, ao longo de boa parte do século XX (COHEN, 1999, p. 395).

Portanto, a teoria como estrutura se torna compatível com essa visão pós-empirista da natureza e dos objetivos das percepções ontológicas. A ontologia estruturacionista está voltada exclusivamente para os potenciais constitutivos da vida social, sendo eles: as capacidades humanas genéricas e as condições fundamentais mediante as quais o curso e os resultados dos processos e eventos sociais são gerados e moldados numa multiplicidade de maneiras empiricamente discerníveis. “A ausência de hipostatização na teoria da estruturação é evidente na extensão em que Giddens evita impor quaisquer restrições substantivas aos seus conceitos ontológicos” (COHEN, 1999, p. 402).

Entretanto, na medida que a teoria da estruturação se concentra na produção e na reprodução de sociedade pelos próprios agentes sociais, uma sistematização das proposições ontológicas acarretaria igualmente certo grau de sistematização trans-histórica nos processos e resultados da práxis social.

Mas a ausência de proposições sistemáticas não é apenas uma questão de prudência metodológica. É evidente em todos os escritos de Giddens que ele tem um respeito profundo pelas capacidades proteicas dos agentes sociais de reproduzir e transformar suas próprias circunstâncias históricas (COHEN, 1999, p. 403).

Nessa perspectiva, Cohen (1999) revela que a diferença entre sociedade e natureza estabelecida por Giddens (1976) denota que a sociedade é criada e recriada pelos participantes em cada encontro social, sendo esse um desempenho qualificado, sustentado e elaborado pelos seres humanos.

Assim, sua concepção da ação humana transfere a atenção para um aspecto mais característico de toda conduta humana, que é o poder de intervir no curso dos acontecimentos ou no estado de coisas.

Isso porque a ação social depende unicamente da capacidade dos atores de "fazer uma diferença" na produção de resultados definidos, quer pretendam ou não que esses resultados ocorram, quer estejam ou não conscientes de que eles ocorrem. Visto que "fazer uma diferença" e transformar algum aspecto de um processo ou evento, a ação na teoria da estruturação é equiparada à capacidade transformativa (COHEN,1999, p. 409).

Contudo, os aspectos físicos dos cenários sociais desempenham um papel acentuado na reprodução das atividades institucionais. Sob esse enfoque, Giddens (1976) admite que a natureza e os contornos dos objetos físicos modelam e facilitam a reprodução tanto do contexto como da conduta. Sendo assim, o conceito de localidade na teoria da estruturação agrega os procedimentos conversacionais às circunstâncias materiais da conduta social. Como designação de localidades, Cohen (1999) ressalta que esse processo decorre das circunstâncias físicas e pelos artefatos humanos associados com as atividades institucionalizadas, porém o conceito de localidade se refere especificamente à maneira com que esses aspectos materiais dos cenários sociais são aplicados no andamento das rotinas sociais.

Em termos de organização social, Giddens (1991) ressalta existir uma desorientação quanto ao fato de que não se pode obter um conhecimento sistêmico sobre a estrutura social. Para tanto, esclarece que não basta apenas inventar novos termos, como pós-modernidade, por exemplo, em um mundo contemplado por eventos que não são compreendidos plenamente e estão fora do controle total.

Antunes (2019) entende por estrutura no pensamento de Giddens (1991) o conjunto de regras e recursos, onde a estrutura encontra-se fora do tempo e do espaço, exceto quando é demonstrada nas práticas e quando aparece como traços de memória, estando, dessa forma, recursivamente implicada nos sistemas sociais. Tais sistemas, ao contrário da estrutura, compreendem as atividades localizadas dos agentes e organizadas como práticas sociais.

De acordo com Giddens (2003), para a reprodução de atividades, os atores se apoiam em regras e recursos (QUADRO 1). Nesse sentido, salienta que as regras demonstram como saber continuar, sendo as mesmas interpretações de atividades, enquanto que os recursos são os veículos do poder. O poder pressupõe a dualidade da estrutura, sendo utilizado para regularizar as relações, associando-se à capacidade para agir.

QUADRO 1 – Estrutura(s) e sistema(s) sociais

Estrutura(s)	<ul style="list-style-type: none"> - Regras e recursos implicados na reprodução de sistemas sociais. - É uma ordem virtual. Existe somente como traços de memória e quando é exemplificada na ação.
Sistema(s)	<ul style="list-style-type: none"> - Padronização de relações sociais. - Relações reproduzidas entre atores ou coletividades.

Fonte: Elaborado a partir de Giddens (2003).

Nota-se que a constituição de agentes e estruturas representa uma dualidade, não sendo conjuntos dados independentemente. Esse processo decorre do fato de que a estrutura não é externa aos indivíduos, “[...] enquanto traço mnêmico e exemplificada em práticas sociais é, num certo sentido, mais interna do que externa às suas atividades” (GIDDENS, 2003, p. 30).

Neste sentido, o conceito de dualidade de estrutura constitui-se como peça-chave para a compreensão desta teoria; da mesma forma que o agente, individualmente ou em grupo, é fundamental. Cumpre dizer que, a grosso modo, o indivíduo recebe um patamar privilegiado na teoria da estruturação, pois é assegurada na sua consciência as condições e conseqüências de seus atos. Mesmo assim, Giddens foge da ingenuidade das correntes anteriores ao admitir que, inevitavelmente, não há conhecimento ou domínio completo das condições e, conseqüentemente, alguns resultados não são previstos. Assim sendo, rompe-se com o dualismo clássico entre objetivismo/subjetivismo, existindo uma tensão reflexiva entre eles no plano social (ASENSI, 2006, p. 2).

Nesse contexto, Antunes (2019) salienta que a estrutura não deve ser comparada com coerção ou com restrição, pois ao passo que restringe também facilita. Para a referida autora, isso decorre do fato de que a estrutura não terá

existência sem o conhecimento que os agentes possuem acerca do que fazem nas suas atividades cotidianas. Em outras palavras, o conhecimento dos indivíduos faz parte da vida social, onde os agentes possuem razão para realizarem ações e isso se engloba na estruturação das práticas sociais.

Ao contextualizar alguns dos aspectos responsáveis por marcar a descontinuidade entre a modernidade e o mundo tradicional, Giddens (1991) ressalta que, com a modernidade, ocorrem ao menos três fontes de dinamismo, sendo elas: a separação entre tempo e espaço e o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe. Na separação entre o tempo e o espaço, explica que ocorre a possibilidade de relações com pessoas localmente distantes, entre outros fatores. Dessa maneira, no mundo tradicional, as dimensões espaciais da vida são dominadas pela presença e por atividades locais, sendo que a coincidência do tempo e do espaço é a principal norteadora das ações.

De acordo com Giddens, Beck e Lash (1997), nesse período, a tradição se envolve com o controle do tempo, sendo uma orientação para o passado que tem influência no presente. Assim, a tradição se associa à memória e conecta a reconstrução do passado com a ação prática, envolvendo um ritual e uma noção de formular a verdade. A memória é, portanto, o processo no qual o passado é continuamente reconstruído. Isto é, as pessoas reproduzem, de forma contínua, as memórias de acontecimentos passados e essas repetições conferem continuidade à experiência, como um meio de organizar a memória coletiva.

Em um outro sentido, Giddens (1991) pontua que, com a modernidade, o tempo e o espaço são separados e os acontecimentos deixam de ser condicionados pela tradição, sendo possível manter relações com pessoas ausentes, localmente distantes, como através de uma mensagem na caixa postal do telefone, onde o distanciamento tempo-espaço passa a ser maior que em qualquer período precedente.

Nessa perspectiva, Dumont e Gattoni (2003, p. 47) frisam que acontece um processo de reconfiguração das práticas sociais e a intensificação das relações sociais em escala mundial, fazendo com que acontecimentos locais sejam modelados por eventos que ocorrem a milhas de distância, “[...] na alta-modernidade, a tradição foi substituída, perdendo então aquela referência tranquila, certa e segura que a tradição, ‘inquestionável’, proporcionava e na qual os sujeitos se baseavam para desenvolver suas ações sociais”.

A segunda dimensão exposta por Giddens (1991) como responsável por marcar a descontinuidade entre a modernidade e o mundo tradicional consiste no desenvolvimento de mecanismos de desencaixe. Segundo o autor, tais elementos são decorrentes do processo de deslocamento das interações sociais dos seus contextos locais, sendo que, desse modo, as ações passam a assumir consequências globais, onde uma atitude individual pode atingir milhares de pessoas.

A vida social na tradição era voltada para o passado; a modernidade rompe com esta ideia, permitindo o desenvolvimento pleno da reflexividade voltada para o presente e para o futuro. Temos, assim, duas consequências: ao passo que a modernidade está aberta ao conhecimento, ela também gera inseguranças pela pluralidade de opções que detém. O caráter não teleológico da sociedade produz o dado social da incerteza dentro da própria reflexividade. Neste sentido, através da noção dinâmica da vida social, a ideia de ruptura não significa um deslocamento, mas sim uma mudança no centro de orientação (ASENSI, 2006, p. 5).

Acredita-se que, indubitavelmente, existem informações complexas impregnadas de conteúdos subjacentes às ações exercidas nas relações sociais. Na maioria das vezes, os agentes envolvidos desconhecem essas informações, não se apercebem da sua existência, desconhecem a tecnologia e a responsabilidade que implicam. Simplesmente aceita-se que eles existem, confia-se cegamente que lá estejam desempenhando o papel que lhes cabe, mesmo que os indivíduos não entendam absolutamente nada sobre seus princípios de funcionamento. Encontram-se, nesse processo, os princípios da confiança nos sistemas abstratos (ASENSI, 2006).

Nesse contexto, Giddens, Beck e Lash (1997) destacam ser preciso considerar que, ao menos de forma parcial, as formas de vida social se constituem através do conhecimento que os indivíduos têm sobre elas. Nesse processo, em virtude de novas descobertas, o conhecimento é capaz de alterar as práticas sociais. Assim, o desenvolvimento do conhecimento humano e o autoentendimento passam a provar que o funcionamento das coisas é bem mais complexo do que aquele gestado pelos pensadores do iluminismo, por exemplo.

Ao invés de afirmar que o desenvolvimento do conhecimento humano permite controlar o mundo, Antunes (2019) ressalta ser possível perceber que muitas vezes abre portas para novas incertezas. Como situação prática, revela que, ao pesquisar

sobre determinada doença, por exemplo, é possível descobrir outras que até então eram desconhecidas.

Por fim, a terceira proposta estabelecida por Giddens (1991) está representada pela apropriação reflexiva do conhecimento. Nesse sentido, o referido autor esclarece que, desde a modernidade, o mundo se constrói mais intensamente pelo conhecimento reflexivamente aplicado. Dessa forma, tal conhecimento não é estático, sendo que não há como estar seguro de que os elementos dados nesse conhecimento não serão revisados. Se na civilização pré-moderna a reflexividade está, em parte, limitada à reinterpretação e ao esclarecimento da tradição, com a modernidade, “[...] a reflexividade é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (GIDDENS, 1991, p. 48).

Portanto, a reflexividade consiste no fato de que “[...] as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 49). Dessa maneira, entende-se que as formas de vida social são, parcialmente, constituídas pelo conhecimento dos indivíduos sobre elas, sendo que o conhecimento tem a capacidade de modificar as práticas sociais por conta das novas descobertas.

Para Antunes (2019), torna-se, assim, necessário enfatizar o caráter ativo da conduta humana, por meio do conhecimento e da ação enquanto elementos constitutivos das práticas sociais. Em decorrência disso, reitera que o conhecimento que as pessoas possuem pode impactar na estrutura que as forma, onde a ação humana é capaz de se envolver na estruturação das práticas sociais.

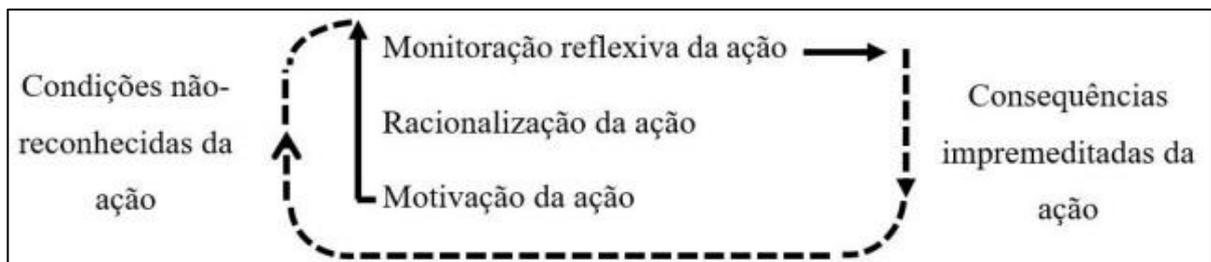
2.5.2 Ação e estrutura constitutivas: o teorema da dualidade de Giddens

Ao conceituar estrutura e ação, Giddens (1993, p. 129) as define não como aspectos de um dualismo, mas, sim, de uma dualidade. Para o autor, ação e estrutura não são independentes entre si, porém constitutivas uma da outra, em que “[...] as estruturas sociais são tanto constituídas pela agência humana quanto, ao mesmo tempo, o próprio meio dessa constituição”. Através desse postulado, as estruturas sociais consistem tanto o meio quanto no resultado da agência humana, sendo por isso definido por Giddens como o teorema da “dualidade da estrutura”.

Do ponto de vista analítico, verifica-se que as noções de estrutura e ação se pressupõem uma a outra, sendo que entre elas há uma relação de dependência. Acerca dos princípios da ação e da estrutura, para Giddens (2003), existem dois elementos opostos, ao destacar que desde a modernidade o mundo é edificado com mais intensidade por meio do conhecimento reflexivamente aplicado. Conseqüentemente, o conhecimento permite a alteração das práticas sociais, por conta das novas descobertas. As práticas são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada. Além disso, o conhecimento e a ação humana podem se envolver na estrutura das práticas sociais, sendo que isso ocorre pelo fato de existir uma dualidade entre ação e estrutura.

Em termos de definições, de acordo com Giddens (2003), ação, ou agência, associa-se no sentido de influenciar um estado de coisas, intervir em um curso de eventos, independentemente de tal influência corresponder ou não à intencionalidade do sujeito. Para exemplificar como as ações se reconfiguram através da reprodução e como as estruturas orientam as ações futuras, Giddens (2003) apresenta um modelo de estratificação da ação (FIGURA 3).

FIGURA 3 – Modelo de estratificação da ação



Fonte: Giddens (2003, p. 6).

Entende-se, desse modo, que segundo Giddens (2003, p. 6), a monitoração reflexiva, a racionalização e a motivação são exterioridades próprias dos indivíduos. Em outro sentido, o monitoramento reflexivo da atividade é “[...] uma característica crônica da ação cotidiana e envolve a conduta não apenas do indivíduo, mas também de outros”.

Para a produção de uma ação, os sujeitos mobilizam os estoques de conhecimento encontrados à sua disposição no decorrer da produção e da reprodução da ação. O conhecimento encontra-se envolvido na gênese da ação e a

capacidade que um indivíduo possui para realizar uma ação depende da sua reserva de conhecimento (GIDDENS, 2000).

Entretanto, é equivocado considerar agência até mesmo pelo ponto de vista segundo o qual um evento deve ser intencional somente através de uma ou outra descrição, pois agência subentende poder, e agir é ser alguém que exerce domínio ou produz algum efeito. Dessa forma, para Giddens (2003), a ação é um processo contínuo e, nesse fluxo, a monitoração reflexiva que o indivíduo mantém é essencial para o controle do corpo que é sustentado no dia a dia. É, portanto, possível ser ator de muitas coisas as quais não se tem intenção de fazer e, também, de episódios que não se quer realizar, mas que são desenvolvidos.

As Consequências impremeditadas da ação são efeitos que as ações provocaram. Falar e escrever de modo correto o português traz como consequência a contribuição para a reprodução dessa língua. Falar português corretamente é algo intencional, mas a reprodução que se confere para a reprodução da língua não é. Trata-se de uma Consequência impremeditada da ação. Além disso, apesar da capacidade cognoscitiva que o agente possui, é impossível que conheça todas as condições que impulsionam sua ação, o que confere às Condições não-reconhecidas da ação. Tais condições têm origem nas Consequências impremeditadas da ação (ANTUNES, 2019, p. 33).

Sob a perspectiva do poder, Giddens (2003) afirma que o mesmo é gerado por meio da reprodução de estruturas de dominação, sendo que existem dois tipos de recursos que constituem as estruturas de dominação: alocativos e autoritários.

Para o referido autor, os recursos autoritários fazem parte da estrutura tanto quanto os alocativos. Isso não significa negar a influência do ambiente acerca dos padrões de vida social, como a influência dos impactos tecnológicos, mas é relevante ter em vista a importância paralela dos recursos autoritários. Os recursos alocativos são os recursos materiais envolvidos na geração de poder.

Em relação aos recursos autoritários, eles são de ordem não material. Diante disso, verifica-se que os indivíduos são portadores de ação e de capacidade de produzirem práticas no cotidiano. Significa dizer que, ainda que existam condicionamentos, os sujeitos detêm o poder da escolha, seja envolvendo família, compras etc. Em outras palavras, as escolhas são tomadas em função de uma racionalidade, em que os agentes são seres cognoscitivos e seu conhecimento envolve-se na estruturação das práticas rotineiras (GIDDENS, 2003). As estruturas

sociais não devem, portanto, ser tidas apenas como coercitivas, mas como facilitadoras, já que são influenciadas pela ação humana (ANTUNES, 2019).

Essa perspectiva pode ser associada à questão das redes de migrações, envolvendo tecnologias como a comunicação com o país de origem, em que se torna possível pessoas de todo o continente terem acesso, por meio da internet, redes sociais, entre outros meios, às situações que se encontram os outros países. A partir desses dados, se forem favoráveis, servem de incentivo para o aumento da migração. Nessa perspectiva, a migração tem feito emergir novos atores que, organizados em comunidades e articulados por meio de redes, mantêm vínculos estreitos com suas áreas e identidades de origem, sendo esse um exemplo do papel interativo que a migração internacional e a globalização exercem na defesa da identidade que caracteriza a fragmentação das sociedades contemporâneas. Isto é, na defesa e proteção dos aspectos culturais dessas comunidades migratórias (BIELSCHOWSKY, 2010, p. 717).

Portanto, as estruturas se encontram imbricadas na vida das pessoas que, em suas práticas, as reproduzem. As relações sociais compreendem tanto uma dimensão sintagmática, isto é, a padronização de relações sociais que envolve a reprodução de práticas localizadas quanto a dimensão paradigmática, que engloba uma ordem virtual de modos de estruturação, implicados em tal reprodução. A estrutura conecta-se a uma combinação na qual os elementos da vida social surgem conjuntamente articulados (GIDDENS, 2000).

No âmbito da sociedade, os sistemas de interação social envolvem atividades localizadas dos sujeitos humanos. Tais sistemas possuem propriedades estruturais e eles próprios não são as estruturas. As estruturas são propriedades dos sistemas sociais, sendo que as atividades das pessoas se encontram sob a forma de sistemas de interação social, que implicam “[...] relações regularizadas de interdependência entre os indivíduos e grupos” (GIDDENS, 2000, p. 35).

No dizer de Giddens (2000), sistema e estrutura são termos que surgem na literatura do funcionalismo e do estruturalismo, existindo, no entanto, uma distinção entre uma e outra proposta nessas correntes de pensamento. Para o autor, o estruturalismo sugere que qualquer um dos termos é redundante e o sistema consiste em uma característica definidora da estrutura. Já em relação ao funcionalismo, a estrutura é tida como uma referência aos padrões das relações sociais e o sistema ao funcionamento efetivo de tais relações.

Diante do exposto, observa-se que, para Giddens (2000), as estruturas representam conjuntos isoláveis de regras e recursos. Entretanto, é preciso compreender o que se entende por regras e recursos. Como recursos, o referido autor explica que podem ser entendidos como os veículos do poder. Quanto às regras, as mesmas não podem ser consideradas separadamente dos recursos, pois os recursos são os modos pelos quais as relações são realmente incorporadas à produção e à reprodução das práticas sociais.

2.5.3 A teoria de estruturação no campo das migrações

Embora Giddens (1987) não tenha desenvolvido e relacionado seus estudos associados à teoria de estruturação para o campo das migrações, sua definição pode perfeitamente ser aplicada à situação envolvendo migrantes internacionais, como no caso a migração internacional recente na cidade de Santa Cruz do Sul-RS, objeto de estudo da presente dissertação. Decorre que o conceito de atores proposta pela teoria de estruturação de Giddens (1997) revela sujeitos ativos envolvidos em práticas sociais, que compartilham o conhecimento das condições e as consequências do que fazem em suas vidas diária. Tal conhecimento tem sua origem na consciência discursiva e consciência prática dos atores.

Quanto à consciência discursiva, conforme Giddens (1987), a mesma acontece pelo fato de os atores serem capazes de expressar verbalmente acerca das condições sociais e de sua própria ação. Sob outra perspectiva, consciência prática ocorre quando os atores sabem sobre as condições sociais, incluindo as condições de sua própria ação. Nesse sentido, as atividades sociais humanas são produzidas e reproduzidas por meio de interações de sujeitos sociais que se afirmam como atores.

Na visão de Giddens (1987) também é frequentemente observada a atenção à autonomia, às representações e aos comportamentos do ator, onde desenvolveu a noção de "competência dos atores". Na perspectiva envolvendo os migrantes internacionais, os atores do desenvolvimento são vistos como agentes competentes, tendo assim as habilidades necessárias para mudar suas vidas a partir das oportunidades disponíveis para eles e do contexto estratégico da evolução que é presente para eles.

Esses mesmos migrantes estão constantemente contribuindo para a transformação social dos territórios onde vivem. Então, o migrante, considerado um ator do desenvolvimento, é entendido nessa perspectiva como um sujeito social que, de maneira estável ou transitória, possui a capacidade de mobilizar recursos e interagir em um determinado espaço social. Acontece que ele está inserido em uma realidade social em movimento e pode se expressar por meio dela (GIDDENS, 1987).

Considerando as características do mundo globalizado, isto é, com as facilidades de transporte e de acesso a tecnologias de comunicação e de informação, não é difícil pensar porque a migração ganha importância nos estudos e se torna um fator de transformação e desenvolvimento nos países ou regiões envolvidas. Segundo Gonçalves (2009), pesquisadores têm feito um esforço para descrever e explicar os movimentos migratórios a partir de múltiplas perspectivas, considerando as variáveis demográficas, econômicas e sociais, tanto do local de origem quanto do de destino. Enquanto os economistas buscam explicá-lo a partir do modelo *push-pull*, os sociólogos e geógrafos focam na importância que as redes sociais e o transnacionalismo possuem nesse processo.

Decorre que, para Giddens (1987), todos os sujeitos trazem consigo habilidades sejam elas qualificadas ou não. Assim, em termos territoriais, esse migrante ocupa por um dado momento um espaço com o qual ele estabelece relações especiais. Ocorre que, para Giddens (1987), no processo de relações sociais o indivíduo é um agente reflexivo, sendo que essa reflexividade implica um posicionamento de cada um e uma copresença, uma vez que a sociedade é um conjunto de interesses entre cruzados.

Nesse contexto, todo ator tem acesso a recursos diferenciados, tanto materiais quanto simbólicos. Dessa forma, torna-se importante sublinhar o histórico em que as ações desses migrantes são realizadas, algo que permite entender melhor a complexidade e a diversidade de ambientes sociais e geográficos onde esses atores participam e evoluem.

No entanto, esses processos sociais estão estruturados na vida cotidiana e revelam elementos cruciais em relação ao perfil dos migrantes, bem como acerca de suas oportunidades atuais e futuras de integração territorial. Dessa forma, é interessante observar, estudar e tentar entender as várias facetas que envolvem o comportamento deste ator, com a proposta de reconstituir a coerência sobre os

diversos contextos territoriais em que ele optar por viver. Essa constatação vai ao encontro do dizer de Mont´Alvão, Neubert e Souza (2011, p. 188), quando afirmam que “[...] nas sociologias interpretativas é conferida primazia à ação e ao significado na explicação da conduta humana”.

Desse ponto de vista, ao identificar o imperialismo do sujeito nas correntes das sociologias interpretativas e o imperialismo do objeto social nas formulações estruturalistas e funcionalistas, Giddens (1989, p. 2), apresenta como uma das principais ambições na sua formulação da teoria da estruturação colocar um fim a cada um desses esforços de estabelecimentos de impérios.

O domínio básico de estudos das ciências sociais, de acordo com a teoria da estruturação, não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas no espaço e no tempo. As atividades sociais humanas, à semelhança de alguns itens auto-reprodutores na natureza, são recursivas. Quer dizer, elas não são criadas por atores sociais, mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores.

Para a compreensão da Teoria da Estruturação, a distinção que Giddens (1991) estabelece entre consciência discursiva e consciência prática é de grande relevância. A consciência discursiva está relacionada à capacidade de expressar com palavras as coisas, enquanto a consciência prática se refere apenas ao que fazem os atores, não se limitando à sua capacidade de expressar o que fazem com palavras.

Esse segundo tipo de consciência é o mais importante na teoria da estruturação baseada no aspecto da migração, visto que reflete um interesse fundamental pelo que se faz mais pelo que se diz. Decorre que a consciência prática “relaciona a sabedoria cotidiana das pessoas com a natureza estrutural dos sistemas sociais” e sugere que “boa parte da vida social consiste em “tocar para a frente no contexto das convenções” (GIDDENS, 1991, p. 72).

2.5.4 A relevância do agente sobre a ação

Ao acentuar a importância do agente sobre a ação, Giddens (1991) lhe atribui grande capacidade de promover mudanças no mundo social. Em sua perspectiva, um ator deixa de ser um agente na medida que perde a capacidade de introduzir

mudanças. Com isso, o autor não ignora o fato de que existam forças opressoras sobre os atores, mas isso não significa que os atores não tenham possibilidade de transformar as situações.

De outra parte, Giddens (1989, p. 20) esclarece que as noções de estrutura, sistema e dualidade de estrutura compõem o foco conceitual básico da teoria da estruturação. A estrutura é definida como “regras e recursos, ou conjuntos de relações de transformação, organizados como propriedades de sistemas sociais”. A estrutura, para Giddens, se faz possível devido à existência de normas e recursos, não sendo possível existir *per se* (por si mesmo) no tempo nem no espaço, uma vez que a estrutura somente existe em e mediante as atividades dos agentes humanos.

O sistema social é definido por Giddens (1989, p. 20) como um conjunto de práticas sociais reproduzidas ou “[...] relações reproduzidas entre os atores ou coletividades organizadas como práticas sociais regulares”. Dessa forma, a ideia de sistema social de Giddens se deriva de sua preocupação central pela prática. Os sistemas sociais não têm estruturas, a não ser que exibem propriedades estruturais. As estruturas não existem *per se* (por si mesmo) no tempo e no espaço, mas se manifestam dentro dos sistemas sociais na forma de práticas reproduzidas.

Além do mais, (Giddens, 1989, p. 20) ressalta que o conceito de estruturação implica “[...] em condições governando a continuidade ou transmutação de estruturas e, portanto, a reprodução de sistemas sociais”. Do mesmo modo, ao estabelecer o conceito de estruturação, Giddens apresenta como premissa a ideia de que a constituição dos agentes e a das estruturas não são dois conjuntos independentes de fenômenos, não significam um dualismo, representando, também, uma dualidade, isto é, as propriedades estruturais dos sistemas sociais são tanto um meio como um produto das práticas que organizam recorrentemente.

De outra maneira, Giddens (1989, p. 20) revela que “[...] o momento da produção da ação é também o da reprodução nos contextos da realização cotidiana da vida social”, sendo que essa dualidade de estruturas implica no exercício da autonomia do agente de dirigir a ação que é própria do indivíduo e ocorre em contextos definidos. De tal modo, a estruturação resulta na relação dialética entre a estrutura e a ação, uma vez que estrutura e ação constituem uma dualidade, não podendo existir uma sem a outra.

Nessa perspectiva, para Giddens (1989), a sociedade corresponde a um contínuo fluxo de condutas que tendem a reproduzir ou produzir um mundo social

potencialmente plástico. Por conseguinte, a teoria da estruturação deve ser reconhecida como uma teoria que analisa processos e não produtos, pois não denota fixidez, durabilidade ou alguma fase do desenvolvimento histórico.

Dessa forma, o tempo e o espaço constituem variáveis cruciais na teoria da estruturação de Giddens (1989). Ambas dependem de se as outras pessoas estão presentes temporal ou espacialmente. Além disso, a condição primordial é a interação face a face, onde os outros estão presentes no mesmo tempo e espaço. Em outras palavras, uns sistemas sociais se estendem no tempo e no espaço, mas outros deixam de estar presentes.

Quanto ao desencaixe do tempo-espaço, Giddens (1991) esclarece que se trata do fato de o tempo não mais depender de ocorrências externas ou naturais e do espaço, não estando mais vinculado a um determinado lugar. Esse fato transformou radicalmente a natureza das relações sociais e, também, o senso de organização social. Nesse contexto, a evolução dos meios de comunicação através dos avanços tecnológicos foi o principal motivador para essas mudanças na relação entre o tempo e o espaço, assim como para a diminuição das distâncias viabilizadas também pelo progresso dos meios de transportes que são cada vez mais rápidos.

Nesse sentido, Mont'Alvão, Neubert e Souza (2011) salientam que, desde então, as relações sociais não mais dependem do "lugar" em que são realizadas, pois são deslocadas dos limites impostos pelas interações face a face e são reestruturadas através de pontos indefinidos no tempo e no espaço. Tal processo fornece um dinamismo único, marcante nas sociedades modernas e que teve influências drásticas na natureza do processo histórico. A migração, por exemplo, movida também pelos avanços tecnológicos que diminuiriam tempo e espaço, estabeleceu novos atores e processos, sendo articulados por meio de redes que facilitam ou motivam os deslocamentos (BIELSCHOWSKY, 2010).

Em síntese, Mont'Alvão, Neubert e Souza (2011) sublinham que o indivíduo é representado através de trajetórias desenvolvidas no tempo e no espaço, na chamada "perspectiva biográfica", importando tanto as experiências internas como os eventos externos ao indivíduo. Enquanto isso, o ambiente é composto pelos outros indivíduos, por objetos indivisíveis, tais como animais, máquinas, por objetos divisíveis, como água e ar, e por domínios, que representam as extensões do espaço, nas quais as relações de poder são empiricamente detectáveis através da

divisão desigual de recursos, da disparidade de opções e do reconhecimento de direitos e deveres por parte de diferentes indivíduos.

O tempo, nessa concepção, é considerado também um recurso, neste caso, escasso, e não meramente como uma dimensão que serve como base para a ação. Em suma, essa abordagem propõe um modelo que pesquise a relação entre grupos humanos e a estrutura de domínios presentes em determinados ambientes (MONT'ALVÃO; NEUBERT; SOUZA, 2011, p. 194).

Tais fatores, segundo Giddens (1989, p. 90), examinados como recursos, e assim implicados na geração e distribuição de poder, condicionam as redes de interação formadas pelas trajetórias da vida diária, semanal, mensal e total dos indivíduos em suas interações recíprocas.

Quanto às características estruturais do grupo de indivíduos, como as divisões de gênero e ocupação, por exemplo, para Mont'Alvão, Neubert e Souza (2011), as mesmas são levadas em conta para a construção do quadro de opções e escolhas possíveis para cada indivíduo, as quais interferem diretamente nas possibilidades de mobilidade social ao longo das trajetórias no tempo-espaço.

Outro aspecto importante que deve ser levado em conta nos estudos com base no conceito "tempo-geografia" são os períodos de vida naturais e sociais que influenciam enormemente as trajetórias de vida. A infância e a velhice, que demandam grande dedicação dos usos do tempo às atividades de cuidados pessoais, quase sempre realizados com a ajuda de outros, assim como o período fértil da mulher, são exemplos de ciclos naturais que afetam a vida dos indivíduos de forma mais ou menos padronizada. Por outro lado, a época de escolha da profissão, de formação da família, de entrada no mercado de trabalho, ou a idade para aposentar-se, são exemplos de variáveis intervenientes nas trajetórias de vida que são determinadas por ciclos sociais ou culturais (MONT'ALVÃO; NEUBERT; SOUZA, 2011, p. 195).

Nessa direção, Soja (1993) destaca que o ponto forte da teoria da estruturação estaria em não apresentar fórmulas e esquemas simples, tampouco propor posturas rigidamente categóricas acerca das vias teóricas a serem seguidas no tratamento da dimensão espaço-temporal da organização social. Na realidade, o autor sintetiza de forma ampla a concatenação quase infinita de dualismos associados ao que se seguiu à oposição, repetidamente demais condensado, entre subjetividade e objetividade.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA TRAJETÓRIA DE IMIGRANTES EM SANTA CRUZ DO SUL

Para fazer uma relação entre a construção social e a trajetória dos imigrantes aqui pesquisados, optou por analisar as entrevistas através de cinco delimitações, primeiramente olhando para o passado e percebendo a situação dos imigrantes antes da migração. Depois considerando as percepções dos migrantes internacionais em Santa Cruz do Sul e analisando seus processos de integração (comparação de estratégias econômicas e sociais).

Na sequência foram expostos os "projetos de vida" dos migrantes, suas formas de pertencimento e dinâmica territorial. Para concluir, um subcapítulo que trata das partidas e chegadas e o lugar de convergência entre as aspirações pessoal e social dos entrevistados.

3.1 Procedimentos de coleta e análise dos dados

A coleta de dados se deu por meio de pesquisa qualitativa, tendo como técnica de coleta entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE A). Desse modo é possível obter informações sobre as trajetórias individuais de migrantes internacionais, buscando aprofundar a compreensão a respeito das construções sociais e econômicas de migrantes na cidade média de Santa Cruz do Sul a partir de suas trajetórias individuais.

Em função do objetivo da pesquisa, optou-se por entrevistas individuais e em profundidade que são técnicas qualitativas que exploram um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Assim, de acordo com Duarte (2006, p. 62),

entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística.

Já Richardson (1999, p. 39) defende que

os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e

possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Para o autor, “a abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 79).

Já a técnica de entrevistas, consiste na ação em que pesquisador e pesquisado ficam frente a frente e o pesquisador formula perguntas de acordo com o seu interesse de pesquisa. É a técnica de pesquisa mais utilizada no meio social por diferentes profissionais a partir de diferentes interesses (GIL, 1999).

As entrevistas constituem-se em técnicas de coletas de dados e permitem a “investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 178).

Tendo em vista que, pesquisador e pesquisado estão frente a frente, existe a possibilidade de esclarecimento de muitas dúvidas, em tempo real e, também, a observação de expressões físicas durante as respostas.

Segundo Flick (2004), as entrevistas com roteiros semiestruturados em comparação com as entrevistas padronizadas ou com os questionários facilitam o processo de obtenção de informações, a partir do ponto de vista dos entrevistados. Em função de sua flexibilidade, permitem ao pesquisador incluir e excluir determinadas questões ou ainda efetuar alterações na ordem das questões, em virtude das respostas obtidas.

Para Gil (1999), as principais vantagens são: a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; a eficiência para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; dados esses que podem ser classificados ou quantificados; a flexibilidade que possibilita um maior número de respostas, até para os que não sabem ler e escrever e sem contar a possibilidade captar a expressão corporal do entrevistado.

Nesta pesquisa, foram entrevistados 8 migrantes internacionais que vieram para Santa Cruz do Sul recentemente (últimos 10 anos conforme recorte já citado anteriormente). Neste caso, utilizamos um recorte não-probabilístico de forma que a seleção se deu por acessibilidade ou conveniência, o que consiste em selecionar um subgrupo que possa ser representativo, de acordo com os objetivos do estudo (GIL, 1999).

Foram considerados como critérios de seleção dos entrevistados, aspectos como: idade, gênero, escolaridade e especialização do trabalho. A abordagem levou em consideração uma variedade de perfis para permitir observar similitudes e contrastes.

Assim, o objetivo do pesquisador não é uma captação representativa de todas as possíveis variações, mas sim, o entendimento mais profundo dos casos analisados, o que possibilita o desenvolvimento das categorias identificadas em termos de propriedades e dimensões. Diferentemente das amostragens estatísticas, em que se busca uma amostra aleatória que seja representativa da população, nesse caso, o critério básico para seleção dos participantes é sua relevância para a compreensão das categorias temáticas propostas (OLIVEIRA, 2007).

Esse recorte foi composto por 8 migrantes de 8 diferentes nacionalidades, a mencionar: Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Indonésia, Senegal, Uruguai e Venezuela. Entre eles 4 homens e 4 mulheres, com idades de 30 a 67 anos.

3.2 Características e situação pessoal dos migrantes

Aqui, buscamos compreender os itinerários pessoais e trajetórias sociais dos migrantes. Vamos analisar o que eles pensam em situações temporais concretas, para identificar as especificidades dos diferentes momentos constitutivos da trajetória migratória. Neste sentido, a descrição da situação dos migrantes antes de migrar vai ajudar a conhecer a diversidade de contextos sociais e familiares no local de origem e o papel desses contextos no momento da viagem.

Esta parte da análise irá, entre outras coisas, destacar as experiências dos pesquisados em sua região ou local de origem. Depois, tentaremos entender as razões da partida e a maneira como viveram e perceberam o momento da partida.

Durante décadas, os debates sobre migração foram dominados por uma interpretação macroestrutural do fenômeno. Os fatores econômicos desempenharam um importante papel na explicação do motivo pelo qual os migrantes deixam suas comunidades de origem.

No entanto, outras perspectivas de estudo (GALLAND, 1991; GAUTHIER, 1997) abordam a migração como um processo social no qual os migrantes estão inseridos em relações objetivas, estruturais e ao mesmo tempo também estão inseridos nas relações subjetivas e culturais. Nesse sentido, a migração e as

diferentes etapas do processo migratório são percebidas como um processo de construção social.

No caso da nossa análise, consideramos que as condições estruturais e posição social ocupada por migrantes afetam suas trajetórias. Neste sentido, a migração não é apenas o resultado das condições objetivas impostas aos migrantes, mas também de um conjunto de situações encontradas pelos migrantes durante o processo de migração.

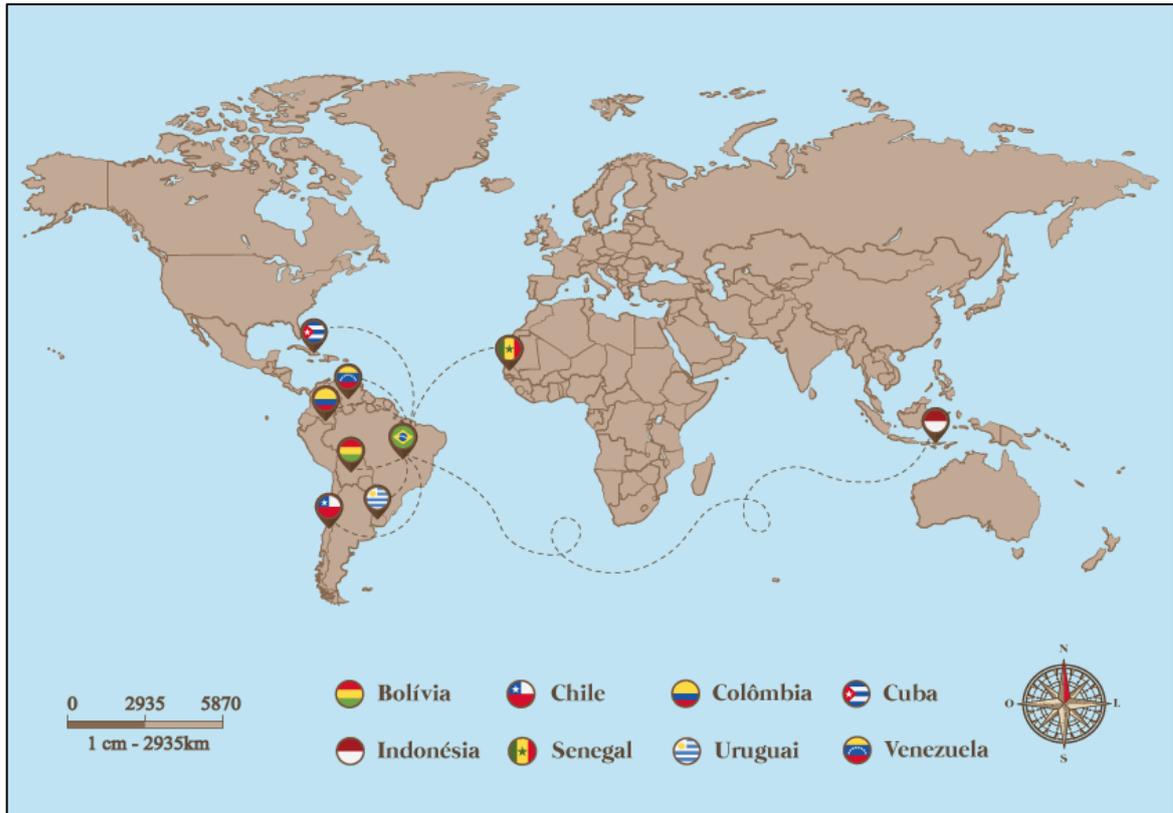
A perspectiva de receber o migrante como um sujeito social é importante por compreender todos os elementos do processo de migração, como a solidariedade familiar, de amizade e de parentesco relações que ocorrem durante a migração.

Procuraremos observar os conflitos e dilemas que os migrantes enfrentam, tanto nos municípios de origem como de destino. Desta forma, queremos também apontar as objetividades e as subjetividades que fazem parte do processo migratório, analisando seu alcance e suas possibilidades.

A partir dos dados coletados podemos identificar algumas características destes migrantes. O total inclui 4 homens e 4 mulheres, sendo que mais da metade dos entrevistados situam-se entre 30 e 35 anos, o restante dos pesquisados tem entre 45 e 67 anos.

A maioria dos entrevistados vive a menos de 5 anos em Santa Cruz do Sul, da totalidade, apenas 3 estão completando 10 anos na cidade. Abaixo, no mapa da figura 4, constam as origens dos migrantes internacionais entrevistados.

FIGURA 4 – Mapa de origem dos entrevistados



Fonte: Elaboração própria.

Como se vê no mapa, os migrantes entrevistados nessa pesquisa são advindos dos países: Colômbia, Senegal, Cuba, Bolívia, Indonésia, Chile, Venezuela e Uruguai. Todos considerados países Sul Global, termo utilizado para se referir-se ao conjunto de países considerados em desenvolvimento. A divisão norte-sul é uma divisão socioeconômica e política que se separa os países desenvolvidos, chamados de países do norte, dos países do sul, grupo de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, divididos no mapa através de uma linha imaginária.

O termo “Sul” (geralmente utilizado com letra maiúscula por se tratar de uma adjetivação do substantivo de significado geográfico) é sinônimo de países emergentes. Ele remete à nova divisão internacional surgida no pós-Guerra Fria, em que o mundo não mais seria dividido entre Leste (países comunistas) e Oeste (países capitalistas), mas entre Norte (países desenvolvidos, industrializados no século XIX) e Sul (países em desenvolvimento, ex-colônias e de industrialização tardia). A divisão geográfica estabelecida pela linha do Equador remete antes à outra divisão, a separação ideológica existente no cenário do desenvolvimento. Ela reivindica maior equidade de poder e mais representatividade na produção de conhecimento (CAIXETA, *on-line*⁷, 2014).

⁷ Disponível em: <<https://obs.org.br/cooperacao/662-o-sul-global-na-politica-e-academia>>. Acesso em: 31/08/19

Ou seja, as migrações estudadas nesta dissertação são migrações Sul-Sul, uma vez que o Brasil também é um país em desenvolvimento e que faz parte também do Sul Global.

Podemos considerar que a maioria dos atores atendidos em nossa busca é bastante privilegiada, pois possuem qualificações acadêmicas, recursos econômicos, sociais e culturais e apoio familiar. Os entrevistados que exercem atividade remunerada em Santa Cruz do Sul representam a maioria dos entrevistados.

Eles possuem as mais diversas formações, dos 8 entrevistados 6 possuem curso superior nas seguintes áreas: engenharia mecânica, medicina, turismo e economia, biologia e administração. Dos 6 com curso superior, apenas 3 estão trabalhando em sua área de formação na cidade de Santa Cruz do Sul.

Nesse sentido é preciso observar que o contexto socioeconômico desempenha também um papel importante na trajetória dos migrantes, pois aqueles que não podem beneficiar das mesmas oportunidades de acesso aos recursos econômicos têm diferenças distintas em suas trajetórias individuais, representações e preocupações.

A partir dos dados coletados podemos identificar algumas particularidades nas trajetórias individuais destes migrantes.

3.3 Um olhar sobre o passado: a situação dos imigrantes antes da migração

A descrição da situação dos migrantes antes de migração nos auxiliou a conhecer a diversidade de contextos sociais e familiares no município de origem e o papel desses contextos no momento da viagem. Esta parte da análise irá, entre outras coisas, destacar as razões da partida e a maneira como viveram e perceberam o momento da partida.

A partir dos depoimentos coletados, perceberemos que para os entrevistados, a vida no município de origem antes da viagem era predominantemente orientada para o trabalho ou estudos. Da totalidade, apenas um entrevistado morava sozinho, os demais moravam com familiares. Questionados se o processo de migração foi uma escolha ou uma imposição, todos eles responderam que se tratou de uma escolha.

Da totalidade de entrevistados, um deles veio para a cidade em função de uma oportunidade na empresa onde já atuava, outro recebeu uma proposta de

trabalho, outro buscando acumular dinheiro para voltar ao seu país (porém optou por ficar), outra veio a trabalho mas acabou ficando em função de um relacionamento, outras duas vieram para o Brasil e conseqüentemente para Santa Cruz do Sul em função do companheiro, dois entrevistados vieram a procura de experiências diferentes.

Quando convidados a responder sobre os eventos que desencadearam a partida do seu país de origem as respostas foram heterogêneas. Este migrante, por exemplo, nos diz:

Meu pai tem uma loja, desde antes de eu nascer, então eu trabalhava na loja do meu pai, só que quando eu trabalhava lá, eu não valorizava, eu dormia até 10 horas da manhã, ia na loja e nem esperava o horário de fechar, tinha que ir para a praia e aproveitar, então, eu não valorizava o serviço lá. Eu fiquei trabalhando, só que não adiantou nada, então, um dia, eu estava conversando com um amigo meu que mora no Rio de Janeiro, e faz tempo que ele está trabalhando no Brasil, eu comecei a falar com ele, 'como está o Brasil?', e ele falou para mim 'aqui é bem bom, nós trabalhamos bastante, ganhamos bastante', eu falei 'meu sonho é ir lá, ver o que tem lá de diferente daqui, o meu sonho é ir lá trabalhar e conseguir um dinheiro, voltar ao Senegal, abrir mais uma loja, daí nós vamos ter duas lojas e vender mais' (SENEGAL / M / 30)⁸.

Como se vê no depoimento, cabe ressaltar que uma grande parcela dos entrevistados mencionou que Santa Cruz do Sul não foi sua primeira cidade ou país de destino. Outro entrevistado, trabalhador de uma multinacional do setor fumageiro, veio para a localidade por questões de trabalho:

Me ofereceram um posto, eu aceitei, impactou que eu vim (COLÔMBIA / M / 34).

Por outro lado, nos relatos abaixo, a migração representa uma oportunidade privilegiada de viver múltiplas experiências, bem como a importância dos laços sociais:

Olha, como é que vou te dizer, eu conheci alguém, uma pessoa, gostei muito dessa pessoa, aí eu vim para cá, mas, na verdade, antes eu já viajava, então o mundo é tão pequeno, nós vemos como que nós conseguimos nos adaptar em outros lugares, porque eu já fui criada para o mundo (INDONÉSIA / F / 58).

Eu viajava muito dentro do Chile, mas como já conhecia o Chile, nasceu a curiosidade de conhecer outro país, como eu fazia artesanato, e meu

⁸ A fim de respeitar o anonimato dos entrevistados, optou-se por uma codificação composta por país de origem, gênero e idade.

artesanato me gerava um dinheiro para poder financiar minha viagem, meu pai também ajudava um pouco, para financiar a viagem, o motivo foi justamente mais conhecimento, eu queria ter outros tipos de vida, outro tipo de cultura (CHILE / M / 47).

Enquanto a maioria dos entrevistados enumerou uma série de razões que os levaram a migrar, houve alguns que lembraram nostalgicamente os bons tempos e certas características de suas próprias vidas em seu município de origem. Assim, eles atribuem grande importância às ligações com familiares e amigos no seu município de origem. Os elementos que determinam e diferenciam o comportamento de migrantes internacionais em relação à situação antes do deslocamento dependem, em certa medida, de fatores sociais. No entanto, percebemos que esses comportamentos estão relacionados intimamente às dimensões estruturais.

3.4 As percepções dos migrantes internacionais em Santa Cruz do Sul

O termo “representação” é utilizado atualmente em diferentes disciplinas, especialmente na fronteira da sociologia e da psicologia. A concepção clássica do termo deriva diretamente da sociologia de Durkheim (1983), que afirma que o mundo é feito de “representações”. Para este autor, as representações ajudam a entender melhor o comportamento dos grupos sociais. Baseando-se na noção de Durkheim, o conceito de “representação” obteve uma nova concepção na psicologia social, graças aos escritos de Moscovici (1981).

Na psicologia social de Moscovici (1981), o ser humano é um ser dotado de razão, capaz de escolhas ponderadas e que, ao mesmo tempo, forja suas próprias representações da realidade. Assim, as representações sociais são “um conjunto de conceitos, enunciados e explicações que vêm da vida cotidiana” (Moscovici, 1981, p. 181).

Para Berger e Luckmann (1987), a formação de representações sociais a partir das experiências da vida cotidiana é a base que lhes permite ser tratada e reconhecida como “conhecimento” pela sociedade. Isso porque a realidade da vida cotidiana é apresentada como uma realidade por excelência, pois advém essencialmente das relações que o ser humano consegue estabelecer no cotidiano com o mundo e que tem caráter de urgência para a consciência. O indivíduo

vivencia a vida cotidiana num estado de atenção que lhe permite apreendê-lo de forma natural.

As representações sociais que surgiram nas histórias dos migrantes ilustraram em detalhes como elas percebem sua origem a partir de uma realidade cotidiana. Então, com base nas declarações contidas nas histórias de migrantes, procuraremos evidenciar o modo como elas representam a cidade de Santa Cruz do Sul na realidade cotidiana. A partir das percepções dos entrevistados, analisaremos como eles constroem suas experiências e sua vida na cidade, por meio de suas ideias e práticas sociais. Nesse sentido, a linguagem utilizada para interpretar as histórias baseia-se no significado das experiências vividas no dia a dia destes entrevistados.

Os relatos dos migrantes entrevistados evidenciam diferenças significativas na percepção, mas ao mesmo tempo apresentam quadros e narrativas muito semelhantes. O grupo de entrevistados revela os principais aspectos positivos e negativos da vida em Santa Cruz do Sul. Entre as percepções positivas elaboradas em torno da cidade, encontramos a segurança, a beleza da cidade (ruas, jardins, arquitetura, limpeza e organização), a liberdade individual e os amigos, como podemos perceber na seguinte fala:

Tenho muitos amigos, e amigas também, tenho várias, muitos, muitos, mas tem uma pessoa que te falei, o Baron, que trabalha na Universal, esse foi a primeira pessoa que eu encontrei, então, essa pessoa marcou muito minha vida, porque foi ele que me colocou para trabalhar, se eu consegui conquistar alguma coisa, hoje, foi ele que me botou ali (SENEGAL / M / 30).

O trecho acima mostra que se observa um sentimento de estima pelas amizades conquistadas na cidade. Para os migrantes as novas relações sociais ocupam um espaço considerável na percepção que eles têm do espaço urbano e do modo como vivem sua vida cotidiana. Assim, encontram na diversidade de situações vividas, uma base que lhes permitem construir sua relação com a cidade.

Além disso, os migrantes encontram na cidade uma maior liberdade individual de escolha, especialmente se tratando de lazer e das relações pessoais. Esta liberdade individual foi levantada a partir dos relatos dos entrevistados.

Se eu fosse comparar, aqui nós temos mais liberdade, de poder andar com a namorada na rua, caminhando junto e beijando, não dá nada. Lá não pode, lá você tem namorada, mas tudo você tem que fazer dentro do

quarto, escondido, fechar bem a porta, você não pode mostrar para ninguém (SENEGAL / M / 30).

Aqui eu gosto mais, porque aqui a pessoa tem liberdade, a pessoa tem que fazer o que quer fazer na sua vida, a pessoa tem que aproveitar, na verdade, nós morávamos lá, gostávamos muito de lá, mas não conseguíamos aproveitar nada na vida, aqui nós aproveitamos bastante. Para mim, aqui é melhor porque você consegue trabalhar, você consegue aproveitar a sua vida, ninguém cuida de ninguém, você faz o que você quiser, então, é um pouco diferente de lá, lá você não pode fazer nada, você está dentro de um presídio, tudo tem que calcular, tudo você tem que olhar, tem que esconder, para sair com a namorada, você e ela tem que esconder, tudo tem que esconder, aqui é mais liberdade, lá nós não temos liberdade (SENEGAL / M / 30).

Outra questão em destaque foi a beleza da cidade de Santa Cruz do Sul, ou seja, um conjunto de características que são agradáveis à vista e que são capazes de encantar quem observa. São características físicas do local que geram sensações positivas. Juntamente com a proximidade dos locais (por se tratar de uma cidade menor) e atrações culturais existentes:

Se é para mim comparar, a cidade de Santa Cruz é menor de onde eu nasci, onde eu nasci é uma cidade maior, aqui é uma cidade muito linda, as pessoas são bem receptivas, é muito carinhoso todos, e lá também (INDONÉSIA / F / 58).

Eu estou há dois anos e meio aqui em Santa Cruz, como te falei, eu morei um tempo lá, bem no centro, na Galvão Costa, eu morava em um prédio, condomínio, bem confortável, eu gostei muito de morar no centro, porque é tudo próximo, em uma esquina já está no centro, na outra tem um mercado, na outra tem farmácia, tem tudo perto, e gostei muito também porque tudo que acontece de festa, de evento passa por lá, então era uma coisa bem legal para se distrair, para conhecer a cultura, quando você chega nova em uma cidade, você quer conhecer tudo, a Oktober era a duas quadras da minha casa, então, para mim, isso era muito legal, eu estou nessa casa aqui há sete, oito meses, mais ou menos, e eu gosto daqui porque é bem tranquilo, é bem calmo... (BOLÍVIA / F / 32).

Em relação aos aspectos negativos, sem dúvida a violência urbana é uma das principais preocupações na atualidade. No entanto, nas manifestações percebidas através da fala dos entrevistados, Santa Cruz do Sul se destaca exatamente pelo contrário, por trazer o sentimento de segurança aos migrantes. Este fato é exposto em diversas falas:

Quando eu cheguei no Brasil, eu morei um ano em Alvorada, e esse processo foi muito crítico para mim, a adaptação lá, por causa de ser uma cidade tão perigosa, eu vivia com medo o tempo todo, foi um ano bem tenso para mim. Depois desse primeiro ano, meu marido conseguiu trabalho aqui, ele trabalha em Sinimbu, mas nós viemos para morar aqui em Santa Cruz e,

para mim, foi uma das melhores coisas que me aconteceu, porque nós viemos para conhecer, nós gostamos da cidade, uma cidade limpa, bem organizada, e aqui eu me sinto segura, desde o início me sinto segura (BOLÍVIA / F / 32).

Bom, por ser uma cidade grande lá, acho que a seguridade tem muito que ver, então as atividades seriam mais durante o dia, pode ser um parque, uma coisa assim, tem muitos parques lá, que acho que não é tão diferente daqui, a única diferença é, acho, mais a vida noturna, é mais seguro aqui, por ser uma cidade mais pequena, mais segura mesmo, mas igual eu não era de sair muito lá, então não fez muita diferença, não mudou muito (VENEZUELA / F / 31).

A primeira vez foi um impacto, porque Santa Cruz é bem pequeno, muito tranquilo, tudo fechado (COLÔMBIA / M / 34).

Acho que, nesse sentido, os dois são bem parelhos, porque Valdivia é turístico, Valdivia tem bastante lago, tem bastante lazer, e não paga nada, aqui também tem muito lazer e não paga nada, o estilo de vida aqui é mais tranquilo que lá, aqui é mais interior, não tem tanta violência, mais limpo, todo mundo se conhece, todo mundo se cumprimenta, nesse sentido é muito bom Santa Cruz, eu amo Santa Cruz (CHILE / M / 47).

Eu encontrei segurança, que era o que eu mais precisava, necessitava, porque não tem nada na vida que tenha maior valor que a sua segurança, você se sentir seguro, não sentir medo, não é que não acontece nada de ruim aqui, porque acho que não tem lugar mais onde você esteja a salvo, tranquilo, mas aqui é bem mais tranquilo do que onde eu morei antes no Brasil, em Alvorada, e esse bairro aqui é muito bom, a vizinhança, são todos uma maravilha, desde que eu cheguei todo mundo veio me conhecer, me cumprimentar e oferecer 'qualquer coisa que você precisar pode vir me procurar', os vizinhos aqui são todos maravilhosos. Os desafios, eu achei um desafio os alemães, eles são muito fechados, e você às vezes até nota uma certa discriminação, porque o meu sotaque você percebe, por não ser do país, mas, outra coisa, não tanto de Santa Cruz do Sul, mas em geral, o fato de eu não estar trabalhando é uma dificuldade para mim (BOLÍVIA / F / 32).

Como podemos ver nesse último trecho da entrevista alguns aspectos negativos da cidade também foram relatados. Assim, para estes entrevistados, além das dificuldades com os processos de documentos, falta de oportunidades de trabalho, falta de opções de lazer e o comportamento das pessoas (muito fechadas, distantes, atitudes de julgamento) são também muitas vezes os aspectos mencionados.

O fato de estar legalmente morando da cidade não implica que os migrantes tenham validados todos seus documentos, especialmente se tratando de diplomas e certificações acadêmicas/profissionais. Esse caso foi mencionado por quase metade dos entrevistados, como se vê na fala abaixo:

Não, realmente não por opção, por burocracia, porque eu não consegui entrar no sistema, que é muito difícil, na minha área, você entrar no sistema de saúde pública (BOLÍVIA / F / 32).

No entanto, como descrito anteriormente, enquanto alguns entrevistados encontraram ou vieram em função de oportunidades de trabalho na cidade, esse não foi o caso de outros. Assim, elementos negativos ligados à busca de atividade remunerada, são encontrados nas falas:

É, mas acho que daria mais certo e mais rápido, primeiro, pela universidade, quanto a empregos é bem menor a cidade (VENEZUELA / F / 31).

Lá teria muitas mais, por ser uma cidade maior, por ser também o meu país, na verdade, eu acho que aqui também tem muitas oportunidades, só que a diferença é mais o ser estrangeiro, sempre é um pouco mais complicado no início, mas lá eu acho que a diferença é a diversidade de coisas, aqui é um pouco mais limitado, só tem algumas universidades, alguns institutos específicos, senão é para fora (VENEZUELA / F / 31).

Aceitação. Além, emprego aqui você sabe que está difícil, a cidade não é uma capital, etc., claro, não te conhecem porque você não tem experiência laboral antes, aqui em Santa Cruz, e você não tem um padrinho, como chamam eles, se você não tem uma pessoa 'Q!' já fica muito difícil, isso é uma coisa que eu vou dizer, o dia que eu tiver filhos eu vou ensinar a eles que nem todo mundo se pode medir, tem coisas que tem que mudar um pouco, as pessoas têm que abrir um pouco mais a mente. Eu vou te dizer, a minha experiência com pessoas que já conversei sobre isso, por exemplo, me dizem, me botam a situação de Santa Maria, Santa Maria tem muitas pessoas que se deslocam o tempo todo e é uma cidade universitária, então as pessoas têm outra ideia do estrangeiro (CUBA / F / 33).

Não encontrei tudo, porque eu esperava mais, porque sempre você faz a ilusão de que tudo vai melhor, quando eu vim pensando em trabalhar em Santa Cruz, eu não tinha emprego, eu não tinha pretensão nenhuma, então eu tinha que me aventurar, e eu pensei que a pessoa ia ser mais receptiva (CUBA / F / 33).

Em pesquisa realizada pelo Grupo de Estudos em Mobilidade Humana internacional (MIGRAIDH) e publicada no site MigraMundo são observadas as dificuldades e oportunidades vividas por migrantes no Sul do Brasil, em especial sobre a inserção no mercado de trabalho:

Distorções que carregam crenças de estigmatização também afetam migrantes, como a visão de que os vindos de países do norte são qualificados, e migrantes e refugiados de países do sul são vistos como mão de obra pouco qualificada, o que nem por isso elimina discursos de reserva de mercado trabalho aos nacionais e corporativismos. Contudo, a realidade mostra que as dificuldades para acessar postos de trabalho conforme a formação contribuem para a inserção de migrantes e refugiados em trabalho informal e precário, considerando a dificuldade de acesso à

educação superior no Brasil e a enorme burocracia para validação de diplomas (DELFIM, *on-line*⁹, 2017).

A falta de receptividade na cidade é outro elemento negativo frequentemente mencionado pelos entrevistados. Em inúmeras falas é destacado o comportamento das pessoas da cidade, caracterizando-as como muito fechadas, distantes e dando ênfase às suas atitudes de julgamento. Estes foram os aspectos mencionados claramente nas seguintes falas:

Do Brasil, Rio, Rio de Janeiro, carnaval, futebol, as pessoas muito mais alegres, muito mais na rua, coisas assim, cheguei e as pessoas são mais distantes, fechadas (COLÔMBIA / M / 34).

A verdade, nenhuma outra, eu não quero, não posso falar no geral, de todo mundo, mas Santa Cruz é uma cidade muito fechada, as pessoas são muito, vamos dizer, tem o sentido de pertencer só com eles, e tem aquela coisa que custa trabalho conhecer outros, se ampliar, ou tentar mudar a ideia, de que outras coisas podem ser bem-vindos, tem boas ideias, é que não sei como vou explicar esse, mas o sentimento é que você é rechaçado (CUBA / F / 33).

Na mesma linha, o migrante destaca uma situação vivida em seu local de trabalho e que ilustra o sentimento vivido:

Nada, as pessoas, o falar, tudo diferente. Aqui, em Santa Cruz, no primeiro ano que eu cheguei, eu trabalhava, minha primeira safra lá na firma, eu chegava e as pessoas, tem pessoas que não cumprimentam, ficava com raiva disso, porque o lugar que eu moro não existe isso, você conhece, não conhece, passa ali 'bom dia', cumprimenta todo mundo, então eu pensava que tinha que ser assim, eu pensava 'quando você chegar amanhã, você não viu aquela pessoa, chegou amanhã, você tem que cumprimentar', só que depois eu comecei a aprender (SENEGAL / M / 30).

Alguns dos migrantes entrevistados também relatam uma percepção de serem observados e pré-julgados:

Demorei para me adaptar com a língua, o costume daqui, que as pessoas ficam observando a maneira que você se veste, a maneira que você... não sei explicar (INDONÉSIA / F / 58).

Eu não sei todos os lugares, não sei se é todos os lugares, mas eu moro faz tempo aqui, só que, às vezes, me deixa um pouco nervoso, as pessoas nos julgam, nem nos conhecem já começam a julgar, 'aqueles país deles não tem água para tomar, não tem isso', e você não sabe o lugar que a pessoa

⁹ Disponível em: <<https://migramundo.com/dificuldades-e-oportunidades-um-breve-relato-dos-extremos-vividos-por-migrantes-no-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 31/08/19

vem. O que acontece? Tem lugar que não tem isso, só que, aqui, na televisão, jornal, eles mostram só o lugar que não tem a água, estão passando fome, mas nós aproveitamos, tem uns lugares bons lá, que nós aproveitamos. Então, às vezes eles jogam isso para nós, mas eu acho que você tem que, antes de falar com aquela pessoa, você tem que saber que experiência a pessoa viveu, antes de falar (SENEGAL / M / 30).

Não se pode deixar de notar nas falas acima, estereótipos ligados à migração, como por exemplo o de migrantes negros em um país em que o racismo está presente, especialmente em uma cidade de colonização germânica. Já no caso abaixo, o entrevistado vê essa característica com certa normalidade e se consola ao comparar com sua cidade de origem:

Sim, porque em Montevideu era fechado também, aqui também são fechados, então não senti essa distância, essa diferença, normal (URUGUAI / M / 67).

Por se tratar de uma cidade média, Santa Cruz do Sul não possui tantas opções de lazer e serviços como as metrópoles, então durante as entrevistas esse fato foi relatado por alguns migrantes, especialmente os que vieram de cidades maiores no seu país de origem ou que já moraram em outras metrópoles:

E a outra coisa, o que me falta em Santa Cruz é isso que te falei, não é só família, não é só um lugar para sair, porque você precisa de um ambiente para você se sentir confortável, isso eu ainda não consigo aqui, eu não posso dizer que vou ligar para umas amizades, encontrar hoje de noite, porque você está mal, isso ainda não tem, isso só vai criando com o tempo. Outra coisa que tenho notado em Santa Cruz, se estivesse estudando ou vinculado a uma área, como a dança, você acaba fazendo amizade, no meu caso, não, eu só estou com as pessoas que eu trabalho na loja, a dona, uma costureira e eu, são pessoas que são de idades diferentes, e com a família do meu marido, só isso (CUBA / F / 33).

A única diferença que eu sinto é a falta de teatro, de bons filmes e praia, mas não sinto nada de diferença, aliás, estou muito acostumado com Santa Cruz, não estou com saudade de, posso viver sem teatro, posso viver sem cinema, difícil no verão a praia, isso sim (URUGUAI / M / 67).

Não, não encontrei tudo. Principal desafio são a prestação de serviços em horários que eu possa utilizar, outra coisa, cinema, falta oferta, de diversão, livre dias, coisas assim, teatro (COLÔMBIA / M / 34).

Assim pode-se ver que a percepção que os migrantes têm do território acrescentou um novo caminho para a construção de sua trajetória social, que não deixou de estimular a reflexão sobre as diferentes facetas do processo de socialização dos migrantes. No imaginário de migrantes internacionais recentes, as representações da cidade de Santa Cruz do Sul tomam forma a partir de múltiplas

situações. A beleza da cidade, a segurança e suas relações pessoais são as representações mais valorizadas.

A partir das situações vivenciadas pelos entrevistados, foi possível identificar aspectos negativos de sua vida cotidiana em Santa Cruz do Sul. No entanto, os aspectos positivos da cidade foram bastante numerosos.

As percepções que migrantes internacionais recentes formam das diferentes dimensões da vida em Santa Cruz do Sul são pontuadas por conflitos e constrangimentos, mas também por negociações e (re)invenções do social.

Depoimentos revelam que as representações do ambiente urbano são um processo complexo e sua dinâmica é influenciada pelas características específicas da cidade, pelo tempo e pelos eventos apresentados aos migrantes e, também, pela diversidade que faz sentido com a sociabilidade na cidade.

3.5 Análise do processo de integração: comparação de estratégias econômicas e sociais na integração de migrantes

A integração de migrantes em sociedades de acolhimento é um processo complexo e multifacetado. No entanto, sabemos pouco sobre a integração dos migrantes internacionais recentes em Santa Cruz do Sul. Seria um lugar transitório para essas pessoas? A motivação para permanecer ou não, o desejo de sair e a situação deste grupo no mercado de trabalho e as relações estabelecidas com a cidade são temas que merecem atenção especial.

Segundo Assogba et al. (2003, p. 21), o processo de integração envolve os primeiros momentos da migração (sentir-se distante do local de origem, manter e gradualmente relaxar os laços com os antigos grupos de origem) para finalmente apresentar as várias características do fenômeno social de integração de migrantes em seu novo ambiente (relações com outros migrantes e reconstrução de redes de sociabilidade).

Em nosso estudo, desenvolvemos a definição do conceito de integração migrante a partir das análises de Fréchette et al. (2004), realizadas pela escola francófona canadense em estudos migratórios. Então, segundo Fréchette et al. (2004: 84): o processo de integração é entendido na perspectiva do migrante e estudado como um processo ou dinâmicas e manifestações multifacetadas que

colocam esses migrantes em relações dinâmicas com o espaço, o tempo e outros atores sociais direta e indiretamente envolvidos na trajetória da migração.

A integração de migrantes baseia-se nos elementos estruturais e institucionais que aparecem em seu caminho. No entanto, trajetórias pessoais e redes de relacionamentos são uma base rica para entender a questão da integração, portanto, o assunto requer uma perspectiva multidisciplinar. Esta parte de nossa pesquisa esclarecerá as condições de integração dos migrantes e de suas estratégias econômicas e sociais. Nesse sentido, a análise do processo de integração requer uma investigação em um nível desagregado, para levar em conta a história migratória e o contexto econômico e social em que essa história se desdobra (FELD; MANÇO,1994).

Entre os migrantes, a época da instalação em Santa Cruz do Sul e o tempo decorrido desde então deixaram, segundo os depoimentos coletados, tantas boas quanto lembranças ruins. Em nossa pesquisa, é importante observar que a integração social se refere à maneira como eles têm vivido suas trajetórias individuais de migração, do ponto de vista de suas diferentes condições migratórias.

Nessa linha, este migrante reconhece que suas limitações econômicas na época tiveram um impacto sobre sua adaptação e sua inserção em Santa Cruz do Sul:

Quando eu cheguei em Santa Cruz, aqui na rodoviária, eu estava com 20 reais, e não sabia para onde ir, eu liguei para o cara, mas o telefone estava na caixa postal. Quando eu cheguei na rodoviária, porque tinha muita gente que conhecia eles, onde eles moravam, ele sempre pegava táxi, o cara falou para mim, eu falei 'tenho só 20 reais, não tenho mais dinheiro', e ele falou para mim 'não, eu te levo até lá', não sei se você conhece ali, perto da Universal, eles moravam ali na Casa Fátima, que eles falavam. O cara me levou até lá, 20 reais, eu cheguei ali, logo encontrei eles lá e foi muito difícil, porque na chegada eu não consegui trabalhar, e eu morava com eles e, pensa bem, uma casa pequena, que tem três quartos e moram 15 pessoas, era a empresa que pagava para eles, pagava luz, pagava água, pagava tudo, daí a empresa largava eles de qualquer jeito, na sala dormia sete pessoas, oito pessoas, então, isso que eu não senti bem, eu dormia na minha casa, sozinho, e venho aqui para dormir com sete pessoas, é complicado (SENEGAL / M / 30).

Eu estava conversando com um cara que morava aqui no Brasil, ele falou para mim 'eu estou aqui em um lugar, Santa Cruz, e meio que estou trabalhando', e eu falei para ele 'onde fica isso?', ele me explicou, 'cara, mas quanto você ganha lá?', ele me contou e eu pensei 'o salário que ele ganha lá, eu não consegui vender isso por mês, então tenho que sair e voltar para o Brasil de novo, para trabalhar'. Eu cheguei, fiquei uma semana, não consegui pegar a vaga na empresa, a empresa já tinha fechado a data, não pegava mais, eu fiquei um mês apavorado, queria trabalhar e não conseguia, e tudo o que eu sonhava e pensava que era fácil

não foi muito fácil. Então, um dia eu passei ali na Universal, e eu não sabia nem que empresa era, só passei ali e vi as pessoas ali, e eu pensei 'eu vou entrar ali e ver se tem uma coisa para fazer', eu cheguei e eles me mandaram no RH, eu cheguei no RH direto, e eu encontrei um cara lá, que o nome dele é Baron, porque esse ali eu não consegui esquecer dele, ele foi a primeira pessoa que eu conversei, ele não entendia o que eu estava falando, eu falava francês e espanhol, e ele não entendia nada, só o que ele entendia é que eu queria trabalhar, e ele me ajudou, então o nome eu não consegui esquecer, outra mulher que eu trabalhava lá, eles me ajudaram bastante, eu cheguei ali, eles correram lá, chamaram as pessoas para eu entender o que eles estavam falando e não conseguia, eles pegaram meus documentos, fui para o hospital fazer exame, na outra semana já estava trabalhando (SENEGAL / M / 30).

Migrantes qualificados no Brasil também podem ser afetados por problemas econômicos. No Brasil, as dificuldades econômicas não são exclusivas de migrantes menos instruídos. A vulnerabilidade econômica afeta decisivamente o período de integração de migrantes. No entanto, parece influenciar decisivamente a integração a longo prazo, uma vez que os desafios econômicos têm relação com a integração socioprofissional dos migrantes na cidade, como o caso abaixo:

Quando eu cheguei no Brasil, aqui tem, pintam um Brasil de carnaval, de muita alegria, muitas belezas naturais, muita ostentação cultural, você se maravilha só de olhar, e você imagina que tudo é assim, imagina 'eles tem a reserva mais grande do mundo, nossa, quanta coisa não deve ter de lindo lá', você vê tudo passando na tv e pensa, 'quanto dinheiro fora', depois da Copa do Mundo foi pior, um estádio completo, novo Maracanã, 'quanto dinheiro, tem que ter muito emprego lá', e, quando chega aqui, a realidade é muito diferente, isso sim, sou sincera, economia aqui é muito mais cara, aqui o pobre é mais pobre e o rico mais rico, isso é uma coisa que lá não tinha (CUBA / F / 33).

Seu depoimento ressalta a natureza complexa da situação socioeconômica de migrantes no Brasil. Os migrantes que encontramos em Santa Cruz do Sul não formam um grupo homogêneo em nossa pesquisa porque são marcados por diferenças e desigualdades, devido principalmente pelas condições de vinda para a cidade, como por exemplo aqueles que chegaram para ocupar posições de trabalho em Santa Cruz do Sul.

Antes de vir, eu estava morando no México, um tempo, eu morei na Europa uns meses, e morei nos Estados Unidos. Moradia, eu moro no centro, em um apartamento bom, era difícil de conseguir apartamento, muitos muito velhos, ruins, sem serviços, sem coisas (COLÔMBIA / M / 34).

Economicamente, eu não tenho problemas, graças a Deus, e material, eu tenho de tudo, tenho geladeira, televisão, tenho três quartos, três televisões, tenho lá no quarto, eu tenho de tudo que eu preciso, nesse sentido eu sou

bem organizado, para comida, para tudo, tudo fica dois por quantidade (CHILE / M / 47).

Mas, se a insegurança econômica parece ser um passo difícil na inserção de determinados migrantes, para outros entrevistados, a “solidariedade familiar” desempenha um papel importante para facilitar seu processo de integração social.

E eu acabei não conseguindo trabalhar, eu fiquei três meses sem trabalhar, e ficou muito complicado para mim, a pensão que eu morava, o cara me entendeu, e meu pai também me ajuda bastante. Mandou dinheiro, até agora, às vezes, se está feia a coisa, tenho que ligar para ele mandar dinheiro, e ele manda. Eu comecei a trabalhar e comecei a gostar da cidade, eu pensei ‘não, se o cara está aqui, se você levanta a cabeça para cima, você quer uma coisa, bota na sua cabeça que vai dar certo, corre atrás’, então eu comecei a trabalhar com um cara que instalava piscina, aquelas piscinas grandes, comecei a trabalhar com ele por dia, e não parava, eu trabalhava direto, juntava dinheiro, não gastava, nem ia em festa, economizava, pensei ‘eu estou aqui, eu tenho que ter alguma coisa’, eu comecei a economizar, sobrou 300 reais, eu vou lá comprar um fogão, sobrou uns 150, eu vou lá comprar uma coisa de dentro de casa, tudo não é coisa nova, é tudo coisa usada, até eu conseguir ter um canto, é um fogão, geladeira, e uma cozinha, de pouco em pouco, eu falei ‘agora eu tenho que alugar uma casa, tenho que ter um lugar para colocar isso’, e eu aluguei uma casa (SENEGAL / M / 30).

Quando a família fornece apoio material, descobrimos que os migrantes têm uma situação mais favorável em relação ao período de integração social na cidade. Mas enquanto a solidariedade familiar desempenha um papel fundamental no processo de integração, outros elementos como laços sociais com amigos e experiência no exterior podem ser adicionados ao processo de integração. Os trechos abaixo descrevem bem estas duas situações:

Agora sinto que nenhuma, porque já estou mais adaptada, e é só esperar os papéis mesmo para fazer minha vida, mas quando eu cheguei, eu entendia a maior parte de tudo que as pessoas falavam, porque eu morei com muito brasileiro lá nos Estados Unidos, meu marido é brasileiro, só que nós não falávamos em português, mas eu aprendia a escutar e a entender as palavras, eu não falava muito, ainda agora, que falo um pouco mais, eu tenho um sotaque forte, então, depois de um mês eu achava que já estava falando melhor. O segundo problema que eu tive, pode ser de alguma forma dificuldade, foi que as pessoas começavam a perguntar de onde eu era, então, por consequência, sempre levava eu ter que falar a minha nacionalidade, que para mim não é um problema, mas que era um problema para muitas pessoas, então isso foi o mais difícil (VENEZUELA / F / 31).

Eu convivo com os pais da minha ex-mulher, que moram aqui no centro, convivo com vários amigos que vivem aqui em Santa Cruz, são do Brasil, nesse sentido não tenho nenhum problema, eu tenho uma vida muito tranquila, eu não tenho vida noturna, é 9, 10 da noite já estou dormindo, como eu trabalho todo o dia, eu fico cansado, eu só vou no meu amigo

quando tem alguma comida, alguma coisa bem pontual, não sou muito de visita (CHILE / M / 47).

Eu conheci muitas pessoas que tenho hoje como amizade onde eu trabalhava antes, tem muitas pessoas que moram aqui, mas trabalham no interior, então, em função de trabalho eu conheci algumas e outras a partir dessas outras, então vai fazendo amizades, você vê que sou bem extrovertida, todo aquele que chega e puxar assunto, eu puxo assunto também, então tem pessoas que vão te conhecendo, eu volto e te repito, as pessoas têm medo de conhecer, de se entregar a uma amizade, porque você não tem aquela raiz, de onde que vem, na cidade, então você vai fazendo, mas são muito superficiais (CUBA / F / 33).

De acordo com Garneau (2006), podemos supor que a apropriação do espaço internacional por migrantes cubra as motivações e induza ações diferenciadas de acordo com o tipo de relacionamento que esses migrantes têm com o espaço. No caso desse migrante, a experiência em um país estrangeiro parece reduzir os desafios da integração. Enquanto, para o outro, foram, sobretudo as redes de amigos que reduziram seus desafios de integração em Santa Cruz do Sul.

Eu fiquei 15 dias (no Rio de Janeiro), até conhecer outro cara, um amigo meu que mora em São Paulo. Eu fui para São Paulo, fiquei 10 dias procurando serviço, não consegui achar, então falaram 'no Rio Grande do Sul tem serviço', e fui descendo para Passo Fundo. Eu cheguei em Passo Fundo, para eu fazer uma carteira de trabalho demorou dois meses, eu pensei 'eu não vou esperar carteira de trabalho', eu fui, trabalhava por dia, eu trabalhei três dias por semana e no outro dia não consegui trabalhar, eu pensei 'o que eu vou fazer? Vou na Argentina', porque eu conseguia falar um pouco de espanhol, então é melhor para mim ir lá, porque tem meus amigos, tem meus conhecidos. Então, eu fui para Argentina, eu morei um ano em Buenos Aires, quando eu morei lá estava tão bom, eu trabalhava vendendo na rua, eu ganhava muito dinheiro, eu estava gostando muito de lá. Quando eu comecei a trabalhar há um ano lá, tinha meus amigos que trabalhavam aqui nas casas, não sei se você lembra, na Carlota ali, tinha 30 e poucas pessoas que chegaram aqui para trabalhar nas casas, daí eu falei com um amigo meu (SENEGAL / M / 30).

Nós temos uma cultura assim, bonita, se tem um parente meu que te conhece, ele vai fazer tudo para eu conseguir teu número, 'fulano está no Brasil', 'está no Brasil? um amigo meu está no Brasil', ele sempre pega o número da pessoa e te passa, 'conversa com ele porque ele mora no Brasil, você mora no Brasil, então vocês se conversem, pode ser que surja alguma coisa, cada um ajuda o outro' (SENEGAL / M / 30)

É sabido que uma rede de relações no lugar de destino é constituída como um recurso essencial para os migrantes. Portanto, é a partir de uma rede de amigos que o migrante pode acessar a informação com mais facilidade, inquirir sobre diversos modos de ação e, sobretudo, superar as dificuldades do início (BOYD, 1989; al., 2001).

Entre todos os elos interpessoais, são as relações de amigos e familiares que contribuem de maneira decisiva para a integração social dos migrantes recentes na Cidade. A partir do testemunho desta entrevistada, entendemos que não é tão simples ter relações interpessoais com outras pessoas na cidade de Santa Cruz do Sul, como já foi citado anteriormente, a característica das pessoas fechadas.

Lamentavelmente eu tenho um círculo bem pequeno de amigos, porque eu acho que as pessoas, nesse aspecto, são muito fechadas, eu já tentei até conversar com algumas pessoas, mas elas não dão muita abertura à conversa com uma pessoa desconhecida, ainda mais quando notam o sotaque, você nota um certo ar de discriminação, talvez, eu senti muito isso, eu tenho amizades, sim, por causa do trabalho do meu marido nós conhecemos algumas pessoas, e essas pessoas nos apresentaram outras, nenhuma das pessoas que são meus amigos aqui são de Santa Cruz, eles moram aqui por trabalho, moram aqui há muito tempo, mas não são daqui, não nasceram aqui. Então, tenho principalmente dois casais e os filhos deles, duas famílias vou dizer, que são muito legais e muito importantes, que nós nos reunimos com bastante frequência, saímos para o Proeza, para a Heilige, para tomar uma cerveja, comer alguma coisa, vamos no shopping, vamos no cinema, fazemos atividades na casa de cada um, um churrasco final de semana (BOLÍVIA / F / 32).

Em algumas entrevistas, a percepção de fracos laços sociais em Santa Cruz do Sul produz, em certos migrantes, parece despertar um sentimento de rejeição que tende a dificultar seu processo de integração social.

Portanto, em relação ao processo de integração constatamos que diferentes desafios são apresentados a eles. Às vezes é a falta de lugares de encontro, às vezes é a dificuldade com a língua portuguesa. Também pode ser difícil acessar determinados serviços na cidade ou dificuldades financeiras. Essa migrante menciona que a dificuldade com a documentação foi um elemento que atrasou sua integração:

Bom, por enquanto eu estou esperando os meus papéis, então o dia-a-dia é correr por Santa Cruz para conseguir os papéis, mas depois é que já tudo o que tinha para fazer parou, é só esperar por esse lado mesmo, e eu comecei a fazer voluntariados aqui, voluntariados para a universidade, com atividades interculturais, comecei a trabalhar com um grupo de apoio a refugiados e imigrantes também (VENEZUELA / F / 31).

Sim, eu acho que lá dava para participar mais em cada coisa específica, é que o problema aqui é que eu não sou totalmente estudante, é voluntário, aí fica diferente o vínculo, mas eu tento estar mais presente, se precisam de mim para ajudar, dar uma opinião, eu gosto de algum jeito, estou envolvida muito na parte de educação, e na parte cultural, só que não é da cidade mesmo, mas acho que tem alguns projetos, que se der tudo certo esse ano, vão ser um pouco mais para fazer mais coisas com a cidade, não com a universidade (VENEZUELA / F / 31).

No entanto, para outros, a integração em Santa Cruz do Sul é um processo progressivo em que a transição se dá em etapas. Esses três trechos nos mostram o processo de transição:

Eu sempre penso assim, em todos os lugares que você vá, até dentro do próprio país, vai passar por coisas positivas e negativas, mas isso não é o reflexo de todos, por isso, sempre gosto de fazer algo para mudar, se eu não estou gostando de algo, eu não quero mudar os demais, mas eu tento mudar a situação, então acho que é isso (VENEZUELA / F / 31).

Eu acho que todos os lugares que eu vou com amor e carinho, eu tenho bastante amizades, não tem isso. É diferente a cultura, o cultural é diferente, a comida é diferente, mas nós nos acostumamos com isso. (...) Tudo são iguais, em relação ao trabalho é diferente, mas, na verdade, nós temos que nos adaptar em todos os lugares, tanto Santa Cruz, tanto Porto Alegre, o Brasil, Estados Unidos, Indonésia, todos são iguais, só, porém, tem diferença as regras, tem bastante diferenças (INDONÉSIA / F / 58).

E a outra coisa, o que me falta em Santa Cruz é isso que te falei, não é só família, não é só um lugar para sair, porque você precisa de um ambiente para você se sentir confortável, isso eu ainda não consigo aqui, eu não posso dizer que vou ligar para umas amizades, encontrar hoje de noite, porque você está mal, isso ainda não tem, isso só vai criando com o tempo. Outra coisa que tenho notado em Santa Cruz, se estivesse estudando ou vinculado a uma área, como a dança, você acaba fazendo amizade, no meu caso, não, eu só estou com as pessoas que eu trabalho na loja, a dona, uma costureira e eu, são pessoas que são de idades diferentes, e com a família do meu marido, só isso (CUBA / F / 33).

Pertencer a um grupo é desenvolver relacionamentos com indivíduos próximos. A proximidade espacial dos migrantes da mesma região de origem é uma ferramenta importante no processo de integração. O entrevistado ilustra que uma sensação de confiança que se desenvolve no caso em que a coesão com as pessoas do meio de origem se materializa.

Primeiro mês que eu aluguei a casa, eu fui no SINE para procurar outro serviço e acabei encontrando um amigo meu também, só que não conhecia, eu sei que ele vem do mesmo lugar que eu, e o cara do SINE falou 'você fala um pouco de português mais solto, e ele não fala nada', então eu conversei com o cara no idioma que nós falamos lá, e ele falou 'cheguei agora e nem sei onde tem serviço', e falei 'onde você está morando?', e ele falou 'onde tem lugar para mim morar?', e eu falei, 'vamos para casa, eu te levo para casa', porque, quando eu cheguei, as pessoas me ajudaram, então, se eu encontrei uma pessoa ali na rua, eu tenho que ajudar aquela pessoa, tem que pensar 'eles me ajudaram, eu tenho que ajudar ele', e eu botei ele para dentro de casa, eu fui correr atrás, até ele conseguir trabalhar ali na Metalforte, primeiro mês eu falei 'não precisa participar, dois meses não precisa participar, até você comprar suas coisas, que precisa', no terceiro mês ele começou a dividir o aluguel, nós moramos juntos um ano, e melhorou para ele e para mim, conseguiu sobrar um pouco de dinheiro para

mim guardar, comprar umas coisas para mim. Ele morou comigo dois anos, não, um ano e seis meses, mas ele acabou saindo ali da firma e conseguiu trabalhar na Bahia, e foi embora (SENEGAL / M / 30).

A história de outros migrantes destaca o fato de que a dinâmica coletiva de cada cidade pode influenciar sua trajetória de integração. Esses laços de integração com a dinâmica coletiva dos vários meios fornecem uma visão da multiplicidade de situações enfrentadas pelos migrantes durante suas jornadas.

Eu acho que, graças a Deus, eu não tenho problema com isso, mas é porque eu gosto de pessoas, eu gosto de conhecer a cultura dos lugares onde eu vou, não necessariamente país, mas cidades, dentro do seu próprio país já é diferente, eu sempre gosto de entender a cultura em geral de cada quem, então nunca foi, até agora, graças a Deus, problema, sempre deu para poder me desenvolver bem (VENEZUELA / F / 31).

Sim, e o lugar, assim, qualquer lugar que eu vou, eu, particular, eu gosto, porque cada lugar tem a sua beleza diferente, então o lugar nos faz crescer, nós aprendemos, porque tem pessoas que dizem 'eu não gosto porque...', eu me adapto em qualquer lugar. (...) Todos os lugares têm sua beleza, então, é a mesma coisa quando você vai para o Nordeste, chega em Santa Cruz aí você vê, Maceió é diferente, Aracajú é diferente, então, tem suas belezas diferentes, tem que estar lá para conhecer, para ver, comida diferente, um exemplo, aqui dentro do Brasil, é a mesma coisa, vai para o Nordeste, ou vai para os outros lugares (INDONÉSIA / F / 58).

Os trechos desses migrantes ilustram que cada indivíduo possui um nível particular de exigência em relação às necessidades de integração no espaço urbano. Sua inserção na cidade não passa pelos mesmos canais, uma vez que eles estão envolvidos de maneira diferente no espaço urbano, seja na escolha do habitat ou em suas atividades individuais.

As formas de integração dos migrantes nas cidades são processos dinâmicos e em constante mudança. Estes processos podem resultar de influências múltiplas e complexas, quer ao nível da macroestrutura, ao nível das estratégias individuais quer das especificidades sociais dos territórios em que residem.

Assim, seria incoerente, até mesmo perigoso, desenvolver modelos de integração para migrantes. Os discursos dos migrantes sobre sua integração são compostos de conotações específicas, positivas ou negativas e em seus discursos percebemos que os elementos que contribuem positivamente para sua integração na cidade de Santa Cruz do Sul estão relacionados principalmente à solidariedade familiar (apoio familiar), laços sociais tecidos com amigos ou familiares amigos e familiares residentes na cidade, uma rede de sociabilidade com pessoas semelhantes. Entre os elementos que mais prejudicam o processo de integração, as

limitações econômicas, as fracas relações sociais com os santa-cruzenses, dificuldades com documentações são os mais citados.

Nossos dados indicam que a integração é caracterizada por vários elementos e que devemos levar em conta múltiplos interesses individuais, coletivos, pessoais e estruturais. Em suma, a integração de migrantes tem sido estudada do ponto de vista da diversidade de situações existentes em sua jornada migratória, bem como de acordo com os diferentes tempos e espaços percorridos durante essas experiências.

3.6 Os "projetos de vida" dos migrantes: formas de pertencimento e dinâmica territorial

Os projetos de vida dos migrantes estão ligados à sucessão de mudanças econômicas e sociais, porém as condições concretas para a realização desses projetos dependem de como eles estão posicionados nesse cenário em constante transformação.

Entende-se que projetos de vida são esboçados por todos os sujeitos, independente de condição social. São projeções que estes fazem a curto, médio e longo prazo e podem estar ligados à vida individual (estudos, trabalho, família) ou coletiva. VELHO, (1994, p. 101) defende que:

O projeto é a antecipação no futuro dessa trajetória e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos. [...] O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significados à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade.

O mesmo autor ainda destaca,

os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, com seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escola e extensão (VELHO, 1994, p. 39).

Nesse sentido, os projetos como prospecções sobre o futuro não nascem do nada, eles vinculam passado, presente e futuro como campo de possibilidade ou seja: são motivações e ferramentas de ampliação do campo de possibilidades.

No nível da dinâmica territorial, os migrantes começam a formular seus planos de vida quando saem de sua região de origem, com motivações que podem ser muito diversas: estudos, trabalho, qualidade de vida. O projeto de retorno à região de origem é condicionado principalmente pelo ritmo de desenvolvimento local e pelas escolhas socioprofissionais que são apresentadas a eles.

O pano de fundo teórico de nossa pesquisa é a questão do projeto de vida como uma oportunidade para compreender o significado da vida de migrantes na articulação de seu passado, presente e futuro (CALAO, 2001). Nesse sentido, a questão do projeto de vida será considerada como uma construção cognitiva expressa a partir das falas desses migrantes. Acima de tudo, quando eles falam sobre sua vida, sua percepção de si mesmos e dos outros.

Para explicar sua opinião sobre o futuro, eles descrevem o contexto social em que estão inseridos, bem como sua situação e condição social no momento da entrevista. Nesta parte do nosso trabalho, a noção de um projeto futuro torna-se extremamente útil para entender a relação que os migrantes estabelecem entre os territórios de partida e destino e entender como a questão territorial é combinada com os projetos de vida desses migrantes.

Alguns migrantes não têm um senso de pertencer a Santa Cruz do Sul e podem considerar a possibilidade de realizarem outras viagens no futuro. Nesse sentido, consideramos que não se concentrar na cidade também pode significar novos desafios e a oportunidade de viver novas experiências. Os migrantes estão abertos à diversidade de oportunidades, mas essas novas experiências e oportunidades não são apenas sobre a questão profissional. A busca por uma boa qualidade de vida também faz parte de seus planos futuros.

Assim, para aqueles que conheceram a mobilidade internacional, pode-se dizer que são as perspectivas de uma boa integração profissional que serão as forças motrizes para a realização de seu futuro projeto em um determinado território:

Eu vou dizer, a primeira coisa que eu quero é ser médica, imagina uma pessoa que desde os 10 anos de idade dizendo, 'eu vou ser médica', e os professores te dizem, 'não, mas você tem leis demais, você pode ser advogada, você pode ser juíza', 'não, eu vou ser médica', e esse vai ser o meu fim, eu pensei sempre, isso foi outra coisa que me chocou, quando eu cheguei aqui, eu tinha uma ideia, uma inspiração, e você sempre tem que ter tropicões para aprender, tropiquei feio, até agora, meu projeto é esse, atuar com Medicina, se vou ficar, eu não, isso não posso te dizer ainda (CUBA / F / 33).

Queria dizer, o futuro ninguém sabe, então é complicado, se alguém responde eu dou parabéns. O futuro, eu gostaria de morar aonde? Paris, é um sonho. O futuro nós buscamos e programamos, mas futuro não se sabe, parabéns quem responde isso. (...) Olha, o estudo, o trabalho, eu sempre, assim, como adoro grandes desafios, buscar para melhorar, tem que melhorar mais, nós aprendemos mais porque o dia-a-dia é um grande desafio, então chega final do ano, nós sempre dizemos 'que bom, nós melhoramos, ano que vem vai ser mais', nós corrigimos o erro para melhorar, porque o trabalho é o dia-a-dia que nós aprendemos tanto, como se diz, duas coisas, nós temos em casa, nós convivemos fora do trabalho, dentro do trabalho, mas na verdade isso é uma coisa só (INDONÉSIA / F / 58).

Outros migrantes apontam que irão encontrar poucas perspectivas de sucesso na carreira se decidirem retornar ao seu país de origem. Como resultado, a visão de futuro é considerada em lugar que não em seu município de origem. Este entrevistado, por exemplo, não vê como uma possibilidade real a abordagem para voltar a viver em sua cidade natal e ainda menos na sua região natal:

Na verdade não, só o que eu quero é ir passear. Ano passado eu fui lá, estava tão bom, dois meses fiquei lá, aproveitei, dei carinho, aproveitei bastante com eles e voltei aqui. Eu pretendo morar aqui, fazer minha família aqui, eu posso também levar eles lá, mostrar para eles lá, como que é a cultura lá, eu vou fazer isso, não é só ficar aqui, tem que mostrar para ela, para o meu filho, 'o pai morava ali', então, é um sonho que eu quero. (...) O futuro lá é, porque eu converso com meu pai, a cada três dias eu converso com eles, lá é muito complicado, o governo não ajuda o povo, eles ganham dinheiro, o governo sempre tem dinheiro lá, o governo não investe nada para eles, como uma empresa, alguma coisa para eles trabalhar, o governo pensa, o governo vai pensar, meu filho vai pensar, minha mãe vai pensar, só aquelas pessoas em roda da família... o que acontece? Eles tomam aquele dinheiro do povo, vão e levam lá na Espanha, na Itália, comprar as mansões, os carros de luxo, aproveitar, e o povo lá passando fome. (...) A população quer trabalhar, mas não tem oportunidade, eles querem trabalhar mesmo, só que oportunidade não tem lá, então, cada dia fica mais difícil, as pessoas não querem ficar mais lá, querem sair do país, querem aproveitar em outro lugar (SENEGAL / M / 30).

Não mais, incrível, mas eu já não me vejo mais morando lá, eu gostaria só de visitar mais vezes, mas morar, voltar para a Bolívia, não vejo uma opção hoje não. (...) Incerto, totalmente incerto, no âmbito político tem acontecido, ultimamente, muitas coisas que não são muito positivas, o atual presidente da república mudou a constituição mais uma vez, ainda sabendo que o povo não aprovava essa mudança, para ele se reeleger por uma quarta vez, e ele conseguiu, ele mudou e fez que sua candidatura seja válida, como eu falei, ainda contra a aprovação do povo, então, o prognóstico é que ele vai ganhar novamente as eleições por um quarto mandato, vão ser 20 anos dele no poder, e eu acho que o meu país não aguenta mais essas mudanças tão drásticas, tão extremas, tomara que a Bolívia não passe a ser uma segunda Venezuela, tomara que não aconteça isso (BOLÍVIA / F / 32).

O valor material toca na questão do reconhecimento profissional e o valor simbólico está relacionado principalmente à oportunidade de viver em uma cidade que proporciona uma melhor qualidade de vida. Assim, as cidades médias oferecem a oportunidade para essas novas territorialidades.

Realmente, por enquanto, eu acho que nós gostaríamos de ficar por aqui um tempo mais, pela questão da segurança mesmo, mas talvez, sim, nós vamos ter que nos mudar, por questões familiares, para estar mais perto da família do meu marido, meu filho não crescer sozinho aqui, sem nenhum familiar por perto, mas tudo vai depender da questão laboral, se eu conseguir trabalho aqui, nós vamos ficar, o resto vai se arrumando, se eu conseguir trabalho em um outro lugar, provavelmente nós vamos ter que nos mudar, mas eu gostaria de ficar aqui em Santa Cruz, eu gosto de Santa Cruz, gosto bastante (BOLÍVIA / F / 32).

Assim, eu penso do seguinte jeito, para mim qualquer lugar é bom, sempre quando você estiver disposto a ser parte da comunidade e estar com a família, porque todas as culturas, todos os lugares são lindos, acho que é mais de você querer conhecer realmente, então (VENEZUELA / F / 31).

Eu gostaria de estar no mesmo bairro, ter uma loja aqui, na final da Pasqualini, e viver da minha arte, aqui em Santa Cruz, porque artesanato muito ruim aqui não tem. (...) Ter a loja, estou poupando dinheiro para isso, estou juntando material, estou comprando coisas de outros lugares para ir juntando (CHILE / M / 47).

Também temos aqueles que ainda gostariam de morar em seu local de origem, desde que as condições para o sucesso profissional sejam atendidas. Assim, voltar a morar em seu município de origem, a fim de se estabelecer como profissional, daria a oportunidade de combinar duas possibilidades: a realização de um projeto profissional e a segurança emocional oferecida pelos elos da família.

Eu vou te dizer, é muito cedo para dizer isso, mas eu só fui, até agora, de visita, amanhã não sei o que pode acontecer, a vida dá muitas voltas, o Brasil não está fácil, eu não gostaria de tirar meu esposo do conforto, mas se for preciso, é uma possibilidade, como eu te falei, eu sou do mundo e o mundo hoje, do jeito que está, você não pode dizer, 'eu vou ter só raízes aqui', tem que estar aberto, pelo menos eu penso assim (CUBA / F / 33).

No entanto, para alguns o futuro projeto é continuar vivendo em Santa Cruz do Sul, buscando melhorar e aproveitar novas oportunidades. Gradualmente alguns entrevistados se apegaram e acabaram se identificando com a cidade. Esse sentimento de pertença foi construído principalmente através da integração profissional, mas reflete também em áreas de sociabilidade e lazer.

Eu estou muito perto já do meu final profissional, então tenho pensado muito nisso, não consigo pensar que seja diferente do que eu tenho hoje, vou ficar morando aqui em Santa Cruz, e no verão no Uruguai, e no inverno no Uruguai e aqui, então, e como minha namorada é daqui também, vou casar (URUGUAI / M / 67).

Estudos, como eu te falei, fazer um pós-doutorado, depois tenho muita atividade intelectual aqui dentro da UNISC, para pensar em passar muito mais, na verdade, o pós-doutorado eu gostaria, mas temos outras atividades ainda, mais uma coisa que me tira o sono, estou pensando, melhor fazer um curso no EAD, uma graduação diferente da que eu tenho, então, alguma coisa por aí (URUGUAI / M / 67).

Alguns trechos das entrevistas indicam que seus projetos de vida diferem no espaço e no tempo. Como os projetos são condicionados pela situação atual, eles podem acabar com inúmeras possibilidades relativas às suas escolhas, de modo que o projeto de vida nem sempre é concretizado da mesma forma em que foi planejado. Este é o caso do migrante seguinte:

Eu, agora, quero estudar. Eu queria muito fazer um curso de eletricista, é meu sonho. Eu até fui no SENAI ano passado, para fazer o curso de eletricista, eu fui lá para me inscrever, porque estava 1700 o curso, três meses eu fui, porque meu sonho é trabalhar como eletricista, eu fui lá, bem faceiro, falei 'agora o sonho vai se realizar', eu cheguei lá, o cara me atendeu, mas o cara falou para mim 'tem umas coisas que é cálculo, você pode aprender umas coisas, só que umas coisas você vai precisar calcular, então você tem que estudar, porque você tem que saber escrever, saber calcular em português, bem, para passar nessa prova, então, o conselho que eu vou dar para você é ir lá estudar e depois você volta', quando ele falou isso, meu Deus (SENEGAL / M / 30).

Assim, a complexidade da vida urbana, a múltipla integração social de atores em diversos espaços, as condições de classe, de gênero e as condições do mercado de trabalho são elementos disruptivos na construção de projetos de vida dos entrevistados. Em uma sociedade em constante mudança, muitos se sentem em uma "encruzilhada" com as perspectivas e demandas pessoais ao definir seus projetos de vida.

Os migrantes, quando desenvolvem seus planos para o futuro, têm muitas vezes que lidar com as mudanças e ajustar-se às suas temporalidades. No entanto, cada migrante desenvolve relações especiais com os estados de mudança, conflitos engendrados por essas mudanças e até mesmo os ritmos dessas alterações. Para alguns, o retorno para a região de origem pode fazer parte do projeto de migração, porém outros fatores são considerados:

Se eu estivesse sozinha, iria para morar, mas agora eu tenho uma família, então isso muda muito, já não posso pensar em mim só, é como dois, e depois o número que seja, mas, por enquanto, acho que não seria para morar mais, como visita (VENEZUELA / F / 31).

No entanto, o retorno à região de origem nem sempre é óbvio. Este entrevistado tem interesse em voltar a sua região de origem, apenas como visitante, pois criou vínculos com a cidade:

Na verdade, meu plano agora, que eu tenho, a primeira coisa que eu quero fazer, que ficar sozinho, às vezes, é ruim, então, a primeira coisa que eu quero é ter uma pessoa bem sincera para eu ficar e curtir, fazer família, se deu certo para nós, aproveitar, vamos viajar, vamos curtir umas férias, tudo que ela tem que pensar, ela tem que dividir isso. E, morar em outro país, isso vai ser muito difícil para mim, porque gostei daqui (SENEGAL / M / 30).

É ficar aqui mesmo. Meus amigos falam 'ele não vai sair mais de Santa Cruz', mas é verdade mesmo, porque eu não vou sair, por que tem que sair para outro lugar e passar por tudo de novo? Eu não quero isso (SENEGAL / M / 30).

Mudanças na estrutura ocupacional evocam um sentimento de insegurança entre os migrantes no momento de pensar sobre seu projeto de vida. Essa ambivalência relacionada à questão do "projeto profissional" indica uma alternância de significados na expressão pessoal ao pensar seu projeto de vida. Assim, em geral, os migrantes estão muito abertos a mudanças quando consideram seu futuro. Os migrantes com maior grau de integração social e profissional na cidade são mais propensos a permanecer.

Percebemos em nosso estudo que os projetos de vida são marcados pela diversidade de contextos que afetam suas trajetórias migratórias. Vemos nossas histórias que o projeto de vida é uma escolha, que depende em certa medida dos limites impostos pelas dinâmicas regionais.

Com a mobilidade espacial, os migrantes tornam-se atores na (re)construção de seus projetos para o futuro. Esta (re)construção dos projetos é baseada em uma nova leitura dos valores realizados por eles, onde os papéis sociais são redefinidos. Os projetos são então formulados usando novos parâmetros e podem ser baseados em um intervalo, definitivo ou não, com o ambiente de origem.

Nesse sentido, nosso estudo também revela os dilemas e contradições que afetam migrantes no desenvolvimento de seus projetos de vida. A realização de um projeto de vida coloca esses migrantes diante de várias opções que serão

determinadas por um conjunto de fatores, que às vezes podem ultrapassar as perspectivas individuais desses atores. O desenvolvimento do projeto de vida em geral, é resultado da articulação entre a biografia individual e as interações sociais.

A heterogeneidade que marca o cotidiano e os projetos de vida dos migrantes impede que os migrantes sejam vistos como uma categoria inequívoca de análise uma vez que nosso estudo baseia-se em narrativas, expressas nos discursos sobre seus projetos de vida.

Através da análise de suas histórias, buscamos identificar as perspectivas futuras, entender melhor o impasse em que esses migrantes estão presos e, em última instância, relatar o vínculo existente entre seus planos de vida e as dinâmicas territoriais que influenciam a realização desses projetos.

3.7 Entre partidas e chegadas: o lugar de convergência entre as aspirações pessoal e social

As mudanças na sociedade levam a novas razões para a partida e a novas formas de fazer as coisas. Isso sugere que há uma gama maior de fatores do que apenas aqueles de natureza macrossocial que motivam ou desencorajam a saída de migrantes. No que diz respeito às principais razões para a saída de migrantes, constatamos que os resultados variam muito de acordo com questões individuais. As palavras desses migrantes ilustram bem:

Material era todo o conforto, porque vivia na casa da minha mãe, mas tinha minha independência, e para quem vive perto de mãe nunca falta nada, então, outro motivo para sair foi esse, para desapegar da família (CHILE / M / 47).

Meu cansaço da gestão. (...) Amigos que eu tinha do mestrado e doutorado, que me convidaram a vir aqui, morar em Santa Cruz, trabalhar na UNISC, então, por isso (URUGUAI / M / 67).

Muitas vezes, a partida desses migrantes é planejada no nível da família e outras uma decisão individual. Por exemplo, uma migrante que viu essa como a única saída após a formatura em outro país:

Não foi fácil, porque eu queria ir lá, mas a situação estava muito pior, então o problema também era ir para lá e poder voltar, já muitas pessoas tinham saído anos anteriores porque estava ficando mais difícil, tínhamos um

pouco de medo que se eu fosse lá primeiro não conseguiria voltar para cá, então não foi uma decisão fácil (VENEZUELA / F / 31).

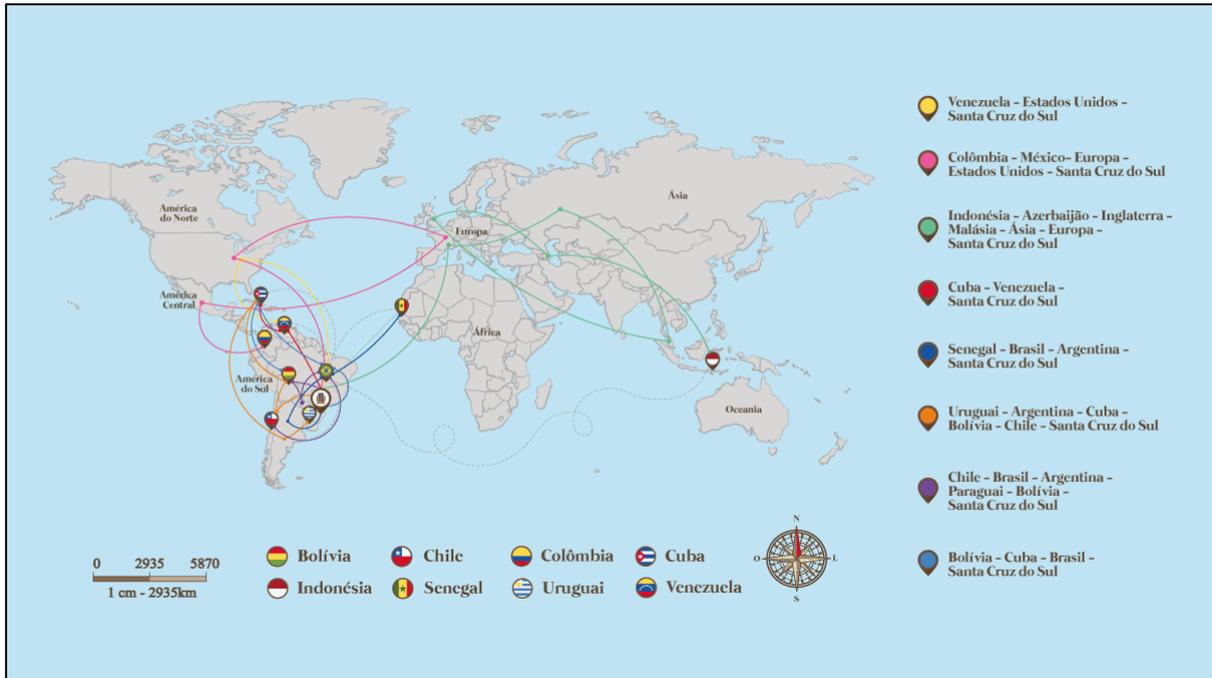
Assim, para alguns, a partida é planejada com antecedência e isso parece ser o produto de uma escolha familiar que concilia a escolha pessoal, conforme ilustrado por este testemunho representativo:

Quando eu voltei, eu pensei que não ia sair mais, ao ponto que eu voltei da Venezuela para Cuba, porque o Brasil está reclamando médicos e a mesma missão me pediu se eu podia continuar de uma para outra, mas quando eu cheguei, eu passei um processo terrível de adaptação, depois me depressei, pensei que deixar a família na mão não dá, e fiquei, passei seis meses em Cuba, e a missão, essa colaboração, me ligou de novo, se tinha interesse, que iria começar um novo grupo de preparação para vir para cá, consultei minha mãe, mas você está solteira, não tem filho, então eu vou para o Brasil, e a curiosidade me trouxe de novo (CUBA / F / 33)

Do ponto de vista dos migrantes que concluíram o ensino superior no seu país de origem, a migração é vivenciada como um desafio. Nesta perspectiva, deve-se notar que para alguns migrantes, especialmente aqueles já profissionalmente estáveis em seu município natal, a escolha de migrar nem sempre é uma decisão fácil de tomar.

Para a maioria, a migração não foi um primeiro experimento, a primeira vez em que saíram de seu país de origem para uma experiência mais intensa no exterior. No mapa abaixo podemos ver os caminhos percorridos pelos entrevistados na pesquisa:

FIGURA 5 – Locais percorridos pelos migrantes



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver, a entrevistada que saiu da Venezuela, teve uma passagem pelos Estados Unidos antes de chegar em Santa Cruz do Sul. O entrevistado que saiu da Colômbia, teve passagens no México, na Europa e nos Estados Unidos. A migrante que saiu da Indonésia, esteve também no Azerbaijão, na Inglaterra, na Malásia, na Ásia e na Europa. A migrante que saiu de Cuba, também passou pela Venezuela e pela cidade de Herveiras, já no Rio Grande do Sul. O entrevistado do Senegal teve passagens por outras cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Passo Fundo e posteriormente esteve na Argentina.

O migrante de origem do Uruguai, também teve passagem na Argentina, Cuba, Bolívia, Chile e em Porto Alegre. Vindo do Chile, o outro migrante também passou pela Argentina, Paraguai, Bolívia e antes de chegar à Santa Cruz do Sul passou por outras cidades brasileiras, como: São Paulo, Bauru, Londrina, Maringá, Laranjeiras, Ponta Grossa, Florianópolis e Rio Vermelho. Já a migrante vinda da Bolívia esteve em Cuba e na cidade gaúcha de Alvorada.

Para os migrantes que fizeram uma migração em etapas, a experiência vivida em diferentes áreas geográficas está integrada em sua jornada biográfica. Neste sentido, a migração em fases é uma abordagem que ajuda a distanciarem-se

pacificamente do seu município natal e a desenvolver uma maior autonomia em relação ao núcleo parental.

Segundo Garneau (2006) a aquisição, com mobilidade no exterior, de certa bagagem de recursos espaciais gera um *know-how* que forja representações mais amplas do espaço e que levanta outras mobilidades. Este trecho de uma entrevista com este migrante a este respeito é muito convincente:

Tem vários, eu trabalhei em Azerbaijão, trabalhei em Inglaterra, trabalhei em Malásia, na Ásia. (...) Estava na Ásia, estava na Europa, em vários. (...) Sim, e o lugar, assim, qualquer lugar que eu vou, eu, particular, eu gosto, porque cada lugar tem a sua beleza diferente, então o lugar nos faz crescer, nós aprendemos, porque tem pessoas que dizem 'eu não gosto porque...', eu me adapto em qualquer lugar (INDONÉSIA / F / 58).

Não, eu acho que todos os lugares que eu vou com amor e carinho, eu tenho bastante amizades, não tem isso. É diferente a cultura, o cultural é diferente, a comida é diferente, mas nós nos acostumamos com isso. (...) Tudo são iguais, em relação ao trabalho é diferente, mas, na verdade, nós temos que nos adaptar em todos os lugares, tanto Santa Cruz, tanto Porto Alegre, o Brasil, Estados Unidos, Indonésia, todos são iguais, só, porém, tem diferença as regras, tem bastante diferenças (INDONÉSIA / F / 58).

Viajar ao exterior permitiu a esses migrantes uma jornada migratória focada em experimentar um novo modo de vida. Um novo modo de vida muito diferente do que eles tinham em seu município natal. As razões para sair estão relacionadas principalmente ao trabalho, às relações familiares e ao estilo de vida. Por mais que estas razões para a migração pareçam semelhantes, elas diferem demasiadamente.

Ou seja, a migração nem sempre é simples. Pelo contrário, em nosso estudo, as características pessoais somam-se também as características territoriais. Nesse sentido, o contexto territorial apresenta características importantes no processo migratório.

E uma das coisas que mais falavam para mim ano passado era que 'nós estamos virando como vocês', mas é algo muito mais complexo que isso, eu tinha que explicar tudo para as pessoas entenderem, é algo cansativo emocionalmente, então isso foi mais cansativo, agora está tranquilo, agora posso falar bem mais, sem problemas. (...) Acho que temos muitas coisas parecidas, brasileiros e venezuelanos, a cultura em geral, os latino-americanos em geral têm muita coisa similar de cultura, acho que a maior diferença é a comida, as expressões de fala mesmo, nós temos muitas frases para falar alguma coisa, usamos muitas frases antigas, que talvez não faz sentido para outras pessoas que não são locais, são culturais, são dialetos, basicamente (VENEZUELA / F / 31).

Neste outro caso, a migrante mudou-se para acompanhar seu cônjuge. Como ela era particularmente ligada à sua região de origem, a migração foi vivida de uma maneira difícil. Seu senso de pertencimento territorial foi posto à prova com a migração.

Tem aquela questão sentimental, que lá é seu e o seu vai ser sempre especial e melhor, mas por ter aquele laço afetivo, de ser o seu, a sua raiz, a sua cultura, aquilo no que você cresceu, que você conhece desde pequena, eu chego lá, por exemplo, e eu escuto a música, sinto o cheiro da comida, eu já estou até quase chorando, de sentir isso, porque me traz lembranças da minha gente, da minha família, e eu gosto muito da cultura, do folclore de lá, para mim isso é muito melhor que aqui, e a comida, porque é totalmente diferente (BOLÍVIA / F / 32).

Observamos que existem, por um lado, fatores macroestruturais que contribuem para a migração. Por outro lado, existem também fatores microestruturais, que afetam as relações entre os indivíduos, em vez de conexões com infraestrutura e instituições.

Enquanto as razões para a partida diferem entre os entrevistados, as estratégias utilizadas para a jornada de migração são, em geral, semelhantes. Segundo Raffestin (1993), toda a mobilidade espacial é construída por um sistema de relações sociais que resulta em uma “produção territorial” que envolve malha, nó e rede. Nesse sentido, Haesbaert (2006) observa que as redes podem fazer uso de memória, representações, conexões, contatos familiares e amizades. Assim, a estratégia de migração baseia-se em um conjunto de relações sociais.

Já a adaptação (novo *habitat*, novo emprego etc.). influencia diretamente a apropriação do espaço pelo migrante e, portanto, sua aclimatação no espaço. O papel da família é muito importante na tomada de decisão para migrar, pois eles são capazes de fornecer certos elementos indispensáveis (garantia financeira e apoio emocional) no processo migratório. Assim, um fator cultural importante em nosso estudo é o princípio da solidariedade familiar.

Em suma, os fatores que fazem com que os migrantes deixem seu município de origem para ingressar em Santa Cruz do Sul, a variabilidade de suas práticas sociais, as estratégias e recursos utilizados foram retidos como pontos centrais de análise neste capítulo. Observamos que estratégias de migração e, sobretudo, as relações sociais (apoio, solidariedade) produzem interações e sobreposições nas rotas migratórias.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo, os debates sobre migração foram dominados por uma interpretação macroestrutural deste fenômeno, ou seja, os fatores econômicos desempenharam um importante papel na explicação do motivo pelo qual os migrantes deixam suas origens, diferentemente do caso desta análise, onde o migrante foi identificado como um sujeito social.

Neste sentido, a migração não é apenas o resultado das condições objetivas impostas aos migrantes, mas também de um conjunto de situações encontradas por eles durante suas trajetórias. O fato de perceber o migrante como um sujeito social permite a compreensão de elementos complexos do processo de migração, como a solidariedade familiar, a amizade e as relações que ocorrem durante todo o curso da migração.

A situação dos pesquisados antes do deslocamento nos possibilitou melhor compreender o comportamento e a relação que os migrantes têm com seu ambiente de origem antes de suas experiências de migração. As ligações sociais e espaciais entre a origem dos migrantes e os territórios de destino fazem da migração uma experiência integrada no espaço. Assim, considerar os territórios de origem e as formas de relações que os migrantes desenvolveram nesses territórios antes do deslocamento é significativo para compreender a construção social de sua rota migratória.

No contexto atual, os territórios não têm mais a mesma estabilidade que nas primeiras décadas do século XX. Como resultado, há divergências com relação à compreensão dos fenômenos da mobilidade no contexto regional. O objetivo do nosso trabalho nessa dissertação é contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre as práticas e experiências migratórias na cidade de Santa Cruz do Sul. Assim, temos a questão da direção da migração em um contexto globalizado, onde os contornos migratórios clássicos são alterados e as distâncias são banalizadas.

A escolha de um grupo migrantes pouco conhecido e pouco estudado levou em conta o fato de se tratar de um grupo que também é capaz de vivenciar e produzir transformações tanto no nível local e regional, como globalmente. Os migrantes estudados, através de seus processos de integração social e econômica

são apresentados como uma categoria de indivíduos com um potencial pessoal inovador para o desenvolvimento da região.

Diferentemente do paradigma neoclássico que via as migrações como benefício ao local de destino somente em função do aumento da mão de obra, podemos dizer que os migrantes estão constantemente contribuindo para a transformação social dos territórios onde vivem. São atores do desenvolvimento especialmente por proporcionar diversidade cultural ao local de destino.

Nossos resultados sobre a trajetória e a realidade de migrantes internacionais recentes na cidade de Santa Cruz do Sul mostram que as dificuldades na sua trajetória, o sentimento de pertença e as possibilidades de retorno se manifestam de maneira diferenciada entre eles. Nesse sentido, o trabalho de pesquisa está na base de um aprofundamento de conhecimentos e especificidades em relação às etapas da trajetória migratória de migrantes internacionais recentes, especialmente em cidades médias. A pesquisa mostra que tanto o processo de migração direta quanto o projeto migratório podem variar de acordo com as características individuais de cada migrante.

Fato importante de mencionar é que as dificuldades encontradas pelos entrevistados durante a migração não são as mesmas. Existem diferenças nas dificuldades vivenciadas e isso diz respeito principalmente ao seu processo de integração na cidade. A análise sugere que as razões para a saída de seu local de origem são semelhantes, mas que as possibilidades de retorno são diferenciadas.

Observou-se que o apoio familiar é capaz de reduzir a representação negativa dos migrantes em relação à cidade. Isso reduz as dificuldades econômicas e emocionais experimentadas quando chegam à cidade. Constatou-se também que a sensação de pertencer é diferenciada e revela traços particulares evidentes quando se considera a região de origem desses migrantes.

A análise dos depoimentos ressalta que os migrantes estão preocupados e pensam no futuro de sua região de origem, mas não estão dispostos a voltar como residentes na atual conjuntura, apenas como visitantes. Considerariam um retorno se as condições econômicas do local de origem se apresentassem de forma mais positiva para eles.

Observamos que os fatores desse tipo de movimento migratório são subjetivos. Preocupações sobre a situação econômica estão presentes, mas há

ainda a busca por melhor qualidade de vida, tranquilidade e proximidade com a família.

Além das diferenças sociais e econômicas e percursos individuais a pesquisa identificou que mulheres migrantes enfrentam um contexto de maior fragilidade e instabilidade enfrentando as incertezas sobre o futuro profissional.

Entre os migrantes percebemos que suas experiências migratórias são parcialmente motivadas por fatores econômicos e certamente, sua experiência migratória também depende de fatores subjetivos. Em grande parte do que dizem a preocupação com a carreira e a inserção profissional parece ser um aspecto recorrente e que permite inferir que o peso dos fatores macroestruturais é algo a ser considerado na vida desses migrantes.

No entanto, embora os fatores objetivos relacionados aos aspectos econômicos sejam de grande importância, os fatores subjetivos não foram negligenciados em nossa pesquisa e representam uma parte importante dos incentivos para migrar. Nesta dissertação, não tentamos aplicar um modelo de análise neoclássico padrão, mas entender, a partir de motivações individuais, sociais e econômicas as diferentes etapas que compõem o processo migratório dos migrantes estudados.

Esse exame cuidadoso da trajetória de migração nos contextos sociais e econômicos diferentes pode levar-nos a fazer novas perguntas e realizar novas pesquisas voltadas para esse grupo em particular. As percepções desse grupo também foram observadas de acordo com a posição ocupada por elas em sua trajetória individual.

A partir deste trabalho, observamos pontos de convergência e divergência entre migrantes. A maioria desses pontos foi estudada à luz das trajetórias individuais, dependendo das condições estruturais que esses enfrentavam. Procuramos analisar dados qualitativos de forma integrada, estabelecendo associações entre elementos sociais, econômicos e simbólicos. Nossos dados possibilitaram realizar análises e reflexões sobre as dificuldades vivenciados nas diferentes etapas de seu processo migratório.

Assim, nosso trabalho é uma forma privilegiada de pensar que tem buscado considerar elementos que articulem o que acontece na esfera individual com estruturas sociais e econômicas mais amplas. Nossa abordagem tenta unir a perspectiva estruturalista com a perspectiva subjetivista.

Acreditamos, no entanto, que novas pesquisas são necessárias, outras pesquisas qualitativas devem ser dedicadas ao tema da migração, como as oportunidades ou dificuldades enfrentadas por migrantes com relação à validação de documentos e registros profissionais, questões ligadas ao acesso à saúde e à educação no país receptor, temas como gênero, questões LGBT e discussões sobre refúgio.

Para responder à questão da migração, o governo brasileiro deve refletir sobre as implicações e os efeitos do contexto atual, marcado por uma população cada vez mais móvel. Este conhecimento é um pré-requisito para o desenvolvimento de políticas adequadas e a implementação de políticas regionais que tenham em conta estas questões.

Mas, para isso, os formuladores de políticas precisam estar cientes da importância da migração e do papel que podem desempenhar no processo de desenvolvimento de regiões. A diversidade de experiências de migrantes representa um desafio para os diferentes governos no desenvolvimento de medidas de apoio para este grupo-alvo específico.

A migração internacional em Santa Cruz do Sul é parte de uma realidade que transcende as fronteiras, é claro. No entanto, esse tipo de migração mantém uma estreita relação com o desenvolvimento social e econômico no nível regional. Não podemos deixar de notar que os migrantes estão emergindo como atores do desenvolvimento, dotados de capital social e intelectual e capazes de oferecer uma contribuição tangível ao desenvolvimento regional.

O desafio deste tipo de pesquisa se manifesta de muitas formas. Vamos citar algumas: a perceber que vivemos em uma sociedade nova com novos paradigmas; compreender melhor como introduzir as mudanças causadas por este fenômeno em distintas áreas regionais; perceber que profundas desigualdades regionais são também expressas na transição para uma nova sociedade, a sociedade do conhecimento; finalmente, reconhecer a coexistência de vários processos em momentos diferentes.

Nesta linha de pensamento, a abordagem territorial e a consideração da diversidade de situações evidenciam a necessidade de dar lugar adequado à migração, dado o peso desses migrantes no desenvolvimento socioeconômico e seu papel decisivo para o futuro dos territórios.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Renata Fonseca. *Design Thinking no planejamento publicitário: uma leitura a partir da perspectiva da reflexividade de Anthony Giddens*. 117 f. 2019. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Indústria Criativa) – Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2019. Disponível em: <<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/3970>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- ARMSTRONG, H.; TAYLOR, J. *Regional economics and policy*. 3. ed. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.
- ASENSI, Felipe Dutra. O espaço da ação coletiva na teoria da estruturação de Anthony Giddens. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais – IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.44-51, 30 mar. 2006. Anual. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/viewFile/11267/8217>>. Acesso em: 10 jul. 2019.
- ASSOGBA, Yao; FRÉCHETTE, Lucie; GAGNON, Caroline. Dynamiques des trajectoires migratoires intra-régionales des jeunes en Outaouais. Une enquête qualitative. *Cahier du CÉRIS*, série Recherches, n. 27, 2003.
- AYDALOT, Philippe. *Economie régionale et urbaine*. Paris: Editora Econômica, 1985.
- BERGER, P. L. et Luckmann, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Sesenta años de la CEPAL: textos seleccionados del decenio 1998-2008*. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.
- BÓGUS, Lucia Maria M.; FABIANO, Maria Lucia Alves. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, [S.l.], n. 18, out. 2016. ISSN 1982-4807. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/29806>>. Acesso em: 21 abr. 2019.
- BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. *International Migration Review*, vol. 23, n. 03, p. 638-670, 1989.
- CAIXETA, Marina Bolfarine. *O Sul global na política e academia*. Observatório Brasil e o Sul. 2014. Disponível em: <<https://obs.org.br/cooperacao/662-o-sul-global-na-politica-e-academia>>. Acesso em: 31/08/19
- CAMPOS, Heleniza Ávila; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (Org.). *Valorização do solo e reestruturação urbana: os novos produtos imobiliários na Região dos Vales - RS*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11624/1800>>. Acesso em: 31/08/19

CANCLINI, Néstor Garcia. *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CASALI, Adriana Machado. Relações da teoria da estruturação com a comunicação organizacional. *I Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas*, 2007. Disponível em: <www.abrapcorp.org.br/anais2007/trabalhos/gt1/gt1_casali.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; ARAUJO, D., TONHATI, T.. *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2017. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017.

COHEN, Ira J. Teoria da estruturação e práxis social. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). *Teoria social hoje*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

COHEN, Robert. *Global Diásporas – An Introduction*. London: UCL Press, 1999.

DANA, Samy. 'Pai do IDH', Amartya Sen defendeu desenvolvimento além do PIB. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/blog/samy-dana/post/pai-do-idh-amartya-sen-defendeu-desenvolvimento-alem-do-pib.html>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

DELFIN, Rodrigo Borges. *Relatório e nova plataforma revelam nuances e desafios das migrações no Brasil*. 2019. Disponível em: <<https://migramundo.com/relatorio-e-nova-plataforma-revelam-nuances-e-desafios-das-migracoes-no-brasil/>>. Acesso em: 31/08/19

_____. *Dificuldades e oportunidades: um breve relato dos extremos vividos por migrantes no Sul do Brasil*. 2017. Disponível em: <<https://migramundo.com/dificuldades-e-oportunidades-um-breve-relato-dos-extremos-vividos-por-migrantes-no-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 31/08/19

DIEZ, J. I.; EMILIOZZI, A. Redes institucionales y desarrollo económico em ciudades intermedias: los casos de Bahía Blanca y Río Cuarto. In: LATUADDA, M.; MÁRQUEZ, S. E; NEME; J. *Desarrollo rural e política: Argentina desde una perspectiva de gestión*. Buenos Aires: Fundación CICCUS, 2012.

DUMONT, L. M. M.; GATTONI, R. L. C. As relações informacionais na sociedade reflexiva de Giddens. *SciELO*, v. 32, n. 3, p. 46-53, set./dez., 2003.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. In: *Durkheim, vida e obra* (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 203-245.

ELA. Departamento de Estudos Latino Americanos da Universidade de Brasília – UnB. Disponível em: <<http://ela.unb.br/pt-br/laboratorios/obmigra>>. Acesso em: 31/08/19

FELD S.; MANÇO A. Transmission entre générations d'immigrés et intégration. In: PESTIAU, P. (dir.). *Héritage et transmissions intergénérationnelles*, Bruxelles: De Boeck, 1994. p. 145-182.

FERNANDES, João Luis Jesus. Tese. 2004. *Território, desenvolvimento e áreas protegidas*. A Rede Nacional de Áreas Protegidas e o caso do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. Policopiada, Coimbra, 2004.

FLICK, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRÉCHETTE, L.; DESMARAIS, D.; ASSOGBA, Y; PARÉ, Jean-Louis. L'intégration des jeunes à la ville: une dynamique de repérage spatial et social. Dans P. LeBlanc et M. Molgat. (dir). *La migration des jeunes. Aux frontières de l'espace et du temps*. p. 81 -106. Québec: Éditions de l'Institut québécois de recherche sur la culture, 2004.

GALLAND, Olivier. 1991; 2007. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin. Gauthier, Madeleine. (dir.). 1997. *Pourquoi partir? La migration des jeunes d'hier et d'aujourd'hui*. Coll. Culture et Société. Sainte-Foy: Presses de l'Université Laval-IQRC.

GARNEAU, Stéphanie. *Les mobilités internationales à l'ère de la globalisation*. Une comparaison sociologique des carrières spatiales et des socialisations professionnelles d'étudiants français et québécois. Thèse de doctorat présentée à la faculté de d'anthropologie et sociologie de l'Université Lumière-Lyon 2 en France, 2006.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. *Dualidade da estrutura: agência e estrutura*. Oeiras: Celta Editora, 2000.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002

_____. *Novas regras do método sociológico: uma crítica positiva das sociologias compreensivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *The consequences of modernity*. 2. ed. Grã-Bretanha: Hutchinson & Co. Publishers, 1991.

_____; BECK, U.; LASH, S. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina – Towards transnational perspective on migration. *Annals of the New York Academy of Sciences*, NY, vol. 645, 1992.

GODINHO, Rute E. *A dinâmica populacional de Santa Cruz do Sul*. São Paulo: CEBRAPF, 1980.

GONÇALVES, Ortelinda. *Migrações e Desenvolvimento*. Porto, Portugal: CEPESE/Fronteira do Caos, 2009.

GRUPO DE INVESTIGACIÓN DE CIUDADES INTERMEDIAS. Principales discusiones en torno de la dinámica de las ciudades intermedias. In: LATUADDA, M.; MÁRQUEZ, S. E; NEME; J. *Desarrollo rural e política: Argentina desde una perspectiva de gestión*. Buenos Aires: Fundación CICCUS, 2012.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e identidade: A rede “gaúcha” no nordeste*. RJ: EDUFF, 1997.

_____. *O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade*. 7. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2010*. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

_____. *Censo 2010 - resultados gerais da amostra*. 2012. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

_____. *Panorama da cidade de Santa Cruz do Sul, RS*. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul/panorama>>. Acesso em: 01 jan. 2018.

LIMA, J. V. R. B. C. A Noção de Desenvolvimento Sustentável à luz dos conceitos de Desenvolvimento Humano (Amartya Sen) e Democracia Dialógica (Anthony Giddens). *Redes* (Santa Cruz do Sul. Impresso), v. 3, p. 20-40, 2006.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MASSEY, Douglas. *Economic development and international migration in comparative perspective*. *Population and Development Review*, 1988.

_____ et al. *Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millenium*. Clarendon: Press Oxford, 1993a.

_____ et al. The social organization of migration. In: _____ et al. *Return to Aztlan – the social process of international migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, 1990. p.139-171.

MICHELINI, J.J.; DAVIES, C. Ciudades intermedias y desarrollo territorial: um analisis exploratorio del caso argentino. *Documentos de trabajo Gedeur*, n. 05, Madrid, 3º trim. 2009.

Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília.

MONT´ALVÃO, A.; NEUBERT, L. F.; SOUZA, M. F. Espaço e tempo na teoria da estruturação. *Política & Trabalho - Revista de Ciências Sociais*, n. 35, p.187-200, out., 2011. Disponível em: <https://search.proquest.com/openview/97e6b238e603fd67_ee5f8f55b1d9e0bd/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2040281>. Acesso em: 11 jul. 2019.

MOSCOVICI, S. On social representation. In: FORGAS, J. P. (ed.). *Social cognition*. London: Academic Press, 1981.

MUNICÍPIO DE SANTA CRUZ DO SUL. *Santa Cruz hoje*. Disponível em: <<http://www.santacruz.rs.gov.br/municipio/santa-cruz-hoje>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

OLIVEIRA, A. L. Comportamento Organizacional e Pesquisa Qualitativa: Algumas Reflexões Metodológicas. In: CHAMON, E. M. Q. O. *Gestão e Comportamento Humano nas Organizações*. Rio de Janeiro: Brasport, 2007. p. 180-205.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo Perspectiva*, São Paulo, vol. 19, n. 03, p. 23-33, set. 2005.

_____. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos avançados*, v. 20, n. 57, 2006. Disponível em: <https://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/Migracoes_internacionais_teorias_politicas_e_movimentos_sociais.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2019.

_____; BAENINGER, R. Migrações internacionais, globalização e blocos de integração econômica - Brasil no Mercosul. In: *Anais... I Congresso da Associação Latino Americana de População, ALAP*, realizado em Caxambu- MG, Brasil, de 18 a 20 de setembro de 2004.

PEIXOTO, João. *As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas*. Lisboa, Portugal: SOCIUS – Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, 2004.

PETERS, Gabriel. Tensões entre econômico e social: uma proposta de análise à luz da teoria da estruturação. *Teoria e Sociedade*, v. 19, n. 2, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://www.teoriaesociedade.fafich.ufmg.br/index.php/rts/article/view/13>>. Acesso em: 11 jul. 2019.

PORTES, Alejandro. Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview. In: _____ (ed.), *The economic sociology of immigration –*

essays on networks, ethnicity and entrepreneurship. NY: Russell Sage Foundation, 1995, p. 01-41.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, E. F.; MATOS, R. E. S.; GARCIA, R. A. As cidades médias como nódulos de equilíbrio da rede de cidades. *Revista paranaense de desenvolvimento*, Curitiba, n. 121, p. 41-63, jul./dez. 2011.

RAVENSTEIN, Ernest G. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, vol. 48, part II, p. 167-227, 1885.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

RICHMOND, Anthony H. *Immigration and ethnic conflict*. London: MacMillan Press, 1988.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das migrações*. Universidade Aberta, Lisboa, 1995.

RODRIGUES, Andrea Leite. Tensões entre econômico e social: uma proposta de análise à luz da teoria da estruturação. *RAE*, abr./jun., 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902008000200004>. Acesso em: 11 jul. 2019.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SILVEIRA, María Laura (Org.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SASAKI, Elisa Massa; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Teoria das Migrações Internacionais. (2000). In: *Anais... XII Encontro Nacional da ABEP 2000*, Caxambu, Outubro de 2000, GT de Migração, Sessão 3– A migração internacional no final do século. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetocenarios/downloads/CDH/Teoria_das_Migracoes_Internacionais.pdf>. Acesso em: 23 set. 2017.

SCHMITZ Guilherme de Oliveira. A migração e o desenvolvimento global: propostas para a organização do debate teórico e construção de uma agenda unificada de pesquisa. *Boletim de Economia e Política Internacional*, nº 19, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5316/1/BEPI_n19_Migra%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 31/08/19

SEN, Amartya. *O Desenvolvimento como Liberdade*. Lisboa: Gradiva, Col. Trajectos, 2003.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. *Cidade, corporação e periferia urbana: acumulação de capital e segregação espacial na (re)produção do espaço urbano*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

_____. Dinâmica do mercado imobiliário e práticas espaciais no processo de urbanização da capital mundial do tabaco. In: _____; PEREIRA, Paulo César Xavier; UEDA, Vanda (Org.). *Dinâmica imobiliária e reestruturação urbana na América Latina*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SIMMONS, Alan B. *Explaining Migration: Theory at the crossroads*. Louvain: Université Catholic, 1987.

SOJA. Edward. *Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria crítica social*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. *Cidades médias: espaços em transição*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____ et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: _____. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão popular, 2007.

TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YANS-Mc LAUGHLIN (ed.). *Virginia, Immigration Reconsidered*, NY/Oxford: Oxford University Press, 1990, p. 79-95.

UNESCO. *Towards a UNESCO culture and development indicators suite (2009-2010)*. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/pdf/Conv2005_CDindicators_Literature.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2018.

UNRIC - Centro de Informações Regionais das Nações Unidas. *Migrações internacionais: factos e dados estatísticos*. 2017. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/novedades-desenvolvimento-economico-e-social/2933>>. Acesso em: 19 out. 2017.

VELEZ DE CASTRO, Fátima. Os Migrantes e o(s) Território(s). Na busca pela segurança ontológica. *Actas do I Encontro Internacional sobre Migrações* - CD-Room, APDR, Faro, Portugal, 35 p., 2009. Disponível em: <<http://www.uc.pt/fluc/cegot/pdfs/fatima5>>. Acesso em: 04 jul. 2019.

VELHO, G. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

VOGT, Olgário Paulo. *A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS: (1849-1993)*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

VILLARREAL, María. *Velhos e novos olhares sobre migrações internacionais e desenvolvimento*. 2018. Disponível em: <<https://migramundo.com/velhos-e-novos-olhares-sobre-migracoes-internacionais-e-desenvolvimento/>>. Acesso em: 31/08/19

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturado

DADOS PESSOAIS

NOME COMPLETO:

IDADE:

NACIONALIDADE:

CIDADE DE RESIDÊNCIA:

TEMPO EM QUE RESIDE NA CIDADE:

PROFISSÃO (FORMAÇÃO):

OCUPAÇÃO ATUAL:

1 – Momento antes da viagem:

1.1) Conte-me sobre o seu ambiente de vida (moradia, estudos, lazer) quando você morava em sua cidade de origem.

1.2) Conte-me sobre as condições materiais (emprego, serviços, lazer) que você tinha em cidade de origem.

1.3) Conte-me sobre as conexões sociais (família, amigos, outras pessoas importantes) que você tinha em sua cidade de origem e a importância desses laços sociais para você.

1.4) Conte-me sobre as atividades (trabalho, estudos, participação na vida local) que você teve na sua cidade de origem.

2 – Partida e instalações:

2.1) Conte-me sobre os eventos que desencadeiam sua partida do seu país de origem.

2.2) Como você percebe sua partida (foi uma escolha, uma imposição etc.).

2.3) Conte-me sobre a momento da sua partida e a chegada na cidade de SCS (foi tranquilo, foi difícil).

2.4) Conte-me sobre seus deslocamentos anteriores (onde você morou antes de chegar a SCS?).

3 – Agora:

3.1) Conte-me sobre o seu meio de vida (no que se refere a moradia, estudos, lazer) na cidade de SCS.

3.2) Conte-me sobre as condições materiais (empregos, serviços, lazer etc.) que você tem na cidade.

1.3) Conte-me sobre as suas conexões sociais (família, amigos, outras pessoas importantes) que você tem na cidade e a importância desses links sociais para você.

1.4) Conte-me sobre as atividades (trabalho, estudos, participação na vida local) que você tem na cidade.

4 – Avaliação: Se você pudesse fazer uma comparação e avaliação entre a sua cidade no país de origem e da cidade atual, o que você diria sobre:

4.1) O meio em que vive (moradia, estudos, lazer):

4.2) Condições físicas (emprego, serviços):

4.3) Conexões sociais (família, amigos, outras pessoas significativas):

4.5) Atividades (trabalho, estudos, participação na vida local)

4.6) Você encontrou o que procurava na cidade de SCS? Quais são os principais desafios de viver em SCS?

5 – Projeções, o futuro:

5.1) Como você se projeta no futuro? (onde gostaria de estar? cidade, região, país)

5.2) O que você está planejando fazer no futuro? (Atividades, estudos, emprego)

5.3) Você pensa em retornar à sua cidade de origem?

6 – Pertencimento regional:

6.1) Você gostaria de falar sobre o seu sentimento de pertencer à sua cidade e país de origem? O que o define como... (país de origem)? (Percepção da identificação com seu país):

6.2) Quando lhe dizem que você vem de (país de origem), o que isso desperta em você?

6.3) Na sua opinião, qual será o futuro da do seu país de origem?

7 – Interculturalidade

7.1) Como são as suas relações / identificação com a cultura do país de origem? Definir cultura (os hábitos, o modo de viver, a forma como as pessoas se relacionam...)

7.2) Como são as suas relações / identificação com a cultura da cidade de SCS? Como descreveria as pessoas de SCS?

7.3) Quando se pensa nas duas questões culturais, em que elas convergem e em que elas divergem com SCS?

APÊNDICE B – Termo de concessão de informações**AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO DE ENTREVISTA
E USO DE INFORMAÇÕES**

Eu, _____, abaixo assinado(a), autorizo que a entrevista realizada pela mestrandia Gisele Padilha Simão, aluna do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), realizada no dia ____/____/2018, às ____ horas e ____ minutos, seja gravada em mídia eletrônica e posteriormente transcrita, para que sirva como material para análise a ser utilizado em seu Trabalho de Dissertação, que tratará da temática INTERCULTURALIDADE E IDENTIDADE TERRITORIAL: ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE MIGRANTES INTERNACIONAIS RECENTES NA CIDADE MÉDIA DE SANTA CRUZ DO SUL /RS, visto ser meio de confirmar a integridade das informações aqui prestadas, evitando que as mesmas sejam distorcidas. Também autorizo a utilização das informações para posterior publicação de artigo acadêmico em congressos ou revistas científicas.

Fica acordado entre as partes que essas informações só poderão ser utilizadas na situação definida neste documento, ficando proibido o uso para outro fim.

_____, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do(a) Entrevistado(a)